

UNIVERSIDADE ESTADUAL PAULISTA “JÚLIO DE MESQUITA FILHO”

FACULDADE DE HISTÓRIA, DIREITO E SERVIÇO SOCIAL

SEGISMUNDO SIQUEIRA FILHO

**A RESISTÊNCIA MAPUCHE AO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO
ESPANHOL NOS SÉCULOS XVI E XVII**

Um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar.

FRANCA

2009

Livros Grátis

<http://www.livrosgratis.com.br>

Milhares de livros grátis para download.

SEGISMUNDO SIQUEIRA FILHO

**A RESISTÊNCIA MAPUCHE AO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO
ESPANHOL NOS SÉCULOS XVI E XVII**
Um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar.

**Dissertação apresentada à Faculdade de História,
Direito e Serviço Social da Universidade Estadual
Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência
parcial para a obtenção do título de Mestre em História.
Área de Concentração: História e Cultura.**

**Orientadora: Prof. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha
Martins Portugal**

FRANCA

2009

Siqueira Filho, Segismundo

A resistência mapuche ao processo de colonização espanhol nos séculos XVI e XVII : um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jeronimo de Vivar. / Segismundo Siqueira Filho. –Franca : UNESP, 2009.

Dissertação – Mestrado – História – Faculdade de História,
Direito e Serviço Social – UNESP

1. Índios – História – Chile. 2. Mapuche – Resistência – Colonização. 3. Crônicas – América espanhola.

CDD – 983.064

SEGISMUNDO SIQUEIRA FILHO

**A RESISTÊNCIA MAPUCHE AO PROCESSO DE COLONIZAÇÃO
ESPANHOL NOS SÉCULOS XVI E XVII**

Um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar.

Dissertação apresentada à Faculdade de História, Direito e Serviço Social da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, como exigência parcial para a obtenção do título de Mestre em História. Área de Concentração: História e Cultura.

BANCA EXAMINADORA

Presidente: _____

**Profa. Dra. Ana Raquel Marques da Cunha Martins Portugal
(Unesp – Franca)**

1º Examinador: _____

2º Examinador: _____

Franca, ____ de _____ de 2009.

AGRADECIMENTOS

Agradeço imensamente a Prof. Dra. Ana Raquel, um anjo que o destino colocou em meu caminho. Sua paciência, sabedoria e as conversas descontraídas após as orientações foram imprescindíveis para a produção deste trabalho.

Agradeço também o apoio e incentivo de minha mãe Ana, meus irmãos, Henrique, toda a família e a memória de meu pai. A Elisa, por suas preciosas correções, pela paciência e atenção, sem ela, com certeza o caminho seria muito mais difícil. Ao amigo Ângelo e a todas as pessoas que de alguma maneira colaboraram, na medida de suas possibilidades, para o término deste trabalho, o meu muito obrigado.

Obrigado ao Prof. Dr. Alberto Ággio e Prof. Dr. Lélío Luiz de Oliveira por suas sabias e úteis dicas e orientações no exame de qualificação.

Siqueiros representó la Conquista en la figura de un gran centauro. Ercilla mostró al centauro acribillado por las flechas de nuestra araucanía natal. El renacentismo invasor propuso un nuevo establecimiento: el de los héroes. Y tal categoría la concedió a los españoles y a los indios, a los suyos y a los nuestros. Pero su corazón estuvo con los indomables.

Pablo Neruda

SIQUEIRA FILHO, Segismundo. **A resistência mapuche ao processo de colonização espanhol nos séculos XVI e XVII.** Um olhar sobre as obras de Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar. 2009. 105 f. Dissertação (Mestrado em História) – Faculdade de História, Direito e Serviço Social, Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

RESUMO

A colonização do Chile foi um processo longo e sangrento, marcado pela forte resistência indígena, principalmente na região denominada pelos espanhóis de Araucanía. Nesta região residia a numerosa etnia mapuche, que impôs uma feroz oposição ao domínio europeu. Durante este processo de resistência, os mapuches foram se aperfeiçoando na arte de guerrear: além das suas armas aprenderam a usar e adaptaram ao seu modo de vida as armas espanholas e os cavalos. Tudo isto, somados com sua coragem e tenacidade conseguiram prolongar os conflitos até o século XIX, influenciando no caráter e contribuindo profundamente para a formação da identidade chilena. Muitos desses feitos indígenas foram transmitidos através de cartas, crônicas e poemas. Dentre tantas, duas obras foram historicamente importantes: os relatos constantes na “Crônica de los Reinos de Chile” feitos por Jerônimo de Vivar e o poema épico “La Araucana” escrito por Alonso de Ercilla. As duas obras, cada qual em seu gênero, foram as primeiras produzidas nos primeiros anos da conquista espanhola no Chile. Os autores, ambos integrantes das tropas espanholas que adentraram os territórios chilenos, apresentaram ao velho mundo heróis coletivos, dois povos que lutavam, um pela conquista e outro pela defesa de seu território.

Palavras-chave: Chile; colonização; resistência indígena; mapuches; crônicas.

SIQUEIRA FILHO, Segismundo. **The resistance of mapuche against the process of spaniard colonization in the centuries XVI and XVII.** A look on the reports of Alonso de Ercilla and Jerónimo de Vivar. 2009 105 f. Dissertation (Master in History) – Faculty of History, Law and Social Work, São Paulo State University “Júlio de Mesquita Filho”, Franca, 2009.

ABSTRACT

The colonisation of Chile was a long and bloody process, determined by the strong Indian resistance. This was particularly the case in the region dominated by the Spaniards of Araucania. In this region there lived a large mapuche ethnic people that gave a ferocious resistance against the European domination. During the resistance the mapuche improved their fighting skills. They learned to use and adapt Spanish weapons and fighting methods and the use of horses. These, together with their brave and obstinate resistance, prolonged the conflict until XIX century and contributed to the formation of the Chilean identity. Many of these facts were being recorded and transmitted in letters and poems and also in the chronological record of the historical events of the conflict. Of the many records two items were historically more important. Reports in the chronicles of the reins of Chile (Chronicle the les reins de Chile) written by Jerónimo de Vivar and an epic poem “La Araucana” written by Alonso de Ercilla. These two reports, each with their own characteristics were written in the first years of the Spanish conquest. The authors, both Spanish soldiers who were part of the force that explored Chilean territory, showed to the European world the heroes of war. Two nations in conflict—one the conquer and the other to defend.

Key-words: Chile; colonisation; Indian resistance; mapuche; chronicles.

SUMÁRIO

APRESENTAÇÃO.....	08
1. ÍNDIOS E ESPANHÓIS.....	11
1.1 O Mundo indígena.....	11
1.1.1 A família mapuche.....	14
1.1.2 Organização social mapuche.....	18.
1.1.3 A religiosidade mapuche.....	21.
1.2 A empresa espanhola.....	26
1.2.1 O sistema de <i>encomienda</i>	30
1.2.2 A escravidão como fonte de renda.....	32
2. AS CRÔNICAS NA AMÉRICA HISPÂNICA.....	37
2.1 Os primeiros cronistas.....	37
2.1.1 Os primeiros cronistas no Chile.....	42
2.1.2 A crônica de Jerônimo de Vivar.....	48
2.1.3 O poema de Alonso de Ercilla.....	54
3. A RESISTÊNCIA MAPUCHE.....	64
3.1 A natureza guerreira.....	64
3.2 Os ritos de guerra.....	71
3.3 As armas mapuche.....	78
3.4 Lautaro.....	90
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	93
REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS.....	99

APRESENTAÇÃO

A resistência dos povos indígenas que habitavam os territórios que hoje formam o Chile teve início desde o primeiro momento em que os espanhóis pisaram na região, mostrando para os conquistadores que o domínio que pretendiam impor não seria aceito com facilidade pelas etnias que ali residiam. Todas elas, num primeiro momento, não viram com bons olhos aquele povo de aparência e roupas estranhas, montados em animais que jamais haviam visto, invadindo suas terras e plantações, propagando uma nova e incompreensível religião. Dentre todos estes povos, sobressai-se a etnia mapuche, que resistiu ferozmente por mais tempo ao domínio europeu, conseguindo resistir mais do que qualquer outro povo indígena presente na América do Sul. Os mapuches estavam fixados na região centro-sul do Chile, na província denominada pelos espanhóis de Araucanía. O completo domínio dos invasores sobre as terras mapuches somente se consolidou após a independência do Chile. Além de suas qualidades guerreiras alguns fatores foram de grande relevância para que esta etnia conseguisse uma maior resistência. O encontro com o europeu destruiu de forma irreparável o “status quo” existente no seio indígena e deu início a uma completa transformação da região araucana, da América indígena e também do mundo europeu. Os espanhóis por sua vez imbuídos dos ideais de colonizar, explorar e catequizar acreditavam que a expropriação material e cultural que estavam impondo aos “infieis” do Novo Mundo era legítima.

Iremos nos concentrar nos anos iniciais da conquista chilena e nos primeiros anos da colônia, um espaço temporal, aproximadamente, de pouco mais de cem anos. Sabemos que para adentrarmos neste terreno, teremos que nos valer de algumas fontes produzidas no período e que, cada qual ao seu modo, irá nos ajudar a completar as lacunas de nosso estudo. Dentro deste contexto, as crônicas produzidas durante o período colonial ibero-americano são de grande importância para o conhecimento das mais variadas realidades que existiram durante todo este período, e sem dúvida, também exerceram papel fundamental na própria colonização do continente americano. Os relatos dos cronistas apresentaram ao Velho Continente toda uma nova e espetacular realidade. Produzidas por militares, clérigos, eruditos ou viajantes retratavam, cada qual à sua maneira, os mais variados temas, e as mais variadas regiões da América. A produção destas crônicas atendia ao sistema burocrático espanhol que necessitava das informações para idealizar seu plano de conquista em cada região. E graças a novas análises destas fontes documentais os estudos da América colonial estão se

enriquecendo cada vez mais. Nosso trabalho tem como ponto de partida duas importantes obras na história colonial chilena: *Crónica y relación copiosa y verdadera de los reinos de Chile* de Jerônimo de Vivar e *La Araucana* de Alonso de Ercilla. A obra de Vivar trata-se do primeiro relato em formato de crônica produzida no Chile. A segunda obra é um poema épico produzido nos anos iniciais da colonização chilena por um nobre espanhol, e que alcançou grande êxito editorial no Chile e na Europa durante todo o período colonial. Os dois autores, ambos integrantes das tropas espanholas que adentraram os territórios chilenos, são homens cultos da corte e através de suas obras relatam fatos contemporâneos apresentando ao velho mundo heróis coletivos, dois povos que lutam, um pela conquista e outro pela defesa de seu território e dos seus costumes. Por um lado, exaltam as idéias expansionistas, católicas e absolutistas do reinado de Felipe II, elevando a valentia e os valores morais de um povo “bárbaro e primitivo”, segundo as concepções da cultura eurocêntrica dominante.

Por meio das fontes, faremos num primeiro momento o levantamento das condições em que se encontravam os indígenas: qual tipo de evolução social e de trabalho que apresentavam no momento do contato, suas fontes de recursos, costumes matrimoniais e religiosos. Também iremos nos debruçar sobre o modelo de colonização empregado pelos espanhóis nas terras chilenas, o sistema de *encomienda* e o financiamento da colônia. Os europeus que se instalaram na colônia chilena tinham o interesse privado como seu eixo principal. Inúmeros aventureiros interessados nas riquezas do novo mundo seguem rumo ao desconhecido continente para tentar a sorte. A empresa privada espanhola foi a solução encontrada pela Coroa Real para suprir sua falta de recursos e de um exército estatal forte e competente, capaz de levar adiante a colonização e a exploração de novas terras.

Posteriormente iremos discorrer sobre as adaptações e o aprendizado que o povo mapuche empregou nas lutas contra os europeus. O direcionamento da colonização chilena sofreu uma drástica alteração após os mapuche integrarem novas armas, de origem européia, ao seu exército. Além dessas armas também aprenderam novas táticas de combate que prontamente adaptaram ao seu território conseguindo com isso resultados ainda mais eficientes. Daremos especial atenção ao aprendizado mapuche no uso dos equinos, como o utilizaram na defesa de seu território e no seu dia a dia. Sabemos que este animal inicialmente provocou um imenso pavor nos índios, mas estes logo conseguiram superar o medo inicial e transformaram sua utilização numa verdadeira ferramenta a seu favor. Daremos atenção ao contato dos mapuche com as armas de fogo, como foi sua utilização por parte destes e qual a influência nos conflitos. Debruçaremos um olhar sobre como foi o processo de incorporação dessas novidades ao universo religioso dos índios. Faremos o levantamento dos fatores

facilitadores dessas aprendizagens e as circunstâncias em que ocorreram, além de analisarmos qual a reação dos espanhóis diante dessa nova perspectiva guerreira mapuche e se esta reação pode ser identificada nos documentos produzidos na época.

CAPÍTULO 1 ÍNDIOS E ESPANHÓIS

1.1 O Mundo Indígena

A geografia chilena sempre exerceu grande influência sobre a vida, a configuração e a organização das diversas etnias que ali se instalaram durante os milhares de anos que antecederam ao encontro com os europeus. O território é formado por uma estreita e longa faixa de terra compreendida entre a cordilheira dos Andes e o oceano Pacífico. Devido a sua extensão em latitude, o Chile apresenta todos os climas característicos das regiões ocidentais dos continentes, com exceção dos tropicais úmidos e polares¹.

A vida estava concentrada nos lugares onde existiam os elementos necessários: fontes de água, caça, pesca, terra para coletar seus frutos ou plantar (para aquelas etnias que já possuíam o conhecimento agrícola).² Embora os vários povos possuíssem entre si uma relação étnica e lingüística, as tribos do norte (aricanos, atacamenhos e diaguitas) apresentavam um estágio diferente dos povos mais ao sul, resultante dos contatos que mantiveram com o Império Inca. Na região austral (extremo sul) existiam diversos outros povos, sobre os quais existe pouca documentação, já que durante a colonização do território chileno o extremo sul foi pouco explorado e conseqüentemente houve produção reduzida de crônicas e relatos dos viajantes e colonizadores.

Nas províncias meridionais, centro-sul do território chileno, destacam-se três grandes grupos: os Mapuche, os Huillínche e os Serranos (Pehuenche, Puelche e Poyas). Os huillínches tinham costumes funerários e também praticavam o artesanato com cerâmicas, característica de todas as etnias indígenas do Chile. Segundo Ricardo Latcham³ os huillínches, residentes do sul, fazem parte da mesma raça dos picunches, etnia que viveu no norte do país. O arqueólogo afirma, baseado em provas antropológicas, arqueológicas e também trechos de cartas do conquistador Pedro de Valdivia, que estes dois povos anteriormente eram um só e

¹ GALDAMES, Osvaldo S. **Breve História Contemporânea de Chile**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995. pp 7-23.

² GONGORA MARMOLEJO, Alonso de. **História de Chile. Desde su descubrimiento hasta el año de 1575**. Tomo II. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1862.

³ LATCHAM, Ricardo E. **La Prehistoria Chilena**. Santiago, 1928. passim

foram violentamente separados pelo estabelecimento dos mapuche na região num período de mais ou menos duzentos anos antes da chegada dos espanhóis⁴.

Os chamados povos da Cordilheira podem ser considerados a continuação dos povos andinos que residem no norte do Chile e sul do Peru. Trabalhavam a cerâmica, tinham costumes religiosos, caçavam e também coletavam. Pehuenches, puelches e poyas eram nômades, originários dos Pampas, e apesar de terem se adaptado aos costumes dos povos da Região Andina foram detectadas muitas semelhanças com os Tehuelches – etnia encontrada na região da Patagônia⁵. Os Pehuenches eram indígenas bravos, de alta estatura, constituíam bandos de caçadores e coletores. Devido ao costume de coletar um tipo de pinhão, denominado *pehuén*, originou-se o nome desta etnia, *pehuenches*. Não tinham uma organização central, uniam-se somente quando tinham um interesse em comum. Fixavam-se temporariamente conforme suas necessidades de sobrevivência, principalmente perto dos recursos naturais, mas também quando precisavam combater seus inimigos⁶.

Entre todos os povos nativos que habitavam o atual território do Chile, os mapuche⁷ aparecem com maior destaque, primeiro por ser a etnia mais numerosa e segundo porque conseguiu se opor por mais tempo ao processo de colonização. Assentados entre os rios Itata e Toltén, na zona centro-sul, e aparentados lingüisticamente com seus vizinhos os huilliches e pehuenches, os mapuche apresentaram uma feroz resistência à dominação espanhola durante todo o século XVI, chegando ao ponto de expulsarem, por um longo período, os europeus de seu território. A grande rebelião que determinou o surgimento de uma linha de fronteira durou de 1598 até 1602. Estes conflitos foram denominados de “Guerra de Arauco” e prolongaram-se durante a primeira metade do século XVII, diminuindo após a grande rebelião de 1656. A partir daí iniciaram-se as relações fronteiriças entre espanhóis e mapuches, relações que se estenderam até o século XIX. Os contatos de fronteira, intensificação do comércio entre *criollos* e índios produziram importantes transformações sociais no mundo mapuche levando a sua fragmentação.

Apesar de se dividirem em várias tribos possuíam uma língua em comum e costumes similares, tendo apenas alguns costumes regionais. Dotados de uma notável unidade cultural e uma grande força defensiva e expansiva, que nem mesmo a dominação espanhola pode

⁴ ESTEVE BARBA, Francisco. “Descubrimiento y conquista de Chile” In: BALLESTEROS Y BERETTA, Antonio (orgs) **História de América y de los pueblos americanos**. Barcelona: Salvat Editores, 1946. Tomo XI. p. 106.

⁵ LATCHAM. op. cit.

⁶ VILLALOBOS R. Sergio. **Vida Fronteriza em la Araucania. El mito de la Guerra de Arauco**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1995. p. 33

⁷ Na língua mapuche o mapudungun, a expressão *mapu* significa terra e *che* significa gente (gente da terra).

submetê-los completamente. Quando da chegada dos europeus, já haviam abandonado o nomadismo há muito tempo, transformando-se em agricultores e criadores de gado. A caça e a pesca também ocupavam importantes espaços em seu modo de vida. Sua alimentação era baseada no consumo de diversos vegetais. Cultivavam, entre outros, madí, quinoa, maíz (milho), feijões e pimentão, coletavam raízes, talos de plantas e sementes. Possuíam rebanhos de lhamas que lhes forneciam lã, carne e couro; caçavam guanacos, pumas, huemules e raposas utilizando-se de arco e flecha⁸.

Os mapuche viviam nos lugares que lhes ofereciam maior quantidade de recursos para sua subsistência. Construía suas moradias as *Rucas* (ocas)⁹ no ponto mais alto do terreno para controlar a presença dos inimigos, ao mesmo tempo em que vigiavam seus rebanhos. O *lonko* ocupava a *ruca* com as melhores condições. A *ruca* dos mapuche era uma habitação espaçosa, retangular ou ovulada, feita com troncos e folhas, onde residia a família inteira. A vestimenta, no geral, para os homens era composta por um camisa sem mangas, complementado com o *chiripá*, que trançavam entre as pernas e prendiam na cintura. As mulheres usavam uma manta como se fosse uma fralda curta e tanto os homens como as mulheres usavam ponchos largos¹⁰.

Na fabricação de seus utensílios usavam diversos materiais, tais como: madeira para fazer bacias, pratos e jarros; com fibras vegetais faziam cordas, redes e cestos; de argila faziam pratos, jarros e panelas, todos com pobre ornamentação ou até mesmo sem nenhuma. Praticamente não trabalhavam o ouro ou a prata; obtinham pouca quantidade destes metais quando comerciavam com alguns povos do norte, utilizando-os para ornamentação pessoal, adornos, ponta de flechas e lanças¹¹.

Este modo de vida inicialmente provocou espanto no próprio Pedro de Valdivia; em uma de suas cartas ao Imperador Carlos V ele exclama:

Lo que puedo decir con verdad de la bondad de esta tierra es que cuantos vasallos de vuestra Majestad están en ella y han visto la Nueva España dicen ser de mucha más cantidad de gente que la de allá; es todo un pueblo e una sementera y una mina de oro, y si las casas no se ponen unas sobre otras, no pueden caber en ella más de las que tiene; próspera de ganado como la del Perú, con una lana que le arrastra por el suelo; abundosa de todos los mantenimientos los indios para su sustentación así como maíz, papas, quinua, ají y frisoles. La gente es crecida, doméstica y amigable y blanca e de lindos rostros, así hombres como mujeres; vestidos todos de lana a su modo, aunque los vestidos son algo groseros; tienen muy gran temor a los caballos;

⁸ VILLALOBOS., 1995, op. cit. p. 27

⁹ ZAPATER, Horácio. **La búsqueda de la paz em la Guerra de Arauco: Padre Luis de Valdivia**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1992. p. 83

¹⁰ Ibid. p. 28

¹¹ Ibid. p. 29

aman en demasía los hijos e mujeres e las casas, las cuales tienen muy bien hechas y fuertes, con grandes tablazonas, y muchas muy grandes, y de a dos, cuatro y ocho puertas; tiénenlas llenas de todo género de comida y lana; tienen muchas y muy polidas vasijas de barro y madera; son grandísimos labradores, y tan grandes bebedores; el derecho de ellos está en las armas, y así las tienen todos en sus casas y muy a punto para de defender de sus vecinos y ofender al que menos puede. Es de muy lindo temple la tierra y que se darán en ella todo género de plantas de España mejor que allá. Esto es lo que hasta ahora hemos reconocido de esta gente.¹²

Acreditamos que um dos principais motivos para a resistência dessa etnia estava na tentativa de manutenção de seu *admapu*. Segundo a crença mapuche, este costume pode ser entendido como: a interação do índio com a natureza, que deve ser realizada de forma respeitosa; a relação com os espíritos dos antepassados através dos rituais; a organização social respeitando princípios da hierarquia e respeito ao território; os costumes rituais em tempos de guerra¹³. Diante deste cenário analisaremos a seguir os principais componentes do *admapu*: a família (que era o alicerce da sociedade), as relações sociais e a religiosidade através da qual eram feitos os rituais.

1.1.1 A família mapuche

No século XVI a família mapuche apresentava filiação matrilinear (já em transição para o sistema patriarcal) e também tinha costumes poligâmicos. Apesar da poligamia, na sua grande maioria, os matrimônios eram monogâmicos, pois somente aqueles que eram mais ricos e os caciques podiam sustentar várias esposas. Este comportamento estava propenso a estabelecer um sistema de parentesco bem numeroso, quase todos os membros tinham uma agrupação ligada por laços de sangue ou afinidade.

A mulher estava absolutamente submetida ao homem em todos os aspectos da vida. Além do aspecto sexual e do lugar no lar, ela também representava valor econômico por seu trabalho na agricultura, na elaboração de tecido, cestas, cerâmica e outros. Por este motivo a mulher também era vista como um bem sujeito a transações. Nem mesmo o casamento escapava dessa lógica. Para se casar, geralmente, o noivo devia raptar a pretendida. Muitas

¹² VALDIVIA, Pedro de. **Cartas de Relación de la conquista de Chile**. Edición crítica de Mario Ferreccio Podestá. Santiago. Editorial universitaria, 1970 [1550] p. 223

¹³ PINTO, Jorge. SALINAS, Maximiliano e FOESTER, Rolf, **Misticismo y violencia en la temprana evangelización de Chile**. Temuco: Departamentode Humanidades. Facultad de Educación y Humanidades Universidad de La Frontera, 1991. p. 188

vezes eram raptos apenas simulados. A família da noiva deveria ser recompensada pelo noivo com a entrega de diversos bens ao pai.

O ato que estabelecia as uniões matrimoniais era cercado por um ritual dividido em duas partes: o rapto da pretendida e o pagamento da dívida, que era contraída no instante que o pretendente efetuava o rapto. Uma vez que o noivo ajustava o “negócio” e os pagamentos com o pai, (na falta deste com o irmão mais velho ou parente responsável), dava-se início ao “processo”. Rodeava a casa com seus parentes e amigos, por vezes, levava até uma comitiva e se dirigiam ao interior da oca em busca da noiva. Esta, por sua vez, promovia uma certa “resistência”: com ajuda das mulheres mais velhas e irmãs, atiravam paus, pedras e objetos. Os homens, respeitando o costume, permaneciam indiferentes a esta cena, continuando seus afazeres com o rebanho. Posteriormente, quando os índios incorporaram a seus costumes o cavalo, costumavam colocar a noiva na garupa (antes do cavalo, as levavam nos braços)¹⁴.

O rapto era um ato fictício, uma cerimônia combinada, em que havia uma resistência simulada. Em raras ocasiões o rapto era verdadeiro, sem o consentimento da família. Isto só ocorria quando o pretendente não possuía os bens necessários para pagar o dote exigido pelo casamento. Compravam-se mulheres por bebidas, comidas, vestidos, lhamas, dinheiro, ou qualquer outra coisa de valor.¹⁵ Após o pagamento do dote convidavam os parentes para celebrar a cerimônia; as festas duravam vários dias. Algumas vezes o casamento ocorria sem a encenação do rapto. Apenas um simples contrato de compra e venda.

Existiam ainda outros dois tipos de matrimônio: no primeiro, duas pessoas que dispunham livremente de sua vontade e bens se uniam sem cerimônias nupciais e sem contratos. No segundo, o homem e a mulher podiam unir-se em matrimônio sem o consentimento do pai, neste caso os pretendentes fugiam juntos e depois de algum tempo voltavam e o noivo combinava o valor do pagamento a ser feito e o prazo.¹⁶

Os costumes de trocar de filhas por dinheiro e mercadorias manteve-se vivo em algumas tribos durante todo o período colonial, chegando até o século XX. Era muito forte a idéia de que o nascimento de uma mulher trazia muito mais benefícios do que de um varão. O pai tinha o direito de “retomar” a filha caso o valor estipulado não fosse pago, mas isso raramente acontecia. Era desonroso para qualquer indivíduo mapuche contrariar os costumes

¹⁴ GUEVARA, Tomas. **Costumbres judiciales i enseñanza de los araucanos**. Santiago: Imprenta Cervantes, 1904. p. 19-21

¹⁵ GONZALEZ DE NÁJERA, Alonso. **Desengaño y reparo de la guerra de Chile**. Santiago: Edit. Universitária, 1970. p. 46.

¹⁶ GUEVARA, loc. cit.

e a moral. O marido podia se negar a pagar quando a mulher morria prematuramente e também podia pedir a devolução do pagamento quando a esposa abandonava o lar.

Depois de adquirida, a mulher se tornava inteiramente propriedade do homem, ficando literalmente à disposição de seu proprietário. Caso fosse comprada na qualidade de escrava tinha que cozinhar, semear, tecer, buscar água e lenha, fazer a colheita, em suma, fazer todos os trabalhos da casa e do campo. Se houvesse descuido ou displicência de suas atribuições o marido a castigava impiedosamente. Por muitas vezes apanhava apenas pelo estado de embriaguez do marido. Ela, por sua vez, sempre deveria cumprir resignada sua missão angustiante e servil; acreditava que tudo era parte de um sistema natural, baseado nas práticas de seus antepassados. As funções estavam repartidas entre mulheres e homens. As primeiras deveriam efetuar trabalhos produtivos, incluindo os trabalhos agrícolas. Os homens concentravam-se apenas nas lutas e guerras, na preparação das mesmas, nas caçadas e nas festas.¹⁷

A virgindade da mulher mapuche não era um tabu, fato que provocou imensa surpresa e indignação aos espanhóis, guiados pela rígida doutrina católica. As mulheres solteiras, muitas vezes, se relacionavam com homens solteiros; muitas se entregavam a quem bem entendessem. Nas festas e reuniões, após as bebedeiras, verificava-se uma intensa promiscuidade, onde em muitos casos não se respeitava nem mesmo o parentesco de primeiro grau. Estes fatos, notadamente, nos mostram o contraste que existia entre as mulheres casadas e solteiras. Já que para as casadas não havia tolerância à infidelidade,¹⁸ havia alguns critérios para se manter uma “certa harmonia” entre as esposas. A primeira esposa gozava de alguns privilégios e se preocupava em manter a ordem da casa e a vigilância sobre as outras esposas. As práticas matrimoniais eram realizadas em turnos por noite ou por semanas; por vezes, quando o marido se embriagava a ordem era interrompida. Este “sistema” de controle facilitava a harmonia das mulheres, mas como em qualquer outra civilização, ocorriam desentendimentos, ciúmes e rivalidades. Pineda y Bascuñ mostra em sua crônica o depoimento de um cacique com várias esposas:

Porque cuando mozo llegué a tener veinte mujeres, y todas de diferentes condiciones, las unas celosas con extremo, otras mal acondicionadas, otras insufribles entre mansas y apacibles, algunas aviesas y no bien inclinadas, y sobre todo otras necias y impertinentes; mirad si estaré bien experimentado y capaz de lo

¹⁷ Ibid.

¹⁸ Ibid.

que son, y de sus astucias y malicias, que no podrán sujetar-me sus halagos, ni prevaricarme sus razones.¹⁹

Quando um cacique morria seus filhos herdavam as mulheres (menos a mãe). Na falta de um filho homem a herança ficava para os irmãos ou tios do falecido. A mulher que tivesse condições podia comprar sua liberdade pagando a mesma quantia que foi paga por ela; a viúva, mãe do filho herdeiro também se tornava livre. Elas poderiam voltar à sua tribo de origem ou adquirir um novo matrimônio.²⁰

Os filhos tinham um desenvolvimento muito rápido, principalmente o porte físico. Desde pequenos se dedicavam aos exercícios físicos e guerreiros, assistiam as reuniões e cerimoniais de seus pais. Estes viam com satisfação os filhos imitando os vícios e costumes dos adultos. Quando jovens desenvolviam seu vigor corporal e despertavam seus instintos sexuais; passavam horas estendidos ao sol ociosos ou entregues a jogos e divertimentos. Por vezes desrespeitavam o próprio pai com palavras e gestos. O pai, por sua vez, sempre mostrava sua afeição e não escondia suas emoções do filho, chorava por alguma desgraça ocorrida ao rebento ou por sua morte. O com ele, não corrigia seus maus instintos, ria quando este o insultava ou insultava e agredia as mulheres da família. Mas ao mesmo tempo, por uma pequena contrariedade, explodia sua cólera e maltratava o filho muitas vezes com surras violentas.

Existiam entre os mapuche vários jogos e brincadeiras que visavam inserir desde cedo os meninos no universo guerreiro mapuche. Dentre eles podemos destacar: o *peukutun* destinado ao desenvolvimento da agilidade e força física; *trentrikautun* que os ensinava a desenvolver seu equilíbrio, os mapuche acreditavam que durante as batalhas seria mais fácil aproveitar algumas situações, como se equilibrar em cima de um tronco, galho ou arbusto para pode lançar uma flecha ou lança; havia também o *pizkoitun* destinado ao desenvolvimento da velocidade, necessário para atacar ou resgatar algum companheiro ferido; *dullikan* uma atividade que movimentava os músculos dos pés, pernas e braços, era destinado ao desenvolvimento da força e elasticidade do corpo, segundo sua crença indispensável numa guerra; *nürükuram* uma brincadeira que tinha grande influência entre os mapuche, nela imitavam uma raposa, acreditando assim que iriam se apropriar da agilidade, esperteza e atrevimento próprios deste animal. Estes são apenas alguns dentre os vários existentes no

¹⁹ PINEDA Y BASCUÑAN, Francisco Nuñez de. **Cautiverio Feliz**. Santiago. Editorial Universitária, 1973 [1673] p. 453

²⁰ GUEVARA. loc. cit.

universo mapuche, mas todos voltados para a preparação dos futuros guerreiros, e muitos destes jogos eram ensinados pelo próprio pai.²¹

En lo que usan los niños, en teniendo
Habilidad y fuerza provechosa,
Es que un trecho seguido han de ir corriendo
Por una áspera cuesta pedregosa;
Y al puesto y fin del curso revolviendo
Le dan al vencedor alguna cosa:
Vienen a ser tan sueltos y alentados
Que alcanzan por aliento los venados.

Y desde la niñez al ejercicio
Los apremian por fuerza y los incitan,
Y en el bélico estudio y duro oficio,
Entrando en más edad, los ejercitan:
Si alguno de flaqueza da un indicio,
Del uso militar lo inhabilitan;
Y el que sale en las armas señalado
Conforme a su valor le dan el grado.²²

Ao que nos parece a família mapuche era muito mais ligada por costumes e convenções do que simplesmente por ligação afetiva ou de parentesco. Formavam um conjunto de cooperadores, trabalhando em prol das necessidades materiais e religiosas da *ruca*, do *rehue* e do *aillarehue*, defendendo-se mutuamente contra as agressões e os inimigos.

1.1.2 Organização social mapuche

A sociedade mapuche não contava com uma organização mais complexa, no estilo de Incas ou Astecas. Pode-se dizer que estavam divididos em clãs, denominados de *levos* (*rehues* em mapudungun). Normalmente, estavam compostos por mais de mil adultos e cada clã ocupava um determinado território. Todos os integrantes descendiam de um antepassado em comum, de onde derivava sua linhagem de acordo com a aliança celebrada com um animal ou elemento da natureza, cujas características acreditavam possuir e de onde se originavam os nomes individuais.

²¹ MANQUILEF, Manuel. **Comentarios del Pueblo Araucano**. La gimnasia nacional. Santiago: Imprenta Barcelona, 1914. p. 36-39.

²² ERCILLA, Alonso de. **La Araucana**. Edición Del Centenário el publica José Toribio Medina. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1910. disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/p246/13560953901028051800080/index.htm> acesso 23 abril 2007. canto 1

À frente de cada *levo* ou *rehue* havia um chefe chamado de *lonko*, cujo cargo era hereditário. Seu poder dependia, principalmente, do seu prestígio pessoal, que por sua vez era relacionado com sua valentia, caráter e também com sua riqueza. O simples fato de ocupar o cargo não garantia autoridade ou influência. A transmissão do cargo de *lonko* era feita para o filho mais velho e apesar da hereditariedade a maioria dos membros do *rehue* tinham de estar de acordo com a nova designação.²³

Com base na afirmação acima podemos notar que algumas informações transmitidas pelos cronistas não correspondem à realidade. Alguns descrevem os caciques como autoritários e arrogantes. Alonso de Ercilla, em *La Araucana*, erroneamente, dá grande ênfase a estas “características” indígenas.

Foram os espanhóis que impuseram a denominação de “cacique” aos *lonkos* e as outras autoridades indígenas, desconhecendo as especificidades locais que cada denominação carrega. Paralelamente a esta política unificadora e globalizante, a Coroa Espanhola procurou desde o início da conquista da América, conhecer as formas ancestrais de governo de cada um dos povos indígenas, respeitando seu conjunto de leis e não fazendo alterações naquilo que não contrariasse as leis espanholas e da igreja católica. Inclusive adaptando estas leis (espanholas e eclesiásticas) aos costumes indígenas.²⁴

É nítido que não faziam isso por respeito à diversidade dos povos originários, tencionavam apenas aproveitar a estrutura social dos índios em favor da dominação espanhola. O raciocínio era que se as tribos haviam obedecido e respeitado aos seus “caciques”, lhes rendiam vassalagem, tributos e privilégios, a coroa espanhola herdaria estes mesmos benefícios e a obediência que haviam dado à suas autoridades originárias.

A forma de governo mapuche antes da chegada do espanhol era uma reunião de instâncias superiores de organização, um conjunto de tribos de um mesmo território, representado pelos *lonkos*. Cada uma destas tribos tinha sua autonomia, mas nas ocasiões de interesse geral tomavam resoluções de comum acordo e estas decisões eram respeitadas por todos. Apesar de não possuírem uma estrutura complexa em termos estatais, os mapuche tinham, de certa forma, um governo “democrático”, por meio dos conselhos onde eram tomadas as decisões.

Em uma primeira etapa, durante o século XVI, as crônicas registram uma forma de governo indireto, as juntas, também conhecidas como conselhos, que eram convocadas com a assistência das diversas tribos, as chamadas *Lof*. Ao final do século XVI, este tipo de

²³ VILLALOBOS., 1995, op. cit. p. 29

²⁴ ELLIOTT, J. H. *Espana y su mundo; 1500-1700*. Madrid: Alianza Editorial, 1990. p. 69

organização se tornou mais complexa, formando-se uma estrutura, geralmente, de forma piramidal: várias *rucas* formavam o *Rewe* ou *Rehue* (chamado de *reguas* pelos espanhóis); vários *rehues* formavam um *aillarehue*. Os *rehues* se agrupavam de acordo com características de afinidade cultural, parentesco, território em comum e outras; em alguns lugares foram homogêneas e em outros não. Documentos descrevem que um *aillarehue* era formado por nove *rehues*. Os *aillarehues* se agrupam e se constituem no *Fütanmapu*, termo que foi chamado pelos espanhóis de *Butanmapu*. Este *fütanmapu* poderia ser entendido como a “identidade territorial” dos mapuche. Os conselhos eram a estrutura de governo, de justiça, resolução de dúvidas e decisões sobre guerras²⁵.

Alonso de Ovalle, referindo-se a esta estrutura observa:

"por esta mesma causa no sólo resistieron al señorío del Inga, pero no quisieron jamás admitir rey de su propia nación ni de la ajena, porque el amor y estima de la propia libertad prevaleció siempre contra todas las razones de estado con que la política pudiera persuadir lo contrario, ni tampoco usaron del gobierno de república, porque su ánimo impaciente y guerrero no pudo ajustarse con las esperas y atenciones necesarias para el acuerdo y unión de muchos pareceres; por esto tiró cada uno por su camino, o por mejor decir, cada familia y parentela, eligiendo cada una entre todos uno que los gobernase, a cuyo orden estaban todos los demás, y de aquí tuvieron origen los caciques, que son los príncipes y señores de vasallos, que después se fueron heredando y sucediéndose de padres a hijos, entre los cuales el primogénito sucede a su padre en el derecho del señorío y cacicazgo."²⁶

Cada tribo governava sua jurisdição sem nenhuma dependência nem subordinação à outra, contudo, quando surge algum perigo sobre suas terras ou tribos, os *lonkos* (principais personagens), os anciãos e os homens mais experientes, segundo seus costumes, formam as juntas, debatem e tomam as decisões conforme a decisão da maioria. Se o caso for de guerra elegem um chefe supremo (*toki*) para comandar os exércitos.²⁷ Foi assim com os Incas quando adentraram as terras mapuche e posteriormente com os espanhóis. Vale destacar que nas reuniões do conselho, não só tomavam decisões sobre declarar guerra, mas também propor acordos de paz, os chamados parlamentos. Propunham ouvir o inimigo e tentar a paz com eles, sem renunciar ao seu direito; e para tanto enviavam um embaixador para as negociações.

Os mapuche não tinham uma forma estatal, não havia instituições coercitivas que impusessem um mando único sobre todas as tribos. Cada conselho consultivo, convocado por um *lonko* qualquer, tomava decisões que só obrigavam os que haviam participado no conselho e nas cerimônias com que se solenizavam e sancionavam os acordos. Nenhuma crônica que

²⁵ GUEVARA, op. cit. p. 9-13

²⁶ OVALLE, Alonso de. **Histórica Relación del Reino de Chile**. Santiago, Instituto de Literatura Chilena. 1969 [1646] p. 85

²⁷ No capítulo 3 deste trabalho detalharemos todo o processo de escolha do *toki*

relata a resistência mapuche perante os espanhóis durante todo o período colonial descreve um acordo simultâneo ou unânime de toda a etnia, principalmente no que tange à resistência armada. Os *rehues* ou *aillarehues* que permaneciam à margem das decisões dos conselhos mantinham sua autonomia e esta era respeitada pelos participantes. Por sua vez, todos os participantes estavam obrigados a cumprir os acordos feitos.²⁸

Desta maneira, dá-se o cumprimento de uma das principais características mapuche: a pluralidade, o respeito à diversidade compatível com o princípio de respeito e sujeição aos costumes ancestrais e as resoluções coletivas, princípio baseado no valor supremo, na palavra empenhada e do reconhecimento ao compromisso adquirido nas reuniões, acordo, tratos e tratados. Uma estrutura de caráter ancestral que incorporou poucas mudanças do século XVI ao XIX, sendo profundamente afetada somente após a independência.

1.1.3 A religiosidade mapuche

Desde o início da conquista o conhecimento da dimensão religiosa dos mapuche foi uma grande preocupação dos espanhóis. Tanto por parte das autoridades civis como das religiosas. Este interesse se explica, em grande parte, porque através dessa religiosidade, se tornaria possível fazer um diagnóstico completo das dificuldades que encontrariam para a conversão dos “bárbaros” ao cristianismo. Era necessário construir o conhecimento sobre o outro, colher frutos e atingir expectativas.²⁹ Claro que as regras para essa construção estavam regulamentadas pela mentalidade medieva, profundamente irrigada nos costumes e crenças católicas, geralmente uma visão atrapalhada por imagens pré-concebidas.

Isto não significa que os missionários ou autoridades não enxergaram uma grande quantidade de crenças, mitos, ritos e costumes, etc. sobre a religiosidade destes indígenas. O problema era a maneira como os europeus os interpretavam e o sistema que usavam para transformá-los em significativos ou não. Na própria obra de Vivar encontramos uma série de afirmações e juízos sobre os mapuche que se contradizem:

Hasta del río de Itata hasta el río de Toltén, que está ocho leguas de la ciudad Imperial, sesenta leguas, y todo este tér está muy poblada de gente muy belicosa. De todas estas sesenta leguas y comarca de Santiago es una lengua. Estos no adoran a

²⁸ GUEVARA, loc. cit.

²⁹ ELLIOTT, op. cit. p. 70-71

ninguna cosa, ni tienen ídolos, y son muy grandes. Tienen esta orden entre ellos que cada lebo, que es una parcialida, tienen un señor, y estos principales obedecen aquella cabeza.³⁰

[...] y todos se ajuntan en ciertos tiempos del año en una parte señalada que tiene para aquel efecto. Ajuntados allí, comen y beben y averiguan daños y hacen justicia al que la merece, y allí conciertan y ordenan y mandan, y esto es guardado. Esto es como cuando entran a cabildo.³¹

Num primeiro momento, acredita-se que as práticas idolátricas, tão comuns aos povos mesoamericanos e andinos, não existiram entre os mapuche. Sem dúvida a ausência de ídolos não significava carência de culto a certas divindades: “Es su adoración al sol y a la luna”.³² Em outro momento, o cronista afirma o culto ao “demônio”, posteriormente identificado como *Pillán*, cuja relação estava marcada por um pacto: “Y tienen con el demonio su pacto. Y éstos son señalados entre ellos y aún tenidos”.³³ Segundo ele, o espaço utilizado para fazer o vínculo eram as festas, onde realizavam os ritos, bebedeiras, cantavam e dançavam. Para a festa, as mulheres usavam as melhores roupas, jóias e pintavam os rostos. O vínculo era feito através da bebida e do sangue dos feiticeiros.³⁴

Pedro de Valdivia também se convenceu de que os mapuche eram dominados pelo demônio, com isto, a presença dos espanhóis e a conquista que empenhavam era plenamente justificável. “Y parece nuestro Dios quererse servir de su perpetuación para que sea su culto divino en ella honrado y salga el diablo de donde ha sido venerado tanto tiempo”.³⁵

Esta visão demoníaca que os espanhóis tinham da cultura mapuche não era mais do que a projeção e confirmação do imaginário medieval europeu sobre feitiçaria, onde o laço com o demônio era nota dominante. Acreditavam que era através desta aliança que os bruxos adquiriam seus poderes. Para os teólogos medievais os atos malévolos que lhes atribuíam, tais como: destruição das colheitas e a ruína de pessoas não eram suas principais características. O que principalmente se condenava nos feiticeiros era sua heresia, que por sua vez era a base de seus poderes. A bruxaria implicava na adoração do diabo e este ato levava a um outro pecado gravíssimo: a negação de Deus e adesão ao seu rival Satanás.³⁶

³⁰ VIVAR, Jerónimo. **Crónica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin, 2001. p. 253

³¹ Ibid.

³² Ibid. p. 222

³³ Ibid. p. 223

³⁴ Ibid. p. 222

³⁵ VALDIVIA, op. cit. p. 205

³⁶ SILVERBLANTT Irene. Doses y diablos: idolatrías y evangelización. **Revista del Instituto de Pastoral Andina**. Cusco, n. 19, 1982. p. 32

A prática destas crenças na América facilitou a eliminação de inúmeras religiões americanas, principalmente através do processo conhecido como “extirpação de idolatrias”.³⁷ A lógica deste processo estava na necessidade de desvencilhar os índios de suas crenças e de seus deuses, pois enquanto estivessem ligados não teriam necessidade de uma nova religião, principalmente sendo esta o catolicismo, incompatível com qualquer outra fé existente no Novo Mundo. Sem dúvida para eles a idolatria constituía o principal impedimento para se conseguir a conversão.

A teologia medieval do sacrifício, que inspirou a conquista, acreditava apenas na redenção de Jesus Cristo. Filho de Deus que se entregou pela humanidade, adquirindo um valor infinito, impedindo assim um novo sacrifício. Na visão cristã nunca mais deveria haver outra entrega, pois, a cada novo ato haveria uma nova crucificação de Cristo. Assim surge a imaginação dos inimigos de Cristo e de Deus, que depreciam o sacrifício feito pelo filho do Altíssimo.

Tratava-se então de uma luta para não perder a fertilidade e os benefícios cedidos por Deus e Jesus Cristo. A imaginação de uma humanidade sem entregas espirituais acaba projetando a idéia de punição contra todos aqueles que realizam sacrifícios e oferendas não previstos nos ritos católicos, por tanto, como consequência, deveriam morrer para não haver mais ritos impuros: “trataba de una lucha para no perder la fertilidad del sacrificio infinitamente valioso de Cristo. Para que el sacrificio de Cristo no perdiera valor, su valor infinito de asegurar que nunca hubiera sacrificios humanos, se pasaba al sacrificio humano”.³⁸

Este tipo de “crucificação”, que foi realizado pelos espanhóis no Chile e em toda América, não tem um caráter bem explícito, são sacrifícios pouco notados. Por isto Pedro de Valdivia considerava normal contar ao Rei Carlos V:

“Matáronse hasta mil quinientos o dos mil indios y alanceáronse otros muchos y prendiéronse algunos, de los cuales mandé cortar hasta doscientas las manos y narices, en rebeldía de que muchas veces les había enviado mensajeros y hécholes los requerimientos que vuestra majestad manda”³⁹

³⁷ PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. A inquisição espanhola e a bruxaria andina: evangelização e resistência. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa. Vol. 4, nº. 2, pp. 9-34, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=136&path%5B%5D=72> acesso em: 22 ago. 2008.

³⁸ HINKELAMMERT Franz. **Sacrificios humanos y sociedad occidental**. San José: DEI, 1991. p. 21-24

³⁹ VALDIVIA, op. cit. p. 204

Vivar, por vezes, descreve os castigos “En estos días que el maestre de campo hizo la guerra en el Valle, castigo muchos y mato algunos y deshizo las fuerzas que halló, puesto que era invierno y muy trabajos[...]”⁴⁰

Outra dimensão que emerge é a tipificação do modo de vida indígena. Os europeus consideravam que viviam fora da ordem natural das coisas, e também na barbárie. Além do caminho da fé também era necessário introduzi-los no caminho da civilização. Segundo Vivar, no caso dos mapuche era essencial “[...] gente indómita y sin razón, bárbara, faltos de todo conocimiento y de toda virtud[...]; [...] es gente si orden y razón”.⁴¹ Para ser cristão era necessário, primeiro, transformar os índios em homens e ensinar-lhes a viver como tal e depois converte-los na fé católica. Este evolucionismo passando da barbárie para o homem espiritual era sustentado pela idéia de perfeição do homem alcançada graças ao cristianismo. Os indígenas estavam cegos pelo demônio, dominados e obrigados a venerá-lo. Careciam de transformação na sua vida social e espiritual, para atingir sua salvação.

Os mapuche incorporaram alguns ritos católicos aos seus, adquiriram alguns costumes cristãos, mas jamais deixaram, totalmente, suas crenças religiosas. Com certeza seus ritos e crenças sofreram transformações, principalmente se comparado ao período reducional com o início pré-espanhol, mas grande parte foi preservada, com alguns ritos chegando até nossos dias. Eles tinham uma visão religiosa politeísta, baseada na existência de um mundo povoado por espíritos e deuses. Também praticavam o culto aos totens (totemismo) e suas entidades mais cultuadas eram: céu (*huenu*), sol (*antú*), mar (*lavquén*), rio (*leufu*), pedra (*cura*), água (*co*), cabeça (*lonco*), condor (*manqui*), ouro (*milla*) e inúmeros outros que variavam conforme a região. Cada tribo tinha o seu respectivo totem, cujo nome era utilizado nos apelidos dos descendentes.⁴²

Para alguns estudiosos a religiosidade mapuche no século XVI estava, basicamente, composta de dois tipos de cultos: o culto aos antepassados e o totemismo. Ricardo Latcham não enxergava o totemismo mapuche como uma manifestação religiosa, mas como se fosse ligado à magia, sendo permitido ao grupo totêmico controlar a quem, e o que era protegido.

“Entre los araucanos, como entre la mayoría de los pueblos en el mismo estado de cultura, se formaban sociedades esotéricas o como diríamos hoy, cofradías las cuales se encargaban de procurar el bienestar de la colectividad, cada una de un modo especial y dentro de una esfera particular. Estas cofradías entre los indios chilenos eran muchas veces coextensivas con los tótemes; pero no todos los del

⁴⁰ VIVAR, op. cit. p. 141

⁴¹ Ibid. p. 109

⁴² LATCHAM, Ricardo. **La organización social y las creencias religiosas de los antiguos araucanos**. Santiago: Imprenta Cervantes, 1924. p. 78

grupo totémico eran miembros de ellas. Sus adeptos eran todos iniciados y cada uno tenía sus ritos especiales. Sus ceremonias eran principalmente mágicas y se suponía que cada cofradía podía influenciar el tótem o ser bajo cuya tutela obraba. Así la cofradía cuyo tótem era *huenu o co* tenía a su cargo la distribución de las lluvias y tiempo de escasez o de superabundancia, era hacia ellos que miraba la colectividad para que normalizara la caída de agua”⁴³

Latcham também identificou dados etnográficos deixados pelos viajantes e cronistas, tais como: sistema de apelidos, parentesco, pinturas corporais e ritos relacionados a puberdade entre outros, todos ligados ao culto dos Totens. Para ele, o Totem era um ser mágico protetor de todos os que levavam seu nome, sofrendo influências através dos ritos e cerimônias mágicas, exclusivas de cada grupo totêmico. Para ele, o culto aos antepassados era a verdadeira religião mapuche e não o culto aos Totens. Neste tipo de culto rendia-se oferendas a *Pillán*, (que pode ser entendido como o espírito dos antepassados), quem, segundo as crenças indígenas, governa as forças da natureza que podem ajudar ou prejudicar. O autor ainda ressalta que os cultos são complexos e de difícil separação, geralmente se misturavam e eram praticados no mesmo lugar e ao mesmo tempo. Isto acontecia, possivelmente, porque o Totem era um protetor e um aliado do antepassado fundador.⁴⁴

Pillán é o espírito dos antepassados, o fundador da tribo. Na verdade não era um ser único, mas múltiplo cuja personalidade variava segundo o grupo e o Totem. Era protetor e auxiliador. Não tinha atributos de uma divindade, nem era deificado. “Aunque a veces se le mitificaba”;⁴⁵ não era adorado, mas faziam pedidos a ele; estes pedidos eram baseados na reciprocidade de um suposto direito à sua proteção e ajuda, porque os beneficiários eram seus descendentes e também porque já estariam compensando antecipadamente as oferendas e sacrifícios oferecidos.

Latcham distinguiu no culto aos espíritos duas fases distintas. “Una destinada a apaciguar las ánimas de los muertos recientes, a quienes debían contentar para impedir que envolvesen o que les hiciesen algún daño”,⁴⁶ esta era chamada de “fase preventiva” e a outra chamou de “o verdadeiro culto aos ancestrais”. Este culto era dirigido a todos os espíritos dos antepassados que descendiam do fundador da tribo. O autor também nos esclarece que, além dos espíritos dos antepassados, os mapuche acreditavam em outros espíritos, alguns malévolos e outros transformados em seres mitológicos. (*Huecuvoe*, *Wekufu*, etc).⁴⁷

⁴³ Ibid. p. 236

⁴⁴ Ibid. p. 372

⁴⁵ Ibid. p. 373

⁴⁶ Ibid. p. 347

⁴⁷ Ibid. p. 368

Este era o quadro religioso dos mapuche no momento da chegada dos espanhóis. As mudanças que se produziram foram provocadas tanto por fator interno (transformação do matriarcado para a família patriarcal) como também por fator externo (a influência do cristianismo e de costumes europeus). O totemismo e seu culto estavam relacionados com o sistema de filiação matrilinear, com sua decadência e a predominância do patriarcado, este culto foi desaparecendo, ao mesmo tempo em que o culto aos antepassados (*Pillán*) se converteu em uma espécie de ancestral nacional único, não mais a união dos ancestrais, tendo sido modificado também seus atributos devido ao contato direto com os europeus.⁴⁸

1.2 A empresa espanhola

O caráter da colonização implantada pelos espanhóis em seus domínios no Novo Mundo foi amplamente dominado pelos interesses privados. Os conquistadores, que foram o verdadeiro motor expansivo da dominação do continente americano, mantiveram sempre em primeiro plano a obtenção de recursos e favores em benefício próprio.

Este tipo de “empresa” (*hueste*) surgiu para preencher as lacunas nos exércitos estatais, que ainda estavam se estruturando na Europa, juntamente com o fortalecimento das monarquias absolutas. Um evento previsível, já que um dos elementos principais do absolutismo é a manutenção, por parte do governo, de um exército estatal e profissional. Mas, ao contrário das mudanças européias na América, as bases da conquista foram implantadas da “maneira antiga”⁴⁹.

O Estado espanhol comprovou na prática que a melhor maneira de resguardar seus interesses era a permissão para que as expedições particulares explorassem e submetessem os novos territórios aos domínios da Coroa Espanhola. As empresas estatais foram exceções, ocorreram apenas em alguns casos especiais.

Con escasas excepciones, la conquista se apoyó en la iniciativa privada. Los términos de cada empresa se estipulaban en una capitulación, en forma muy análoga al sistema utilizado para las expediciones de exploración y rescate. La capitulación de conquista contenía licencia del rey para conquistar en un lugar y dentro de un plazo claramente especificados;⁵⁰

⁴⁸ Ibid. p. 369

⁴⁹ JARA, Álvaro. **Guerra y Sociedad en Chile**. Santiago de Chile: Editorial Universitaria. 1972. p. 17

⁵⁰ CESPEDDES DEL CASTILLO, Guillermo. **América Hispánica (1492-1898)**. Barcelona. Editorial Labor, 1983. (História de España, VI). p. 87

Os pagamentos eram feitos por meio de um sistema de premiação onde, principalmente, os capitães recebiam compensações pelos êxitos alcançados (desde que já estivessem autorizados pelo rei para fazê-los). A retribuição não era exclusiva do chefe, alcançava todos os membros participantes da empreitada, proporcionalmente, inclusive os financiadores da *hueste* que, em muitos casos, eram os que mais lucravam. A conquista foi construída sobre esta base contratual e privada. Os prêmios outorgados pelos monarcas, apesar de, aparentemente, configurarem como a concessão de dádivas, eram na verdade requisitos indispensáveis para que o interesse expansivo funcionasse de acordo com o interesse Real⁵¹. Neste período de conquistas, existia na Espanha um grande número de indivíduos dispostos a aventurar-se neste novo e maravilhoso mundo recém descoberto, onde o irreal e o legendário se confundiam com o verdadeiro e autêntico. Na sua grande maioria os membros participantes destas empresas de conquista eram nobres e infantas.

A solução encontrada através da instituição dos prêmios foi muito mais medieval do que moderna e os elementos que o compunham: índios, terras, metais valiosos e pedras preciosas eram proporcionados pelo próprio meio dominado. As terras concedidas como prêmios ajudaram a formar os latifúndios na América e, complementarmente, as *encomiendas*, inicialmente concebidas como uma instituição, foram utilizadas pelos conquistadores em benefício próprio, desvinculadas de seu propósito original, transformando-as em fonte exclusiva de receita, ou ainda em fonte de abastecimento de mão-de-obra.

[...] los premios señoriales fueron para los caudillos más destacados; pero el común de los soldados no recibió sino repartimientos o encomiendas de indios, forma más reducida de economía señorial[...]. [...] fueron un ejemplo claro de transición de las formas orgánicas medievales a la economía propia de los Estados de la edad moderna [...].⁵²

Os benefícios recebidos pelos conquistadores tinham em contra-partida uma série de obrigações nos moldes feudais. O *encomendero* estava obrigado a prestar serviço militar dentro da jurisdição da cidade mais próxima. Nos lugares onde a pacificação e o assentamento foram completamente efetivados, as obrigações ligadas a *encomienda* não se tornaram um sacrifício para os *encomenderos*, mas nos lugares onde a guerra se prolongou por muito tempo (como é o caso da Araucanía) a empreitada sofreu sua mais dura prova, chegando à beira do fracasso total.

⁵¹ Jara op. cit. p. 18

⁵² ZAVALA, Silvio. **Las instituciones jurídicas en la conquista de América**. Madrid, 1935.

Estas obrigações militares lembram de certo modo os serviços que o vassalo prestava ao seu senhor; é evidente que não podemos deixar de lado as circunstâncias e o contexto histórico de cada situação. A relação de um membro da *hueste indiana* era feita com o monarca, mesmo que a concessão fosse feita por um intermediário representante do Rei, sua base contratual era diretamente com a Coroa Espanhola. A relação não era uma relação pessoal de vassalagem, como no sistema feudal, mas sim resultante apenas de sua participação no processo de colonização. Outra diferença estava na natureza do bem que lhe era outorgado: de um lado o feudo concedido por um suserano (que poderia ser o Rei ou não) e de outro a *encomienda* cujo outorgante era exclusivamente o monarca.⁵³ Elencamos ainda outra característica, na Espanha Medieval (e também em outras regiões da Europa) caso houvesse alguma invasão ao território havia a obrigatoriedade da participação de todas as pessoas nos combates, mas, para os escravos não existia permissão para atuar diretamente nos conflitos, ou seja, não poderiam pegar em armas. Somente poderiam ajudar na retaguarda, transportando mercadorias para abastecer os exércitos e outras atividades. A população urbana também deveria prestar serviços militares, mesmo que fosse por alguns dias (como era de costume da época), e apenas no caso de deslocamento em pequenas distâncias. Nas colônias espanholas da América foram utilizados os mesmos princípios, os *encomenderos* deveriam assumir a responsabilidade de defesa e no caso de desobediência sofriam pesadas sanções. A grande diferença estava na utilização dos escravos, pois os espanhóis não tinham nenhuma restrição quanto a participação dos seus cativos na linha de frente dos combates, pelo contrário, em muitos casos, a maior parte dos exércitos eram formados por índios escravizados.⁵⁴

Mesmo encontrando resistência, os invasores não desistiram do seu propósito de submeter os indígenas aos seus interesses. Foram organizadas várias e extensas campanhas militares para a manutenção das cidades e suas redondezas, que serviam como importantes bases de apoio para as incursões aos territórios ainda dominados pelos índios. O principal motivo que impulsionou a *hueste* foi à descoberta de minas de ouro e prata em vários lugares do continente, aumentando consideravelmente a ganância do homem branco, ao mesmo tempo em que surgia uma nova fonte de renda para a manutenção da conquista.⁵⁵ Novas ondas de colonizadores e aventureiros chegaram aos territórios aumentando a demanda por mão-de-obra (*encomiendas* e escravos).

⁵³ CESPEDES DEL CASTILLO, op. cit. p. 88

⁵⁴ JARA., op. cit. p. 25

⁵⁵ Ibid. p. 19

Devido às suas características senhoriais os resultados iniciais da conquista foram ocupações pouco povoadas, dispersas e instáveis. Sua eficiência foi maior nos territórios onde as massas indígenas tinham um meio social mais centralizado e onde havia um regime social de produção proporcionando excedentes a uma classe dominante (caso da mesoamérica e do Peru). Nos lugares onde as etnias estavam num estágio mais simplificado de desenvolvimento social, o problema estava na falta de acesso ao índio, impedindo sua submissão às violentas imposições dos dominadores, e como no caso do Chile, não tendo tampouco, nenhuma outra etnia atuando como intermediária entre índios e espanhóis. De uma maneira geral este foi o panorama da conquista espanhola no século XVI, mas vamos nos concentrar principalmente nos detalhes referentes ao território chileno.

A empresa promovida por Pedro de Valdivia seguiu os mesmos moldes da conquista espanhola, e podemos utilizar como um verdadeiro exemplo da instabilidade da colonização hispânica; Valdivia era *encomendero* no Peru, mas suas aspirações a cargos mais elevados acabaram por trazê-lo as novas terras, “dejando lo habido por lo por haber y deseando ascender a gobernador y capitán general”.⁵⁶ Sua empresa se nutriu de pessoas descontentes e de restos de outras expedições fracassadas e foi crescendo pelo caminho. O financiamento se deu através de sócios ocasionais, os quais ele foi se desvencilhando ao longo do tempo.

Além da fundação de cidades, uma de suas primeiras medidas foi a concessão de *encomiendas* aos seus companheiros, tendo neste ato um excelente fator político para a continuação de seus objetivos. A economia dos primeiros tempos da conquista foi sempre voltada para a obtenção de metais preciosos. Neste intento foi utilizada uma grande quantidade de mão-de-obra indígena; homens, mulheres e crianças indígenas tentando através do garimpo e do trabalho pesado saciar a sede aurífera dos europeus. A idéia inicial de Valdivia, além de satisfazer os desejos de enriquecimento, seu e de seus companheiros, era conseguir um grande montante de ouro para a continuação da conquista e o financiamento da vinda de novos contingentes e forças militares para o Chile.

A produção agrícola foi relegada ao segundo plano, sendo criada apenas uma agricultura de subsistência, produzindo alimentos na quantidade necessária para a manutenção das vilas, cidades e o ritmo da produção dos metais preciosos. Em parte esta atitude era explicável, já que no Chile e também na América espanhola não existia um grande mercado consumidor e nem uma produção agrícola diversificada capaz de tornar viável a plantação e comercialização de grandes quantidades de produtos agrícolas, com exceção de algumas

⁵⁶ Ibid. p. 20

regiões que não tinham condições de produzir seus próprios produtos e dependiam da produção vinda de outros lugares. Outro agravante era a falta de estruturas de transporte para as mercadorias, já que, normalmente eram grandes as distâncias que os produtos deveriam percorrer, onerando ainda mais os preços finais dos produtos. Somente no final do século XVI com a intensificação das rebeliões indígenas e a decadência do ouro houve um incremento na produção agrícola.

Nesta sede de conquista (que era uma das características da ambição dos colonizadores), Valdivia cometeu um erro que comprometeu profundamente seus intentos: estendeu seus domínios a uma área muito grande com um contingente muito reduzido de pessoas. Sem dúvida este erro tornou-se fatal para ele. Na verdade, esta excessiva dilatação da sua conquista obedecia (apesar de ter suas próprias características) as normas gerais das empresas espanholas na América. Não é de se estranhar que com tão poucos homens ele tivesse a pretensão de dominar um território tão extenso.

Apesar de um contingente pequeno a ambição era enorme.⁵⁷ Porém, mais do que dominar territórios, eles também teriam de dominar seus habitantes, os índios. O resultado foi uma frágil ocupação que por sua vez também era resultado de normas frágeis. As terras chilenas e seus habitantes originários não se submeteram facilmente e a guerra tornou-se inacabável, ceifando inclusive a vida de seu principal colonizador, Pedro de Valdivia.

1.2.1 O sistema de *encomienda*

A base de sustentação da economia colonial estava ancorada sobre a força de trabalho indígena já que a disponibilidade de europeus para efetuar trabalhos físicos nas colônias era reduzida. Paradoxalmente, sem os índios a terra perdia seu valor e a exploração de metais preciosos tornava-se um trabalho muito mais árduo e infrutífero. Segundo as normas da Coroa, os indígenas das colônias americanas deveriam ser súditos livres e não poderiam ser obrigados a nenhum tipo de trabalho forçado, mas não estavam isentos da responsabilidade de recolhimentos dos tributos ao erário real. Pagamentos estes que deveriam ser em espécie ou através da prestação de serviços.⁵⁸ Seguindo este princípio, os índios teriam que ser incorporados ao processo econômico na qualidade de “assalariados” e não de escravos, além

⁵⁷ Ibid. p. 21

⁵⁸ CRUZ, Guillermo F. **Las encomiendas según tasas y ordenanzas**. Buenos Aires: Talleres, 1941. p. 43

da sua efetiva conversão ao cristianismo. Diante deste quadro, chegou-se ao estabelecimento de uma outra modalidade de colonização: a *encomienda*. Ela pode ser entendida como uma instituição jurídica com caráter histórico e econômico (graças à sua natureza de produção agrária) tendo sofrido diversas alterações no período colonial até sua extinção no ano de 1718. A idéia de encomendar índios na América foi uma herança medieval que estabeleceu a servidão dos mesmos aos espanhóis, recebendo em troca proteção militar e espiritual.

Na prática, a cessão de índios era estabelecida através de um cacique, agindo assim teriam maior facilidade em controlar todos aqueles que estavam ligados a este chefe. Inicialmente não havia um controle tributário, conseqüentemente os *encomenderos* sempre abusavam de “seus índios” buscando auferir um maior lucro às suas custas. Com o tempo foram estabelecidos controles tributários através de funcionários e taxas.

As primeiras concessões tinham uma particular flexibilidade: poderiam ser concedidas, sem muitos critérios, a homens de todos as classes sociais. Decisão que era tomada - na qualidade de representante do Estado Espanhol - pela autoridade local ou pelo “capitão da empresa”. Podemos observar este fato no estudo de Thayer sobre Pedro de Valdivia:

[...] de los 150 miembros de la expedición de Valdivia 132 fueron encomenderos en diversas encomiendas en diversas regiones de Chile. De los 18 restantes, 12 fehacientemente no recibieron encomiendas y los otros 6 probablemente no las tuvieron nunca. Estos 18 miembros de la expedición que no habrían tenido encomiendas representan un 12%, contra 88% de encomenderos. Ahora bien, de estos 18, dos se fueron de Chile y otros murieron tempranamente, circunstancia que hace bajar el porcentaje de los miembros de la hueste que quedaron insatisfechos, [...] ⁵⁹

A partir do ano de 1559, surgiram novas regras e um maior controle sobre a distribuição de *encomiendas* que imperou durante toda a segunda metade do século XVI. No Chile o auge desse sistema deu-se justamente neste período, mas também foi neste intervalo de tempo que houve uma tremenda redução da demografia indígena, resultado das guerras e das grandes epidemias trazidas pelo homem branco.⁶⁰ À partir da última década esta diminuição da população somada ao esgotamento na produção de ouro e a intensificação das insurgências, provocaram profundas transformações no sistema de *encomiendas*, diminuíram sua quantidade, em parte dando lugar aos *repartimientos* e as *haciendas*. Em algumas regiões (México, Peru, Antilhas e outras regiões consideradas como centros administrativos e com

⁵⁹ THAYER T.; LARRAÍN, J. *Valdivia y sus compañeros*. Santiago, 1950 p. 110-114

⁶⁰ GÓNGORA, Mario. *Encomenderos y Estancieros*. Estudios acerca de la constitución social aristocrática de Chile después de la conquista 1580-1660. Santiago: Universidad de Chile, 1970. p. 03

uma maior concentração populacional) com a intensificação do comércio, agricultura e criação de gado houve uma diversificação econômica. Atividades que demandavam uma mão-de-obra mais especializada e em menor quantidade, resultaram em maiores rentabilidades. Nestas regiões o indígena deixou de ser a “riqueza por excelência”. Mas nas zonas periféricas onde não havia grande produção de excedentes, não houve uma diversificação tão acentuada, assim, nestas regiões a figura do índio continuou tendo um alto valor, como foi o caso do Chile.

1.2.2 A escravidão como fonte de renda

Desde o início da conquista dos territórios chilenos a prática da escravidão indígena foi muito difundida entre os espanhóis. Foi assim com Diego de Almagro, o primeiro a adentrar a região; depois com Pedro de Valdivia e seus homens, tornando este costume uma prática constante. Denominada de “coger las piezas” ou colher as peças⁶¹, esta prática foi amplamente utilizada, encontrando em algumas oportunidades a complacência e o incentivo de líderes regionais e até de governadores locais, mesmo sem a legalização por parte da Coroa Espanhola. Durante a conquista e a colonização nos séculos XVI e XVII a escravidão foi grande fonte de renda para o recém-chegado colonizador. A existência de ouro e uma grande população para trabalhar nas minas e em outras tarefas foram o grande incentivo para os espanhóis efetivarem a conquista dos territórios chilenos. Com a grande resistência mapuche na região da Araucanía o processo de captura e escravidão indígena foi fortalecido.

Como já vimos, a resistência indígena foi muito além do suportável, a frágil economia chilena começou a entrar em colapso, os *encomenderos* viram seus gastos aumentarem e seus lucros desaparecerem. Eram necessárias novas fontes de renda, outros incentivos de caráter econômico para alimentar a guerra. Os espanhóis tentaram resolver o problema com a intensificação da escravidão dos índios, principalmente os índios rebelados. Melhor ainda, a insurreição indígena foi o ato legalizador para a imposição definitiva da escravatura. Começaram a girar em torno dela, militares, estancieiros e negociantes dos mais variados tipos levando a sociedade inteira e as autoridades locais a apoiar esta prática, mesmo não

⁶¹ JARA op. cit. p. 156

existindo uma base legal, já que, perante a lei, a escravidão era proibida, e foi oficializada somente no início do século XVII através de uma Cédula Real do Rei Felipe III⁶².

Inicialmente, o incentivo era apenas para a captura de índios rebelados pelos oficiais e soldados do exército, já que, estes eram mal pagos e necessitavam incrementar suas rendas. Os militares vendiam os índios capturados sem sujeitar-se a nenhuma regra, formando um mercado que operava com inteira liberdade no país inteiro, vendendo inclusive para o Peru.⁶³ Este mercado tornou-se tão forte que alguns *encomenderos*, das cidades de Valdivia e Chiloé e algumas outras na região, preferiam vender seus índios a um bom preço do que continuar com a *encomienda* que lhes rendiam uma pobre rentabilidade. Este processo determinou a troca completa da situação legal dos índios, pois eram vendidos como escravos para as cidades do norte, longe de sua origem. Autorizava-se o envio dos nativos para as minas de ouro do distrito de La Serena, ou apenas baixavam decretos autorizando a escravização apenas dos rebeldes. À medida que se desenvolveram os levantamentos indígenas, seguiu-se praticando a captura dos índios com um tom de vingança e ódio, somados com o interesse financeiro. O que parecia uma ação justificada somou-se com a utilidade prática de se contar com os escravos para as diversas tarefas.⁶⁴ Durante toda a segunda metade do século XVI, os vizinhos das terras indígenas, os militares, as ordens religiosas e os cabildos começaram a exercer pressão sobre Lima e Madri para que o rei declarasse a legalidade total da escravidão. Vários intelectuais emitiram pareceres sobre as vantagens da escravidão, até que no início do século XVII foi convocado o teólogo Melchor Calderón, para redigir e expor em um documento as condições para se impor à escravatura aos índios.

Calderón elaborou o “*Tratado de la importancia y utilidad que hay en dar por esclavos a los índios rebelados de Chile*”⁶⁵. Ele acumulou em seu trabalho, não só razões teológicas e jurídicas, mas também expressou os proveitos que poderiam ser obtidos pelo novo sistema. Em sua opinião, uma das causas que prolongavam a guerra era o fato de oficiais e soldados do exército viverem miseravelmente e sem prêmio algum, o que provocava grande desânimo. “[...]que los más que militan en ella quedan sin premio y sirven sin sueldo, y habiendo venido tanta gente, se huyen fácilmente del reino porque se ven los soldados metidos en fuertes, desnudos y hambrientos y sin interés de sus trabajos[...]”.⁶⁶ Caso a escravidão fosse estabelecida vários homens se animariam a entrar para o exército, assim

⁶² ZAPATER op. cit. p. 60

⁶³ VILLALOBOS., 1995, op. cit. p. 89

⁶⁴ Ibid. p. 90

⁶⁵ JARA, op. cit. p. 192

⁶⁶ Ibid p. 194-195

como outros se animariam a levar índios para suas casas e fazendas. Também venderiam índios a outros mercados, com isto aumentariam os benefícios da extração de minérios e conseqüentemente melhorariam os ganhos da Casa Real. “[...]con los esclavos que por Su Majestad se cogiesen, o con la parte que de cada esclavo cupiese a Su Majestad se echasen a las minas, se sacaría oro para ayudar[...]”.⁶⁷

Com a chegada da Companhia de Jesus ao Chile, no final do século XVI, acirraram-se os ânimos em torno da questão. A posição contrária dos jesuítas em relação à escravidão dos indígenas provocou inúmeras discussões; surgiram inúmeros personagens, a favor ou contra, inclusive dentro da própria Igreja Católica.

As vantagens da escravidão para os integrantes do exército foram enormes. Com a autorização real, a guerra se converteu em uma máquina ativa, criando o sistema de *maloca*. Esse sistema foi um tipo de incursão muito utilizada pelos espanhóis. Consistia em uma expedição rápida, que tinha como principal arma a surpresa; seu objetivo era capturar homens, mulheres e crianças, destruir os bens, as plantações e tomar posse do gado⁶⁸. A cada entrada que as tropas efetuavam em território araucano, sempre voltavam com uma boa quantidade de escravos. Não havia destacamento, mesmo que pequeno e desafortunado, que não trouxesse no mínimo de vinte a quarenta índios. As tropas maiores obtinham facilmente duzentos índios ou mais.⁶⁹

A adequação da guerra aos fins escravistas foi muito explícita, e os proveitos logo chegaram aos olhos. Como os lucros eram certos, cresciam os voluntários que queriam servir com suas armas e cavalos. Os fortes se converteram em bases operacionais, onde se organizavam as incursões. Alguns fortes, que não tinham um grande valor estratégico, eram mantidos unicamente para servir como base de apoio. Para conseguir êxito na captura, os expedicionários atacavam ao cair da noite ou ao amanhecer, perseguiram os fugitivos nos bosques com ajuda de cachorros, queimavam as aldeias, ocas e utensílios.

A captura de escravos não foi só um negócio praticado pelos *hispanocriollos*, também os chamados “índios amigos” utilizaram largamente este sistema. Aqueles que viviam nas proximidades dos fortes ligados ao invasor por múltiplos interesses, desejavam a concessão de favores por parte dos dominadores, trocar mercadorias, ou apenas por ódio e vingança contra

⁶⁷ Ibid.

⁶⁸ VILLALOBOS., 1995, op cit. p. 91

⁶⁹ Os mapuche se adaptaram rapidamente e em pouco tempo também começaram a utilizar o sistema de *maloca* contra os espanhóis.

os mapuche⁷⁰. Geralmente acompanhavam as tropas espanholas e *criollas* para fazer prisioneiros. Na captura de escravos, os índios amigos foram muito mais ativos que os soldados, eles conheciam muito bem os territórios indígenas e isso tornava seus ataques muito mais eficazes. Tinham experiência para adentrar pântanos, terrenos e matas, de modo que sua caçada era sempre frutífera. Para os índios amigos o negócio chegou a ser tão útil que eles mesmos levantavam boatos e rumores de rebeliões e preparativos bélicos dos mapuche contra os espanhóis para provocar as *malocas* e a consequente captura dos “rebeldes”.

Outra faceta da escravidão na região araucana derivou-se do costume de vender as mulheres ou trocá-las por bens ou utensílios. Conforme vimos no início deste capítulo, havia costume indígena do noivo recompensar o pai da noiva com um bom dote, existindo também o costume de vender a mulher adúltera (mesmo que não houvesse prova da infidelidade bastava o marido acusá-la para justificar a venda). Não foi difícil a transformação destes costumes para a simples venda por motivos econômicos. A troca era feita quando se oferecia bens ou alguma coisa atrativa para os índios.⁷¹ Em pouco tempo as transações se ampliaram com a venda dos filhos e filhas. Neste tipo de transação até os mapuche fizeram parte, ou seja, ambos os lados fizeram uso desta prática. Outra característica verificada foi que, com a intensificação do comércio de mão-de-obra escrava, os índios amigos começaram a roubar entre si. Roubavam mulheres e filhos de índios não rebelados, de vizinhos ou faziam incursões em territórios já pacificados e dominados pelos espanhóis.

A captura e obtenção de escravos, em qualquer que fosse a sua modalidade, adquiriu formas orgânicas à medida que se intensificou o fenômeno. Cada parte atuante no “negócio” percebeu que deveria haver uma certa ordem que assegurasse as operações. Os índios trocavam as *piezas* por cavalos, ovelhas, armas ou utensílios; os soldados trocavam por armas, dinheiro e também utensílios. Após as expedições uma maneira muito freqüente utilizada como procedimento para a divisão das “presas” era juntar todos os prisioneiros em um lote e dividir conforme a categoria dos participantes da *maloca*. Os oficiais escolhiam as melhores peças, depois cabos faziam sua escolha e por último soldados. Todos os prisioneiros eram marcados no rosto e os comandantes dos fortes emitiam o certificado de apreensão. Os chefes militares eram os mais beneficiados, vendiam seus próprios escravos ou simplesmente cobravam comissões sobre as vendas, além de utilizar escravos em suas fazendas. Na escala ascendente os que mais lucravam eram os governadores, auferindo grossas somas em

⁷⁰ FIGUEROA, Andrea Ruiz-Esquide. **Los indios amigos en la frontera araucana**. Santiago de Chile: Direccion de Bibliotecas Archivos y Museos - Centro de Investigaciones Diego Barros de Arana, 1993. p. 44

⁷¹ GONZÁLEZ DE NÁJERA, loc. cit.

comissões e taxas. Essas comissões e taxas eram cobradas sobre a emissão da declaração de propriedade, necessária para se reconhecer oficialmente à condição de escravidão dos índios e da propriedade do senhor. Outra boa oportunidade de garantir bons lucros era a venda de escravos para o Peru, onde os escravos alçavam bons preços e havia uma demanda constante.⁷²

O preço final de um escravo variava bastante de acordo com a idade, robustez e suas condições de saúde. As mulheres eram as preferidas. Um menino podia alcançar até 100 pesos, um adolescente 200 e uma mulher de vinte a trinta anos podia chegar até 300 pesos. Os homens adultos não eram muito apreciados devido à sua rebeldia e à facilidade que tinham para fugir; muitas vezes eram remetidos para o Peru para se evitar as fugas. Atingiam em torno de 240 pesos. Em igualdade de condições físicas e de idade, um indígena era de 30% a 40% mais barato que um escravo negro⁷³.

A prática da escravidão, *encomiendas*, torturas e castigos, costumes de marcar os índios no rosto, o *desterramiento* (venda de índios para outras regiões longínquas do território e para o Peru), além é claro do ressentimento contra a invasão e a tomada de suas terras e vidas - a própria colonização em si - sempre foram motivos de grande revolta entre os mapuche, fazendo com que seu ânimo guerreiro ficasse ainda mais exaltado, promovendo cada vez mais levantes contra o colonizador.

⁷² VILLALOBOS., 1995, op. cit. p. 97

⁷³ Ibid. p. 99

CAPÍTULO 2 AS CRÔNICAS NA AMÉRICA HISPÂNICA

2.1 Os primeiros cronistas

As crônicas produzidas durante a descoberta e a colonização da América representam, sem dúvida, a espinha dorsal da pesquisa historiográfica atual, principalmente as obras que foram produzidas nas colônias espanholas. Em detrimento do resto da Europa, a crônica era um gênero muito comum na península Ibérica onde circulavam em grande quantidade. Escritos produzidos por relatores oficiais serviam sempre à Igreja e à Coroa, ou seja, era uma forma de registro histórico sujeito a algumas regras criadas antes do descobrimento da América. Produzidas por cronistas oficiais ou não, fantasiosas ou não, apresentavam características de crônicas renascentistas, mas com a introdução de novos elementos: animais estranhos, uma natureza nova e exuberante somados com personagens diferentes daqueles que estavam acostumados: os índios⁷⁴.

Como sabemos a burocracia espanhola necessitava de informações para o seu andamento e a própria conquista, em si, dependia do conhecimento do novo continente; tornou-se então, imprescindível o relato sobre a geografia, o clima, os povos e tudo mais. A própria Coroa Espanhola, juntamente com toda a sua hierarquia, recomendava estudos detalhados dos lugares que estavam sendo colonizados⁷⁵. Assim sendo, as correspondências dos conquistadores transformaram-se em informações valiosas: As cartas de Cortés, Pedro de Valdivia, Alvarado, Pizarro entre outros levaram ao Rei e ao Conselho das Índias a descrição do Novo Mundo.

Os colonizadores criaram um enorme e impressionante montante de material etnográfico sobre a América. Informações sobre crenças e costumes do período colonial e em alguns casos com dados do período anterior ao da conquista. Eles estudaram a história e a antiguidade dos nativos, incorporando nas suas narrações dados sobre os ritos e as superstições americanas. Os resultados deste grande trabalho não tinham como objetivo abastecer dados científicos, pelo contrário, tinham a plena convicção da superioridade da civilização cristã e os investigadores sempre foram guiados por questões preparadas para fins

⁷⁴ REIS, Anderson R. dos; FERNANDES, Luiz Estevam O. A crônica colonial como gênero de documento histórico. *Idéias*, Campinas, v. 13 n. 2 p. 26, 2006.

⁷⁵ CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. *Ensayos sobre los reinos castellanos de Indias*. Madrid: RAH, 1999. p. 111

específicos. Os oficiais reais necessitavam de informações precisas sobre o funcionamento da propriedade da terra e do gerenciamento que os índios empregavam, assim poderiam administrar a justiça de acordo com o costume. No século XVI, acreditavam que esta era a essência do bom governo. No caso dos missionários, necessitavam de informações precisas sobre as superstições e costumes religiosos para o efetivo combate aos idólatras.⁷⁶

Corroborando nossa idéia, Héctor Bruit⁷⁷ nos lembra da famosa *Relaciones Geográficas de Índias*, onde fica clara a intenção do Estado Espanhol de desenvolver um conhecimento detalhado sobre a América, através dos questionários a que foram submetidos os habitantes americanos, indígenas e brancos, em diferentes épocas. Uma rica e farta documentação sobre os costumes, religião, sociedade e bens materiais dos indígenas. Ele nos lembra ainda dos estudos sobre os colonos hispânicos, o funcionamento das instituições e da Igreja. Como exemplo temos a obra produzida por Jimenez de La Espada sobre o Vice-Reino peruano.

As crônicas continham na maioria das vezes três temas: a descrição geográfica do local, a descrição etnológica dos povos e a narrativa dos fatos da descoberta, conquista e colonização das terras americanas. Estas descrições foram de suma importância, demonstrando o profundo espírito renascentista do colonizador. Podemos identificar o valor etnológico das mesmas através dos relatos dos povos indígenas, seus costumes, alimentação, vestuário, religião, família, organização social e política, etc⁷⁸. Também é possível constatar a importância ecológica, com minuciosas descrições da vegetação, animais, insetos, relevo, rios, clima e outros.

Nestas duas categorias temos algumas obras e autores de grande relevância tais como Gonzalo Fernández de Oviedo e sua *História General y Natural de las Índias*, Pedro Cieza de León com *La Crônica del Peru e El Señorío de los Incas*, José Acosta com *História Natural y Moral de las Índias*, Garcilaso de la Vega com *Comentários Reales de los Incas*, Felipe Guaman Poma de Ayala e sua *Nueva Crônica y Buen Gobierno*, Bernardino de Sahagún e a *História General de las cosas de Nueva España*, Toribio de Benavente com *História de los Índios de Nueva España*.⁷⁹ No caso do Chile podemos citar Jerônimo de Vivar e sua *Crônica y relación copiosa y verdadera de los Reinos de Chile*, Alonso de Ercilla com seu poema épico *La Araucana*, o padre Diego de Rosalles e sua *História General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano*, Alonso de Ovalle com *Histórica Relación del Reyno de Chile*, entre vários

⁷⁶ ELLIOTT, J. H. *Espana y su mundo; 1500-1700*. Madrid: Alianza Editorial, 1990. p 70

⁷⁷ BRUIT, Héctor H. Apresentação Geral das Crônicas. *Idéias*, Campinas, v. 11 n. 1 p. 15-19, 2004.

⁷⁸ Ibid.

⁷⁹ Ibid.

outros cronistas produtores de obras importantes tanto para a história chilena quanto para a história americana. Por último, ainda temos as crônicas que além de englobar as duas categorias anteriores, deram relativa importância aos fatos da conquista e da colonização. Temos aí a obra de Las Casas, *Historia de las Índias* e a *Historia Verdadera de la Conquista de la Nueva España* de Bernal Díaz del Castillo.

Todo historiador, que dedica uma atenção especial ao estudo sobre a conquista e a colônia ibero-americana, tem o conhecimento (ou pelo menos deveria ter) sobre a importância da obra do Frei Bartolomé de Las Casas, sua descrição dos anos iniciais da conquista da América e os relatos sobre as viagens e a vida de Colombo. Da mesma forma Héctor Bruit observa que “[...]a obra de Díaz Del Castillo [sic], é a mais acabada e objetiva acerca da conquista do México e, especialmente, sobre a personalidade de Hernán Cortés”.⁸⁰

A produção destas obras não foi um privilégio apenas dos europeus, temos crônicas produzidas por mestiços: Garcilaso de La Vega, Guáman Poma de Ayala; e índios: Juan de Santa Cruz Pachacuti e Titu Cusi Yupanqui que escreveram sobre o Peru. No México Juan de Alva Ixtlilxochitl, Hernando Alvarado Tezozomoc, Frei Diego Duran (que na verdade era mestiço), escreveram sobre os Astecas.

Para Leandro Karnal,⁸¹ independentemente de que tipo fosse a crônica ou seu autor (militar, humanista, frade, mestiços, indígenas ou burocratas), existe uma reflexão sobre a natureza da conquista. Os autores tentam, cada qual à sua maneira demonstrar ao seu leitor o desenrolar da empreitada. Dão ênfase à conquista política, aos detalhes da natureza, à nobreza do indígena ou à formação da identidade *criolla*. A crônica é a tradução de um tipo de conhecimento para outro enfatizando que “A crônica é um esforço epistemológico[...]”. O cronista é o sujeito que transmite as ações dos homens no Novo Mundo para seus espectadores europeus, mas muitas vezes o conteúdo não fala só da América, mas também da própria Europa e dos europeus. A crônica descreve feitos e atos, formas de negociação e de comunicação bastante originais; formas variadas de conquistas, conforme a região, os povos conquistados e o próprio personagem conquistador. São registros da América que fazem parte de um processo de formação de uma nova realidade “é uma peça do jogo complexo de definições”.⁸²

Como as crônicas aparecem em formas diversas, não há um adjetivo específico para qualificá-las. Elas mudam conforme se desenvolvem as interações entre invasor e invadido.

⁸⁰ Ibid.

⁸¹ KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. *Idéias*, Campinas, v. 13 n. 2 p. 18, 2006.

⁸² Ibid. p. 19

Mudam no tempo e no espaço, muitas vezes fornecem detalhes sobre *criollos*, indígenas ou ainda sobre a própria sociedade européia. “A crônica é filha do tempo, como todo documento histórico”.⁸³ Revela tanto na leitura hermenêutica do seu conteúdo, como pela sucessão das diversas percepções sobre quem é o indígena ou qual a natureza do Novo Mundo. A leitura das crônicas e o julgamento de seus autores também são partes do processo de construção dos sentidos na América⁸⁴.

Os conquistadores do continente americano foram conscientes da importância histórica de suas façanhas, podemos observar isto nos conteúdos de suas obras. Estão cheios de parcialidades e paixões demonstrando uma profunda religiosidade, que é uma das características do etnocentrismo europeu, mas a novidade e a singularidade que a América trazia para os europeus eram desafios às suas crenças e aos costumes tradicionais. Para eles, foi necessário um grande esforço intelectual no intuito de compreender e assimilar as características desse encontro, assim como de despertar a percepção da ligação que passou a existir entre Velho e Novo Mundo.

Como se sabe, muitas crônicas foram proibidas ou não foram publicadas no período da colônia. Exemplos como Bernardino de Sahagun, Diego Duran, Garcilaso, Poma de Ayala entre outros. No caso de Sahagun houve uma proibição direta da Coroa Espanhola através de cédula Real no ano de 1577. Algumas crônicas andinas foram proibidas, como foi o caso da de Garcilaso depois que a monarquia borbônica decidiu eliminar os rastros de estudos de quéchua após a rebelião de Tupac Amaru II. A de Poma de Ayala, só voltou a tona no século XX quando foi descoberta na Dinamarca⁸⁵. No Chile, a crônica de Jerónimo de Vivar esteve desaparecida por mais de trezentos anos, ressurgindo também apenas no século XX. Neste caso, ao que parece, não por questões políticas.

É possível que durante o tempo em que ficaram “esquecidas” as crônicas foram utilizadas através de manuscritos ou adaptações, mas somente a partir do século XIX o estudo das mesmas se desenvolveu mais seriamente. Como não poderia deixar de ser, este novo debate sobre as obras levantaram discussões políticas. A retomada dos estudos e o olhar mais apurado dos historiadores trouxeram à tona projetos políticos utilizados por grupos que tinham o objetivo de forjar identidades. Seleccionavam e interpretavam cada qual à sua maneira. Discussões sobre a formação de Estados-Nações tiveram seus alicerces preenchidos

⁸³ Ibid.

⁸⁴ Ibid. p. 20

⁸⁵ Ibid.

pelas crônicas⁸⁶. Em muitos lugares, questões sobre identidade nacional baseada nas crônicas foram amplamente difundidas. A constituição de uma nova nação aliava o contexto político às origens culturais trazidas por estes manuscritos coloniais:

La nación en el sentido moderno oscila en el siglo XIX entre una concepción esencialmente política, venida de la Revolución Francesa, y otra, cultural, que se afirma con el romanticismo. En la primera, la nación aparece como una colectividad humana constituida por la libre voluntad sus miembros y gobernada por leyes que ella misma se da. Teóricamente, nada en esta concepción remite a una identidad cultural común y la “gran nación” francesa de la época revolucionaria admite en su seno – e incluso en puestos políticos y militares importantes – a gentes venidas de muy diversos países. En la segunda, la nación aparece como una comunidad fundada en un mismo origen, con una historia común y múltiples rasgos culturales compartidos por sus habitantes que la diferencian de otras comunidades vecinas.⁸⁷

No século XIX, foram criados “procedimentos” para análise das obras e conseqüentemente de seu “grau de importância histórica”, sua autenticidade. O documento deveria ter uma noção de verdade “menos transcendental e mais científica”.⁸⁸ Neste resgate, algumas crônicas foram privilegiadas em detrimento de outras. Aquelas que tinham origens leigas ou oficiais obtiveram mais atenção do que as de origem religiosa. Alguns critérios de análise surgidos no século XIX foram utilizados também no século XX, principalmente até o início da segunda metade. Algumas formas e conteúdos foram “eleitos” como importantes documentos, simplesmente por trazer conteúdos mais etnográficos do que outros. Aquelas crônicas que rompiam com os critérios oitocentista eram relegadas a segundo plano.⁸⁹

Para os historiadores do século XIX, a história política e cronologicamente orientada era premente. Quanto mais se percebia que a subjetividade do documento cedia lugar à objetividade do relato (daí a noção de “monumento histórico”), mais as crônicas entravam para o rol de materiais confiáveis[...].⁹⁰

Como já nos referimos, as crônicas coloniais, independentemente de suas origens, temas ou formas, se compõem em importantes fontes históricas para o estudo da América colonial. Claro que não nos aprisionamos na idéia de que estas obras são relatos perfeitos, devem ser entendidas como:

⁸⁶ REIS; FERNANDES, op. cit. p. 34-37

⁸⁷ GUERRA, François-Xavier. Identidades e independência: la excepción americana In: **Cuadernos Ahila** [versão on-line], n. 02, 1994. Disponível em: <http://ahila.nl/publicaciones/cuadernos.html>. Acesso em 02 fev. 2008

⁸⁸ Ibid.

⁸⁹ Ibid.

⁹⁰ Ibid. p. 36

Uma representação construída a partir das práticas cotidianas vivenciadas pelo cronista, perdendo uma suposta objetividade. As representações de mundo relatadas nas crônicas se entrecruzam e dialogam com as próprias práticas de quem as produziu. As idéias, concepções, projeções, valorações apresentadas nesses manuscritos ganham sentido no momento em que são apreendidas em consonância com seus lugares de produção.⁹¹

A crônica (e não temos como fugir dessa percepção) faz parte do próprio processo de produção histórica, assim como as práticas que a geraram também estão inseridas neste contexto⁹².

2.1.1 Os primeiros cronistas no Chile

No primeiro século da conquista, o assentamento espanhol no Chile foi marcado pela violência e pela instabilidade institucional, econômica e uma diminuição drástica da população indígena, produto das guerras e enfermidades trazidas pelo europeu junto com a desestruturação completa de seu modo de vida tradicional. O estabelecimento da primeira leva de colonizadores, durante o século XVI e início do XVII, foi narrado pelas crônicas, e coincidentemente crônicas de origem militar, tendo como autores figuras como: Pedro de Valdivia (1545-1552), Jerónimo de Vivar (1558), Alonso de Ercilla (1569), Alonso de Góngora y Marmolejo (1576), Pedro Mariño de Lobera (1595), Pedro de Oña (1596) entre outros. O tema principal das obras é a resistência que os índios chilenos empregam contra os europeus. Todos estes trabalhos históricos inicialmente não foram impressos, circulando apenas cópias manuscritas nos arquivos chilenos e espanhóis até o século XIX, quando começaram a ser impressos. Durante o século XVII, época de profundas transições, aos poucos, o poder espanhol estava se consolidando sobre todo o território. O tema sobre as guerras de resistência indígena foi retomado por uma nova geração de cronistas. Os principais foram Francisco Núñez de Pineda y Bascuñan, que era um soldado espanhol, e os jesuítas, Diego de Rosales e Alonso de Ovalle. Sendo somente a obra de Ovalle impressa imediatamente. O século XVIII foi marcado pela estabilização da fronteira araucana e a consolidação da grande propriedade rural, a fundação e o desenvolvimento de grandes centros urbanos, e ainda, profundas reformas administrativas impostas pela dinastia dos Bourbons. Neste século, surgiram novos cronistas destacando-se Juan Ignacio Molina com sua obra

⁹¹ CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982. p. 32

⁹² Ibid.

Compendio de la historia geográfica, natural y civil del Reyno de Chile, sendo esta obra de grande influência na Europa tendo sido reeditada várias vezes.

No período pré-hispânico, o Império Inca foi incapaz de conquistar os mapuche. Em 1540, Pedro de Valdivia, o grande conquistador espanhol, chegou ao Chile com um punhado de soldados e se estabeleceu em Santiago, com a intenção de dominá-los. O primeiro intento de dominação terminou sem colher seus frutos, o baque foi ainda maior quando no ano de 1641, pouco mais de cem anos após a chegada de Diego de Almagro, os espanhóis foram obrigados a reconhecer legalmente, através do Parlamento de Quilín⁹³, um território Mapuche independente tendo o Rio Biobío como sua fronteira ao norte, fronteira esta, que já existia desde o grande levante de Curalaba no ano de 1598⁹⁴. Os mapuche conseguiram manter os espanhóis fora de seu território ancestral por quase 300 anos. Este período de contínuo conflito e assédio ao seu território levou-os a enfrentar e também a promover várias guerras. A última de grande proporção foi entre os anos de 1880-1883, quando, ao final destes combates os indígenas foram finalmente derrotados. A conquista que começou em 1535 estava finalmente completa. Esta representa um ponto crucial na consciência histórica desse povo que se reflete nos padrões culturais dos mapuche contemporâneos.

O resultado de sua submissão militar foi a criação das chamadas “*reducciones*”, onde foram forçados a viver. O resto de seu território foi entregue a fazendeiros e estrangeiros. Entre 1884 e 1930 a quantidade de terras havia reduzido drasticamente ao mesmo tempo em que os índios aumentaram a dependência dela. Mas, uma das piores medidas que foram tomadas contra os mapuche foi sua incorporação ao sistema administrativo chileno, não como uma minoria agregada com uma estrutura política interna própria, mas apenas como uma agrupação de indivíduos sujeitos diretamente à autoridade chilena. Aos poucos, as interações entre mapuches e os outros povos aumentaram através do sistema administrativo nacional, através do trabalho e da educação⁹⁵.

O fluxo dos incidentes mencionados é descrito em vários trabalhos que foram produzidos sobre os mapuche nos últimos tempos, (Bengoa 1985, Villalobos 1982, 1989, 1992, 1995, entre vários outros) e parte da historiografia oficial chilena. Todos estes trabalhos se apoiaram e utilizaram os registros dos cronistas e historiadores coloniais. Alguns deles construíram imagens negativas baseadas em símbolos e signos pejorativos que emergiram

⁹³ FOERSTER G., Rolf. **Jesuitas y Mapuches: 1593-1767**. Santiago de Chile: Edit. Universitaria, 1996. p. 182

⁹⁴ Ibid. p. 66

⁹⁵ HERRERA LARA, Ricardo H. La construcción histórica de la araucanía: de la historiografía oficial a las imágenes culturales y dominación política. **Rev. Austral Cienc. Soc.** Valdivia, no.7, p.29-40, 2003. Disponível em: http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-17952003000100004&lng=es&nrm=iso. Acesso em 13 mai. 2008.

durante os conflitos: campanhas militares falidas e fracassos nos esforços de assimilação da cultura branca. Como já citado anteriormente, sabemos que alguns trechos ou as obras em si impõem uma certa representação da realidade; apresenta a realidade seletivamente, incluindo alguns aspectos e ignorando outros. A explicação para mais de três séculos de esforços inúteis para a completa dominação destes índios flui pelos livros assinalando diversas razões, mas todas elas se referem as diferentes características atribuídas a esta etnia, principalmente em relação à organização de seus exércitos para os combates. As variações destas características atribuídas dependem do conhecimento cultural, da tradição dos diferentes autores ou da maneira como foram trabalhadas.

Entre 1545 e 1552, as cartas que Pedro de Valdivia enviou ao Rei da Espanha e a outras autoridades do Império Espanhol, começaram a construir um registro de imagens culturais múltiplas, tanto do país como de seus habitantes. Imagens que de alguma maneira persistem até hoje. Estas cartas continham referências que tentavam alterar a imagem negativa que os espanhóis tinham do Chile depois da falida empresa de Diego de Almagro. Desde sua chegada ao Chile em 1540, Valdivia fez todos os esforços possíveis para convencer a seus superiores, tanto na Espanha como em Lima, que a conquista era viável e que seria rentável. Existe um consenso em aceitar que Pedro de Valdivia exagerava em seus escritos, principalmente sobre as possibilidades econômicas que oferecia o território chileno.

As primeiras cinco cartas de Valdivia foram encontradas nos arquivos de Simanca. Enviadas aos arquivos de Sevilha, no final do século XIX, foram trabalhadas por grandes historiadores como Diego Barros Arana (que descobriu mais duas cartas) e José Toribio Medina, que por sua vez, também encontrou mais duas epístolas. No ano de 1928, foi encontrada uma nova carta, que estava junto com a documentação de Pedro de la Gasca. Neste mesmo ano, foi publicada mais uma carta pelo inglês Henri Huntington. Dentre outras, as cartas de Valdivia nos dão informações sobre cidades e até sobre os limites do Chile, informações sobre o deserto do Atacama e outros dados geográficos. Permite visualizar o espaço onde viviam várias etnias, compreender, conhecer e ter notícias da fundação de centros urbanos. A comparação das cartas nos permite verificar a repetição de informações por parte de Valdivia. Escrevia cartas quase idênticas para o devido resguardo das notícias, há inclusive cartas com o mesmo conteúdo fechadas no mesmo dia para destinatários diferentes. Com

medo do extravio temia pelas circunstâncias, pela longitude e pelas agruras dos caminhos por onde suas cartas percorreriam⁹⁶.

Muito antes de Alonso de Ercilla imprimir suas composições e colher os frutos, Pedro de Valdivia, enviava ao Imperador Carlos V suas impressões, seus lucros e seus anseios através de suas cartas substanciosas e fidedignas. O conjunto epistolar de Valdivia em muitos aspectos é comparável as cartas de Hernán Cortés, mas ao contrário destas, não obtiveram a merecida divulgação, impedindo um maior aprofundamento sobre o trabalho do “grande conquistador do Chile” seus feitos e sua personalidade.

Desde muito cedo, a crítica a este tipo de documento foi muito favorável a personalidade do conquistador, sendo generosa em profundidade, nas motivações e nas qualidades deste homem do Renascimento. Examinando sua tarefa com referência na tipologia do conquistador militar, podemos observar nas suas cartas referências pejorativas sobre os mapuche, tais como: bárbaros, selvagens e canibais. Grande parte da historiografia oficial incorporou este discurso transformando-o em ícone da literatura *hispanoamericana*, criando, deste modo, uma imagem cultural, que incluía signos eufóricos unindo o homem a terra. Uma relação que mais envolvia o “homem civilizado”, que foi capaz de descobrir a beleza e generosidade dos recursos deste novo “Éden”.

después que las Índias se comenzaron a descubrir hasta hoy, no se há descubierto tal tierra a vuestra Majestad: es mas poblada que la Nueva España, muy sana, fertilísima e apacible, de muy lindo temple, riquísima de minas de oro, que en ninguna parte se ha dado cata que no se saque; abundante de gente, ganado e mantenimiento; ... y en ella no hay otra falta si no es de españoles y caballos;⁹⁷

Dentro desta imagem cultural, os mapuche eram objetos de ação, não atores. A terra (e sua gente) estava a mercê da conquista (e mais tarde do desenvolvimento), era considerada um sinal, uma demonstração de poder, integridade e honra. Em sua crônica, o soldado Pedro Mariño de Lovera, introduz o estilo barroco tão familiar aos jesuítas. Este estilo incluiu a imaginação e os milagres levados a cabo pelo apóstolo Santiago, que de “Santiago Mata-Mouros” se converteu em “Santiago Mata-Mapuche”. Fazendo o relato de um combate onde a vitória previsível dos bravos guerreiros indígenas se transformou em sua derrota, Mariño de Lovera retrata:

⁹⁶ LUTZ, Guillermo Cortés. Los cronistas del siglo XVI em Chile: Elementos para el estudio de Atacama. *Clio*, Copiapó. n. 33 p 1-32, 2007. Disponível em: <http://clio.rediris.es/n33/n33/cronistaschile.pdf>. Acesso em 21 fev. 2008.

⁹⁷ VALDIVIA, Pedro de. **Cartas de Relación de la conquista de Chile**. Edición crítica de Mario Ferreccio Podestá. Santiago. Editorial universitária, 1970 [1550]

la causa de tan repentina y estupenda mudanza em su huida fue el haber salido um caballero com um caballo blanco, en cual se les puse adelante con con horrorífico aspecto y comenzó a dar en ellos con tan bravo coraje que los dejó absortos, y mucho más una señora muy hermosa que salió enchándoles en los ojos una espesa niebla con que los cegaba, y con que dio vista a los españoles para que reconociesen ser ella la soberana Madre de Dios y el caballero, el glorioso Santiago.⁹⁸

A combinação de preocupações, tanto militares como religiosas, levou Mariño de Lovera a criticar o comportamento brutal dos espanhóis e a justificar a agressividade dos mapuche. Sem dúvida esta piedade cristã, que é a base para condenar o comportamento dos espanhóis, é também um reconhecimento da superioridade dos valores culturais e religiosos dos europeus. As crônicas na sua grande maioria estão compostas pela dualidade: tendo de um lado a crença na supremacia dos valores do Velho Mundo e de outro lado a justificação da reação dos mapuche. A percepção dos índios pelos cronistas vem desde considerá-los como bárbaros (incluindo referências ao canibalismo), até assemelhar seu caráter aos dos gregos e romanos. Em outras palavras, os índios, do ponto de vista dos valores religiosos, são bárbaros e quando considerados sua força e poder de resistência, são nobres.

Outro cronista, autor de importante obra do período colonial, Francisco Nuñez de Pineda y Bascuñan adota uma posição similar a da maioria dos cronistas. Seu registro adquiriu grande importância, posto que este autor viveu efetivamente como cativo entre os mapuche. Era um nobre profundamente religioso. Seu livro é uma redenção dos índios, onde ele reconhece que estes vivem em um estado de barbárie e que podem ser “recuperados” através da ação religiosa:

los índios ya domésticos no se rebelaron ni cogieron las armas para hacer guerra a los españoles por aversín que tuvieron a nuestra religión cristiana, sino es por vengar los agravios, molestias u vejaciones que les hacían, y por defender sus fueros, sus vidas, sus mujeres y sus hijos; que según San Agustín, fue justa la guerra que movieron contra los que los agraviaron y tuvieron como esclavos⁹⁹

Pineda y Bascuñan estava convencido que os índios podiam ser “domesticados” por meio dos ensinamentos da verdadeira fé cristã. Na sua visão os empecilhos poderiam ser contornados, já que para ele os mapuche estavam, naturalmente, inclinados a aceitar a revelação cristã e os mistérios sagrados. Os problemas estavam na crueldade e na brutalidade que havia nas relações entre espanhóis e indígenas. Ao tomar tais atitudes, os espanhóis se

⁹⁸ MARIÑO DE LOVERA, Pedro. **Crônica del Reino de Chile**. Santiago. Edit. Universitária, 1970. pp. 99-100

⁹⁹ PINEDA Y BASCUÑAN, Francisco Nuñez de. **Cautiverio Feliz**. Santiago. Edit. Universitária, 1973 [1673] p. 142.

tornam incapazes de exemplificar seus valores cristãos aos índios, fazendo com que a guerra se prolongue indefinidamente.

Do lado oposto deste enfoque de redenção, encontramos o grosso da informação relacionada aos índios, o verdadeiro olhar do europeu. Vários cronistas tentavam relatar seu meio social, mas os esforços destes autores centravam nas buscas de razões e atribuições para levar a cabo a conquista, sem questionar as conseqüências que este esforço traria aos índios. As razões estavam relacionadas com a incorporação do território ao Império. As atribuições eram feitas em relação à capacidade mapuche de resistir ao processo de dominação imposto. Alguns autores utilizavam o método de “culpar a vítima” (Góngora Marmolejo, Quiroga, Ovalle, Rosales) e mais uma vez eram contraditórios. Por um lado menosprezavam os índios rotulando-os como “bárbaros sedentos de sangue”, mas quando descreviam sua superioridade militar nos combates contra os espanhóis, exaltavam sua admirável condição de se adaptarem à guerra nas suas mais diversas condições, variações e sua bravura. Ainda por final, afirmavam que esta adaptação tornava a guerra impossível de ser vencida pelos espanhóis. Este tipo de visão levava a proposição de medidas radicais para se resolver a questão mapuche. Como solução final, deveria ser adotada a guerra total para aniquilação da resistência. Os sobreviventes, mulheres e crianças, deveriam ser vendidos como escravos para outros domínios coloniais da Coroa Espanhola e os mortos deveriam ser substituídos por escravos negros domesticados, transformando o reino do Chile um dos reinos mais prósperos sob o domínio espanhol.

Em todos estes registros podemos observar uma grande quantidade de signos mediante os quais os processos simbólicos constroem estruturas de imagens culturais. Estas imagens foram incorporadas na história institucional chilena como dimensões políticas, associadas a conceitos fundamentais da imagem dos índios. Canibalismo, poligamia, selvageria, embriaguez, imoralidades, etc., todos eles servindo como símbolos base para a construção de uma realidade de cultura colonial. As diferentes representações dos mapuche como índios (quando eram batizados) e como bárbaros (quando não eram batizados) refletem o caráter dual do “índio”, como uma categoria social e um personagem moral. A imagem do “índio” depende precisamente desta combinação de opostos, em que os “selvagens” e a cristandade se sustentam e se dissociam mutuamente. Sem dúvida que a elaboração cultural da conquista e o espaço de conflito entre a guerra e a paz se mantiveram por esta polaridade dinâmica. Grande parte da historiografia oficial se apropriou de algumas características deste contexto histórico-cultural e deixou outras de lado. As imagens representadas pelos escritores e cronistas mais tradicionais que se concentraram nas campanhas militares e conseqüentemente nestes signos

pejorativos projetados sobre os mapuche, conseguiram de alguma maneira transmitir por gerações este conceito errôneo.

Como vimos, a duradoura resistência mapuche deu margem à sua demonização ao mesmo tempo em que provocava profunda admiração. Seus reflexos atravessaram gerações e influenciaram vários contextos que ajudaram na formação do caráter do que hoje é o Chile. Diante desta constatação, percorreremos o caminho ancorados por duas importantes fontes do período inicial da conquista e através delas tentaremos entender como foi este processo de resistência mapuche. As obras utilizadas como ponto de partida para nossa pesquisa, cada qual à sua maneira, são de suma importância na história colonial chilena. Ambas foram precursoras, a primeira crônica e o primeiro poema épico;¹⁰⁰ mostram o início do contato dos espanhóis com os indígenas, a resistência imposta pelos nativos e a sede de conquista do homem branco. Produzidas nos primeiros anos da chegada do europeu ao território, seus autores, Jerónimo de Vivar e Alonso de Ercilla são testemunhas presentes em vários acontecimentos narrados. Nos concentraremos, principalmente, naquela que se tornou a grande especialidade mapuche: a guerra. A bravura dos índios nos vários combates, sua adaptação a novos tipos de armas, táticas de guerrilhas e outros. Tentaremos entender as razões para a feroz e prolongada resistência. Se é fruto do seu apego à terra ou apenas característica de sua natureza.

2.1.2 A crônica de Jerónimo de Vivar

Esta crônica criada pelo burgalês Jerônimo de Vivar, na segunda metade do século XVI, apareceu primeiramente na Espanha. Trata-se de obra e autor pouco conhecidos, não só pelo grande público leitor, mas também por especialistas da história americana. Desde o aparecimento da primeira edição, a pouco mais de quatro décadas, não faltaram elogios. Desconhecida até então, a obra foi alçada à altura dos mais relevantes escritos dedicados ao descobrimento e conquista da América. A qualidade de seus relatos e descrições dedicados ao antigo reino do Chile são inegáveis, embora não tenha inicialmente alcançado o conhecimento

¹⁰⁰ A obra de Jerónimo de Vivar é a primeira obra escrita neste formato de crônica. As cartas de Pedro de Valdivia produzidas anteriormente também são consideradas como crônica da conquista, assim como o poema épico de Alonso de Ercilla também está inserido neste contexto.

e o reconhecimento devidos¹⁰¹. Talvez por não abordar uma região ocupada por povos autóctones, que desenvolviam uma elaborada e complexa cultura material, artística, arquitetônica e um evoluído sistema econômico e social (como é o caso dos povos mesoamericanos e dos Andes centrais), inicialmente não conseguiu a atenção necessária, nem mesmo entre os próprios conquistadores. Estes estavam mais inclinados a enxergar as nações indígenas não controladas pelos Incas, nem sujeitas a sua organização, como bárbaros sem nenhuma ordem. Por outro lado, com a definitiva instalação dos espanhóis, os antigos centros cerimoniais indígenas mais importantes – que simbolizavam o poder e os êxitos alcançados por estas culturas – em geral se transformaram nos núcleos governantes da nova política e da atividade comercial colonizadora, com algumas exceções, como é o caso de Lima. Ali, sem perder o papel predominante na tomada de decisões, passou a ser a sede do Vice-Reinado e se converteu em assentamento permanente de universidades, colégios, seminários e outras instituições culturais, trazendo um maior interesse pelo estudo e conhecimento dos povos sobre onde estava se erigindo aquela nova realidade social, principalmente nas áreas mais densamente povoadas, ficando as terras mais pobres e longínquas em segundo plano¹⁰². Dentre outros, este seria o caso das terras que se estendiam ao sul das antigas fronteiras incaicas meridionais, limitadas entre os Andes e o oceano pacífico, então conhecidas com o nome de Chile. As mesmas mãos que empunhavam as espadas também faziam os primeiros relatos, trazendo informações das tão remotas e afastadas províncias.

Diante dos estudos atuais, existem poucas fontes sobre a vida e a pessoa de Vivar, os indícios nos levam a crer que ele se encontrava no meio de pessoas escaladas por Pedro de Valdivia para se dedicarem à produção de um compêndio geográfico sobre os territórios que estavam sendo incorporados à Coroa Espanhola. Diante desta posição, nos parece mais fácil o entendimento sobre a estrutura premeditada que é adotada em certos capítulos e a ordenação interna dos mesmos, intercalados habilmente no conjunto da obra e dedicados, todos eles, a descrever os diversos vales chilenos, os costumes dos indígenas que habitavam os territórios desde o deserto do Atacama até a região chuvosa da cidade de Valdivia. A estas informações soma-se o fato de Vivar estar constantemente presente a bordo de navios que percorrem todo o litoral chileno. Lembrando que, os estudos geográficos e cosmográficos da época estavam intimamente ligados aos estudos náuticos. Outro indício é o paralelismo existente entre as

¹⁰¹ BARRAL GÓMEZ, Ángel. Introducción In: VIVAR, Jerónimo. **Crónica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin, 2001. p. 5-6.

¹⁰² Ibid.

cartas de Pedro de Valdivia e a crônica de Jerônimo de Vivar, já que os documentos que formavam o arquivo pessoal do governador estavam à disposição do projeto geográfico.¹⁰³

Com a morte de Valdivia, o principal incentivador, o projeto ficou à espera de complementos e na espreita de uma ocasião para seu envio ao Rei. Vivar acaba desistindo da empreitada e utiliza os escritos, juntamente com extratos, testemunhos, leitura de compêndios e sua própria experiência, para elaborar a crônica. Sua obra ao que parece serviu para abastecer cronistas posteriores à sua passagem pelo Chile, na segunda metade do século XVI e no XVII; Alonso de Ercilla, juntamente com Diego de Rosales, estão entre estes cronistas. Concentrada na sua maior parte na figura de Pedro de Valdivia (e após sua morte na figura do novo governador García Hurtado de Mendoza) e nos seus esforços para a colonização e domínio dos índios e das terras, sem dúvida esta crônica é uma fonte quase obrigatória para trabalhos de pesquisa sobre os anos iniciais de conquista dos territórios chilenos. Ela nos permite uma hermenêutica histórica, pensando novos cursos para o conhecimento e compreensão da história do Chile do século XVI. Também nos permite conhecer parte da vida pré-hispânica, com uma detalhada descrição etnográfica, das primeiras habitações chilenas, religião, línguas, vestimentas, comida e dieta; quase nada escapa à sua visão de cronista. Os dados ali encontrados não se limitam a apenas uma região, abrangendo as regiões, norte, central e sul. O cronista inclusive relata e ratifica o rito de tomada de posse dos territórios chilenos por Pedro de Valdivia:

En jueves, veintiséis días del mes de octubre del año de nuestra salud de mil y quinientos y cuarenta, ante un escribano del rey que en el real venía, el general tomó posesión en nombre de Su Majestad. Hizo las diligencias que en tal caso se requerían, que son ciertas ceremonias hechas en esta forma: armado el general de todas armas y su adarga embrazada en el brazo siniestro, y la espada en su mano derecha y alta, cortando ramas y levantando ciertas piedras, moviéndolas de una parte a otra, diciendo en alta voz que emprendía y emprendió, y tomaba y tomó posesión en aquel valle de Copiapó en nombre de Su Majestad, así de aquel valle e indios de él, como de toda la gobernación que de allí en adelante tenían, y que si alguna persona o personas había que se lo contradijese o defendiese, que él se mataría con la tal persona o personas [...]¹⁰⁴

Poderíamos dizer que Vivar atua quase como um antropólogo moderno. Também em suas análises descreve o clima, a flora, fauna, fala sobre os primeiros portos abertos no reino e traça uma idéia das possibilidades econômicas do Chile. Sua obra é uma das melhores fontes para o estudo do século XVI. A este respeito Sáez-Godoy, responsável pela edição da crônica

¹⁰³ Ibid. p. 20-21

¹⁰⁴ VIVAR, Jerónimo. **Crónica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin, 2001. p. 67-68

lançada no ano de 1979, com um tom ufanista, assinala que sem dúvida é o documento mais valioso da história americana encontrado nos últimos anos: por seus valores intrínsecos, por sua extensão, por sua produção precoce, por sua coerência com os fatos narrados, está com certeza a altura dos mais importantes manuscritos do descobrimento e conquista.¹⁰⁵ Não podemos deixar de mencionar que em seus escritos, Vivar busca realçar a figura e o heroísmo dos hispânicos, especialmente a figura de Valdivia e também, é óbvio, visava encorajar mais espanhóis a aderirem a esta empresa. Jerônimo de Vivar, igualmente ao poema de Ercilla, reconhece o valor de seus pares, relatando seus feitos durante a conquista. Em uma de suas páginas afirma:

Abiendo pasado a estas nuevas regiones de Yndias, y como en ellas oviese y aconteciesen cosas dinas de perpetua memoria, vilas no tener en el grado que sé deven tener, y los casos acontecidos que cada vn día acontecian vilos quedar en olvido e los españoles, hijos de nuestra España. Su ynclinacion es en supremo grado y su yntento tal que se ynclina mas. Es tanta su valerosidad que en todos los negocios que emprenden procuran subir a más y valer más¹⁰⁶

Também aborda a obra em questão as lutas contra os índios na região araucana, as explorações ao sul das terras chilenas, por último a chegada do governador García Hurtado de Mendoza, finalizando seu relato no ano de 1558, ou seja, durante o mandato do próprio Mendoza.

A crônica é constituída por cento e sete páginas, escritas em ambos os lados, tendo cada uma delas “[...] tamaño aproximado de un pie de largo por um palmo de ancho¹⁰⁷, medida usual en los oficios empleados en el siglo XVI”.¹⁰⁸ Deste conjunto falta a folha número vinte e um onde se encontrava o final do capítulo XXVII, todo o capítulo XXVIII e parte do XXIX. Fruto principalmente das desventuras enfrentadas pelo manuscrito até o século XX. A estrutura interna está articulada por cento e quarenta capítulos, bastantes similares em seus tamanhos, média de uma página e meia para cada. O tipo de escrita utilizado é a letra cortesã própria da época, cujo traçado foi bem elaborado para que o resultado final fosse de fácil leitura, porém posteriormente foram acrescentadas algumas correções, tentando o autor conferir uma maior transparência ao manuscrito.¹⁰⁹

¹⁰⁵ Id. **Crónica y relación copiosa y verdadera de los Reinos de Chile (1558)**. Edición de Leopoldo Sáez-Godoy. Berlín: Colloquium Verlag., 1979. introducción p. V

¹⁰⁶ Ibid. p. 03

¹⁰⁷ Medida correspondente a 28 centímetros de altura por 21 centímetros de largura.

¹⁰⁸ Vivar, 2001. op. cit. p. 22

¹⁰⁹ Ibid.

Mesmo constando no seu final a frase “[...] hecha por Gerónimo de Bibar, natural de la ciudad de Burgos”,¹¹⁰ por muito tempo houve grandes dúvidas sobre a autenticidade da obra de Vivar, devido à falta de referências sobre a real existência do autor.¹¹¹ Não figura seu nome nos documentos oficiais de entrada no Chile e nem nas notícias sobre o governo de Pedro de Valdivia. A unanimidade na falta de informações nos arquivos e de autores contemporâneos, que tratavam da conquista, levou os pesquisadores a considerarem a hipótese de que poderia ser um pseudônimo.¹¹² O historiador Barros de Arana segue na mesma direção, afirmando que o pseudônimo foi utilizado por Juan de Cárdenas, secretário geral de Pedro de Valdivia¹¹³. Exames paleográficos foram feitos entre a crônica de Vivar e algumas cartas de Valdivia, visto que Juan de Cárdenas era o copista das mesmas. As conclusões apuraram que a caligrafia era completamente distinta uma da outra e diante dessas conclusões foi descartada a possibilidade de Cárdenas ser o autor da crônica. Outro elemento de peso sobre a comprovação da autoria de Vivar está no processo contra Francisco Villagrán, onde Jerónimo de Vivar declara seu testemunho no ano de 1558. As respostas do cronista às perguntas que lhe foram formuladas se correlacionam detalhadamente com o conteúdo de sua crônica, mostram muitas semelhanças e, em algumas partes, exatidão que não deixam nenhuma dúvida ser ele o autor da obra.¹¹⁴ Se as andanças e acidentes sofridos pela obra tomam ares novelescos, o mesmo não ocorre com seu autor Jerónimo de Vivar, já que o desconhecimento e a contradição tomam conta quando se busca ou se escreve sobre sua vida.

Mas a prova derradeira da obra de Jerónimo de Vivar se deve ao célebre Antonio de León Pinelo, bibliógrafo e jurista, que publicou no ano de 1629 sua conhecida obra *Epítome de la Bibliotheca Oriental y Occidental. Náutica y Geográfica*,¹¹⁵ onde cita o autor em duas ocasiões: no título IX de la *Bibliotheca Occidental*, dedicado a *Historias del Reino de Chile*. Um ano depois, em 1630, em outra publicação distinta, de conteúdo jurídico, o *Tratado de Confirmaciones Reales*¹¹⁶ em que Pinelo denomina “História do Chile manuscrita” afirma que

¹¹⁰ Ibid. p. 338

¹¹¹ No original da obra o nome do autor está grafado como “Gerónimo de Bibar”, mas nas três publicações que utilizamos no desenvolvimento de nossa pesquisa (Leonard, 1966; Sáenz-Godoy, 1979; Barral Gómez, 2001) está escrito como “Jerónimo de Vivar” e é desta maneira que utilizamos nas nossas citações.

¹¹² RAMOS, Demetrio. Noticias del manuscrito inédito de la ‘Chronica del Reyno de Chile’ de Hieronymus de Bivar, **Revista de Índias**, año XII, enero-marzo, n. 47, Madrid, 1952. pp. 101-109.

¹¹³ BARROS ARANA, Diego. **Los antiguos cronistas de Chile**. Obras completas. Tomo VIII. Santiago de Chile. 1910.

¹¹⁴ MEDINA, José T. **Colección de Documentos inéditos para la historia de Chile. Desde el viaje de Magallanes has la batalla de Maipo, 1518-1818**. Tomo XXII. Santiago de Chile, 1900. pp.286-295

¹¹⁵ LEÓN PINELO, Antonio de. **Epítome de la Bibliotheca Oriental y Occidental. Náutica y Geográfica (1629)**. Edición y estudio introductorio Horacio Capel, vols. I y II. Barcelona: Edi. Universitat de Barcelona, 1982.

¹¹⁶ BARRAL GÓMEZ. op. cit. p. 14

tinha o manuscrito em seu poder. Assegura que, Vivar fora secretário de Valdivia, feito que não é possível comprovar, pois, não existem referências a isto nos documentos. Leon Pinelo, no seu *Tratado de Confirmaciones*, ao se referir ao Governo de Tucuman, anota na margem como referência bibliográfica à "Historia de Chile manuscrita" de Jerónimo de Vivar, menciona o capítulo 110, posteriormente também menciona os capítulos 2, 51, 57, 68, 102 e 78.¹¹⁷ A corroboração destas citações se encontra na crônica de Vivar, já que os capítulos citados correspondem exatamente à sua numeração, temática e conteúdo.

Esta referência de Pinelo que, ao que tudo indica teve mesmo em suas mãos o manuscrito de Jerônimo de Vivar, ou pelo menos, uma boa cópia do mesmo, foram identificadas no final do século XVII¹¹⁸. Portanto, não existem razões para se supor que houve uma possível falsificação da fonte, nem acontecimentos que contradigam sua veracidade. Depois destas informações, o manuscrito se perde e por mais de trezentos anos não se tem nenhuma notícia, reaparecendo somente no século XX, quando foi adquirido, junto com uma série de livros antigos, durante a guerra civil espanhola, pelo arqueólogo e historiador José Chocomeli Galán. Em sua fuga do território para a França, este depositou o manuscrito num Banco onde esteve durante toda a guerra civil.¹¹⁹ Passou por várias mãos até que, finalmente, foi adquirido pela Newberry Library de Chicago nos EUA.

No ano de 1966 foi efetuada a primeira edição impressa, feita por Irving A. Leonard,¹²⁰ sendo esta edição usada por inúmeros autores que trabalharam e interpretaram a crônica. A segunda edição, por Leopoldo Sáez-Godoy, foi publicada no ano de 1979. Chama a atenção o fato de Sáez-Godoy enumerar várias críticas à edição de Leonard pela falta de qualidade na publicação, ausência de notas de referências, critérios obscuros e um grande número de erros¹²¹.

A segunda edição foi precedida por um capítulo introdutório descrevendo a metodologia utilizada. Nesta versão há uma grande melhora, onde foram cumpridas algumas "etapas" omitidas na versão anterior, permitindo uma maior compreensão do leitor. Por último, temos a versão editada pelo historiador Angel Barral Gómez com uma apuradíssima introdução. Consideramos que se trata de uma reprodução realizada com grande rigor e responsabilidade que a tornam de grande confiança, fidelidade e utilidade para qualquer

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Ibid. p. 15

¹¹⁹ RAMOS, op. cit. p. 103

¹²⁰ VIVAR, 1966. op. cit.

¹²¹ Id., 1979. op. cit.

investigação que se execute. Por esta versão que basicamente nos guiaremos no desenvolvimento do trabalho, não abrindo mão de consultar as versões anteriores.

2.1.3 O poema de Alonso de Ercilla

Escrita por um nobre espanhol, Don Alonso de Ercilla y Zuñiga (1533-1594), *La Araucana*, é considerada a primeira epopéia histórica *hispanoamericana*, está inscrita na tradição clássica renascentista européia e participa da visão do mundo do conquistador que avassala em nome do rei e sua religião. O autor dedica a obra, do princípio ao fim, ao rei Felipe II, mostra a confrontação rude e cruel entre os espanhóis e índios mapuche dando ao final a “vitória” ao conquistador. Sem dúvida, apesar de sua devoção à Coroa e o respeito ao gênero épico, Ercilla agrega elementos de romance à sua obra; primeiro narra trechos da história imediata, os momentos que está vivendo, desobedecendo aos preceitos do gênero que exige distância temporal entre o narrador e os trechos narrados; em segundo trata pela primeira vez a história do surpreendente e desconhecido Novo Mundo.

Aos 21 anos, Alonso de Ercilla, consegue autorização para acompanhar o novo Vice-Rei do Peru, Andrés Hurtado de Mendoza que, por sua vez, tinha sido nomeado com o intuito de controlar a insurreição de Francisco Hernández Girón, juntamente com Jerônimo de Alderete nomeado como o novo governador do Chile em substituição a Pedro de Valdivia, morto pelos índios. Alderete morre durante a travessia do Atlântico, vítima de grave enfermidade, sendo nomeado para seu lugar García Hurtado de Mendoza, filho do Vice-Rei. Ercilla decide servir o novo governador e aporta nas terras chilenas em 21 de Abril de 1557, no porto de Coquimbo. Desde sua chegada ao Chile, o poeta-soldado participa ativamente da expansão, combates e controle das rebeliões. Em pouco mais de um ano, toma conhecimento das ações guerreiras, dos personagens e das obras (dentre elas a crônica de Jerônimo de Vivar), que viriam influenciar na produção do seu poema pouco tempo depois.

O narrador foi ator e testemunha durante quase dois anos dos feitos da conquista espanhola na região da Araucanía, inaugurando o tema americano como novidade para a renovação do gênero épico no Velho Mundo. Escrita em oitavas reais, estrofe favorita da época renascentista espanhola, o poema contém três partes divididas em trinta e seis cantos e cada parte é precedida de um *exordium*, como cabe ao gênero da época:

[...]así el que pude hurtar le gasté en este libro, el cual, porque fuese más cierto y verdadero, se hizo en la misma guerra y en los mismos pasos y sitios, escribiendo muchas veces en cuero por falta de papel, y en pedazos de cartas, algunos tan pequeños que apenas cabían seis versos, que no me costó después poco trabajo juntarlos; y por esto, y por la humildad con que va la obra, como criada en tan pobres pañales, acompañándola el celo y la intención con que se hizo, espero que será parte para poder sufrir quien la leyere las faltas que lleva[...].¹²²

As três partes da obra foram editadas em Madrid, em quatro ocasiões durante vinte e dois anos. Em 1569, a primeira edição; a segunda parte em 1578 e a terceira e última parte em 1589, reeditada com algumas adições no ano de 1590. Em 1597, após a morte de seu escritor, foi novamente publicada, mas desta vez na sua integridade. A obra alcançou êxito notável tanto na Europa quanto na América. Ainda no século XVI foi traduzida para o inglês, no início do século XVII foi traduzida para o holandês e com o passar do tempo para diversas outras línguas. Os espanhóis sentiam que estavam vivendo novos tempos de vitórias; a aventura do descobrimento, da temeridade da conquista e exploração de novos territórios; a surpresa ante uma natureza diferente, com uma flora e fauna nunca antes sonhada, davam alento à imaginação. O poema exalta a bravura guerreira, tanto dos nobres e fidalgos da corte como dos espanhóis estabelecidos na América, que viram neste intento literário, que foi dedicado aos seus sucessos, a possibilidade de trazer-lhes como resultado fama a seus nomes e a sua linhagem.

Durante quase trezentos anos de administração colonial *La Araucana* foi lida, criticada, admirada e imitada, servindo como modelo a uma série de obras épicas posteriores, inclusive a épica tardia brasileira do século XVIII¹²³. No início do século XIX, quando se inicia o processo de independência chilena, o poema torna-se parte importante nestes acontecimentos, há um resgate dos “heróis araucanos”. Inspirando-se neste sentimento libertário do povo mapuche, a nascente república chilena cria um imaginário coletivo baseado, unilateralmente, na fama e nas proezas dos indígenas, ignorando a dicotomia provocada pela maioria das crônicas e cartas da época. O *criollo*, sujeito nascido nas colônias espanholas que a partir do processo de independência passa a se autodenominar “patriota”, deixa de lado o signo da subalternidade, que pode ser encontrado na primeira estrofe do poema e fará o canto das “coisas notáveis” do povo mapuche, sua valentia, seu amor à terra e ao seus costumes, seu estoicismo diante da tortura e várias outras qualidades e valores que

¹²² ERCILLA, Alonso de. **La Araucana**. Edición Del Centenario el publica José Toribio Medina. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1910. disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/p246/13560953901028051800080/index.htm> acesso 23 abril 2007. prólogo do autor

¹²³ ORELLANA SUÁREZ, Leonides del C. **La Araucana: Génesis de una identidad nacional**. 2000. 102 f. Dissertação (Mestrado em literatura espanhola). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000. p. 3-9

Alonso de Ercilla admirou nos índios. O canto, que por direito natural, deveriam herdar os patriotas desta nova república.¹²⁴ Ao final deste mesmo século, após sair vencedor na chamada Guerra do Pacífico contra a Confederação Peru-boliviana o sentimento nacionalista se fundiu mais do que nunca com os emblemas míticos dos mapuche.

Domingo Faustino Sarmiento, exilado no Chile por duas ocasiões, na segunda vez em 1840, comenta sobre a influência de *La Araucana* no país e sua obra *Conflictos y armonías de las razas en América*, diz:

La historia de Chile está calcada sobre La Araucana, y los chilenos que debían reputarse vencidos con los españoles, se revisten de las glórias de los araucanos [...] y dan a sus más valientes tercios [...] y a sus naves (los nombres) de Lautaro, Colo Colo, Tucapel, etc. Y creemos que estas adopciones han sido benéficas para formar el carácter guerrero de los chilenos, como se ha visto en la guerra reciente con el Perú.¹²⁵

Tudo isto nos indica que, paradoxalmente, o poema que exalta o índio mapuche se transforma no poema nacional do Chile e que através de cinco séculos se insere na sociedade chilena, formando um imaginário coletivo que falsa ou verdadeiramente a representa.

Mito nacional, sem dúvida, na medida em que diferencia de um simples relato, o poema de Alonso de Ercilla veio ocupar um lugar especial na vida dos chilenos, suscitando ações e discursos, servindo tanto para planos de vida coletiva ou cívica. O trabalho deste nobre espanhol tem propriedade, tem poder suficiente para envolvimento emocional, riqueza de representações imaginárias e consistência nas suas estruturas.¹²⁶ Como tal dispositivo da mentalidade coletiva, *La Araucana* tem exercido toda sua potência em suscitar leituras que, sem ter em conta o que pode ter sido o projeto íntimo do autor, reflete obliquamente certas realidades da época em seu momento, para logo deformá-las por sua projeção no tempo. Um tópico claro, neste sentido, é o mascaramento das contradições então tensas, como por exemplo, a representação do mapuche heróico e ideal, e os índios de carne e ossos no processo de gestação de uma "identidade chilena" enraizada na história.¹²⁷

Surpreendente é o processo experimentado por esta obra clássica, gerada em pleno renascimento europeu e com o claro propósito do seu autor de conquistar louros com sua pluma e com sua espada imperial, mas acaba criando uma epopéia que oscila entre a realidade e a imaginação, entre o verídico e a verossimilhança. Um autor que transfere uma forma

¹²⁴ Ibid. p. 3-9

¹²⁵ SARMIENTO, Domingo F. **Conflictos y armonías de las razas en América**. Buenos Aires: Imprenta de D. Tuñez, 1883.

¹²⁶ ROJAS, Waldo. **La Araucana de Alonso de Ercilla y la fundación legendaria de Chile**. disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01048074096706248568813/p0000001.htm#_0_ acesso em 18 nov. 2007.

¹²⁷ Ibid.

literária européia e a impregna com os caracteres de um novo espaço e novos heróis e ao fazê-lo, cria um texto cuja apropriação na América passa pela recepção calorosa, pela imitação do gênero, pela leitura pró-indigenista e o discurso libertário e pela criação de um mito araucanista.¹²⁸

La Araucana é conhecida, investigada e analisada pela crítica e por investigadores da literatura colonial, mas só suas passagens mais pitorescas e recomendáveis aos índios são conhecidas pela grande maioria de leitores. Desde a publicação da primeira parte, o poema obteve grande êxito, foram feitas quatro edições apenas da primeira parte, antes mesmo da publicação da segunda parte. Consideramos que, por ser uma obra literária carregada de sinais que explicitam uma forma de origem, deve ser conhecida por inteiro, como um todo, deve-se tomar consciência da riqueza das visões culturais tradicionais e inovadoras que representa, as visões contraditórias sobre o mundo que posteriormente se tornou o germe de uma identidade complexa que irá se delinear nos processos históricos, sociológicos e culturais dos anos posteriores¹²⁹.

Para a compreensão da obra de Alonso de Ercilla, faz-se necessário sua contextualização, devemos observar o meio de onde ele emerge. Meio este, que claramente está refletido em sua criação. O exame sobre a situação de Ercilla como integrante do exército espanhol já estabelecemos, e observando mais detalhadamente o veremos como um membro da corte e como um homem impregnado de uma cultura que centraliza seus interesses no tema da natureza e da condição humana.¹³⁰ Seguimos neste caminho para termos a chave da compreensão da sua hesitação e contradição que submerge no poeta. A biografia de Alonso de Ercilla não assinala sua condição de cortesão. Mas analisando sua obra não é difícil identificar sua posição social, “Sacra Católica Real Majestad. Como en los primeros años de mi niñez yo comenzase a servir a Vuestra Majestad [...]”.¹³¹ A Nobreza e a corte, especificamente a Casa da Áustria, foram seu meio natural e familiar, nela, pai, mãe, irmãos e o próprio Ercilla estiveram sempre integrados. Seu pai, Don Fortín García de Ercilla, serviu toda sua vida a Carlos I da Espanha (Imperador do Sacro Império Romano-Germânico como Carlos V), neto de reis católicos cujo reinado se constituiu numa das épocas mais gloriosas da história da Espanha. Na América durante seu reinado Cortés conquistou o México, Pizarro e Almagro o Peru; Orellana descobriu o Rio Amazonas, assim o seu Império se estendeu por uma vasta região. Em 1555 abdicou em nome do seu filho Felipe e se retirou para o monastério de

¹²⁸ ORELLANA SUÁREZ, 2000. loc. cit.

¹²⁹ Ibid.

¹³⁰ ROJAS, op. cit.

¹³¹ Ibid.

Yuste, onde continuou a colaborar com assuntos de Estado.¹³² Felipe II, rei da Espanha e Portugal, continuou estendendo seu império; depois de Portugal, foi também Rei dos Países Baixos, da Sicília e de Nápoles. Muito religioso, se declarou campeão do catolicismo e foi perseguidor incansável da Reforma, contra a qual, utilizou a terrível Inquisição.

A vida deste rei, que governava de um lado, com o braço espiritual da Igreja Católica e de outro, com o braço político do Estado Absolutista nas amplas regiões que constituíam seu reino, Alonso de Ercilla dedicou praticamente toda a sua vida. Instalado no sistema sócio-econômico da época, herdeiro de certos bens, membro da estrita Ordem de Santiago e casado com uma nobre, Ercilla só podia crer e confiar na hierarquia que manejava e sustentava esse sistema.¹³³

Mas a corte da nobreza espanhola participava também das modalidades próprias da cultura do século XVI. Circulava pelas cortes da Europa a gentileza e os valores pregados pela obra do conde Baltasar de Castiglione, *El Libro del Cortesano*, a obra que traçava o perfil idealizado do homem da corte, suas qualidades físicas, espirituais e práticas. Castiglione destina muitas páginas para afirmar que o fim mais elevado que se pode propor as letras, é o de conservar as recordações dos heróis do passado para transmiti-los a posteridade. Como bom cavaleiro e bom cortesão, Ercilla cumpriu as exigências do seu tempo¹³⁴. Certamente ele transmitiu estes “ensinamentos” para sua obra, o que não poderia ser diferente. Sua obra reflete as dúvidas entre duas faces do cortesão: o soldado-cortesão e o cortesão-renascentista da qual emerge o espírito humanista que o levou a valorizar o homem do mundo americano.

O conceito de humanismo quando se trata do tema da conquista espanhola, que é uma das mais sangrentas da história do Novo Mundo, suscita a revisão e o questionamento de todo o processo de ocupação e exploração da América. O debate que deriva deste tema frente ao tema da violência e da destruição cultural que significou a conquista espanhola, deriva de calorosas e polêmicas discussões que reaparecem cada vez que se celebra ou se lamenta algum acontecimento histórico americano.¹³⁵ Não analisaremos aqui os diferentes pontos de vista que geram estas constantes discussões. Concordamos com o historiador chileno Sergio Villalobos quando este assinala que devemos superar as lendas: “la ‘leyenda negra’ que

¹³² ORELLANA SUÁREZ. 2000. op. cit. p. 62

¹³³ ROJAS, op. cit.

¹³⁴ ORELLANA SUÁREZ. 2000 op. cit. p. 63

¹³⁵ ROJAS, op. cit.

inspirada en el liberalismo, recargó los tonos grises[...] y ‘la leyenda rosada’ basada en una mentalidad conservadora”.¹³⁶

A primeira consideração que devemos fazer, é que a determinação da qualidade de humanista de Ercilla está baseada no conceito renascentista de humanismo, procedente de *humanitas*, ou seja, no sentido da cortesia, bondade e simpatia pelo próximo. Recordemos que Ercilla viveu durante a primeira metade do século XVI na Espanha, um país arraigado pela hierarquia monárquica e eclesiástica de carácter medieval. A corrente renascentista vinda da Itália, que centralizava seu interesse na individualidade do homem e em sua reintegração a natureza, se desenvolveu lentamente nos estratos sociais cultos do sistema espanhol. A vida cortesã e literária que ele estava integrado não poderia ter sido alheia a novas idéias humanistas.¹³⁷

São muitos os momentos da epopéia em que aparece o espírito humanitário de Ercilla. À medida que vai contando os trechos mais sangrentos, vai aumentando o tom pessoal da narrativa. É notório que o poeta vai aparecendo com uma individualidade frente ao grupo dos espanhóis, surgindo como um eu narrativo, que conduz a narração ao seu arbítrio. O próprio autor manifesta uma admiração verdadeira pelo que ele mesmo considera “bárbaro”. No prólogo da primeira parte, o poeta justifica sua inclinação aos indígenas:

Y si a alguno lê pareciere que me muestro algo inclinado a la parte de los araucanos, tratando sus cosas y valentias más extendidamente de lo que para bárbaros se requiere[...] mirar su crianza, costumbres, modos de guerra y ejercicios de ella, veremos que muchos no le han hecho ventaja, y que son pocos los que con tran gran constancia y firmeza han defendido su tierra contra tan fieros enemigos como son los españoles¹³⁸

Mas apesar de elogiados, os mapuche também são considerados cruéis e selvagens:

Estupros, adultérios y maldades,
Por violència sin término concluyen,
No reservando edad, estado y tierra
Que a todo riesgo y trance era la guerra.¹³⁹

Devemos assinalar aqui que os momentos de crueldade mapuche aos quais se refere o autor, estão descritos durante as batalhas. Nelas, o narrador usa todos os recursos poéticos ao seu alcance para gerar a sensação da violência que se desprende do uso do bastão, da precisão

¹³⁶ VILLALOBOS, Sergio. **Para una meditación de la conquista**. Santiago: Editorial Universitaria, 9ª edición, 1992. p. 11

¹³⁷ Ibid.

¹³⁸ ERCILLA. 1910, loc. cit.

¹³⁹ Id. **La Araucana**. Edición de Isafás Lerner. Madrid: Editorial Cátedra, 1993. canto 11

das flechas, do corte das espadas, etc. Estes recursos dotaram suas descrições de uma qualidade expressiva.

Ercilla moldou as características dos mapuche de acordo com um projeto específico que coloca sua obra em contradição com a tradição mistificadora da realidade indígena, inaugurada pelos primeiros cronistas. Dentro deste projeto, pouco tem a ver com a descrição historiográfica ou etnográfica dos indígenas; a veracidade e o realismo não foram os critérios fundamentais que permearam o processo de caracterização dos personagens. Eles estavam subordinados à afirmação de uma humanidade excepcional, uma imagem ideal, sustentada pela ampliação das reais qualidades. A epopéia de resistência do “Arauco” é uma empresa exaltada pela pena de Dom Alonso, através de um processo dominado pela tensão constante entre a objetividade e a idealização; ao mesmo tempo uma expressão da consciência dividida do autor.

Através de retratos, relatos das ações, batalhas, duelos, dramatizações de valores fundamentais, comparações, costumes, juízos e avaliações expressadas pelo narrador ou por um de seus personagens, a percepção dos índios torna-se positiva, provocando uma crescente admiração¹⁴⁰. Primeiramente, na composição física onde o autor dá ênfase a força física, frieza, resistência e agressividade indígena vivendo em harmonia com o seu meio. São os ofícios de um guerreiro excepcional que personifica o espírito livre. Para Ercilla o povo mapuche é o mais temido e respeitado da América, uma nação de homens livres. Afirma que a qualidade essencial do guerreiro está na sua concepção de mundo; um conceito central de honra e identidade. A honra, por sua vez, na forma como o poeta a demonstra é sempre colocada em jogo (ritos de poder, desafios, concursos, etc.). Assim, os índios não seriam dotados de bestialidades, o que os tornaria passíveis de assimilar os valores cavaleirescos e religiosos tornando-os civilizados. Em contraponto ao discurso dos cronistas que o precederam, o poeta-soldado tenta integrar o índio na condição de ser humano, direito que lhe foi negado por seus predecessores. Na sua visão, quando ligada ao conceito de honra, a violência é a mesma dos dois lados; é necessária e inevitável: os índios matam, atormentam, destroçam. O mesmo fazem os espanhóis: quebram cabeças, arrancam pernas, braços, narizes e também matam¹⁴¹.

A organização social nos moldes feudais, atribuída aos índios como hierarquias, valores de natureza heróica, ritos de educação, doutrina militar, práticas jurídicas e religiosas, são partes do projeto integrador de Ercilla. O mesmo ocorre com a detalhada descrição no

¹⁴⁰ ROJAS. loc. cit.

¹⁴¹ Ibid.

poema das variedades de armamentos inventados, a complexidade das táticas e estratégias militares, a arquitetura das fortificações; tudo contribui para assinalar uma realidade humana sofisticada, regida pela vocação guerreira. Do início ao fim a obra cumpre a estratégia de idealizar o guerreiro perfeito, mas sempre subordinada aos valores centrais, ideológicos e estéticos europeus. O autor tenta esconder ou iludir as diferenças entre conquistador e conquistado, suprimindo ou transformando os problemas de integração dos indígenas aos modelos aceitáveis para a mentalidade européia de sua época. Agindo assim implicitamente (e contraditoriamente) questiona o discurso empregado na conquista, reivindicando uma igual condição humana entre os índios e espanhóis.

La Araucana é iniciada com a intenção clara do autor em demonstrar as façanhas espanholas no Novo Mundo, mas aos poucos vai se transformando. Progressivamente, a narrativa favorável ao espanhol é alterada, o signo positivo se transforma em negativo. O modelo de um conquistador justo, cristão e paternal aos poucos vai sendo desmistificado, surge uma ótica crítica; o europeu exhibe um comportamento indigno, covarde, débil e egoísta, constantemente é censurado, torna-se uma figura ambígua:

Transformación histórica que va del guerrero heroico, valeroso y mesiánico, de la fase militar de la Conquista, al encomendero codicioso y explotador, ávido de poder, carente de escrúpulos y de cualquier móvil que no sea su enriquecimiento y poder personal, característicos de la emergente sociedad colonial.¹⁴²

O projeto crítico de Alonso de Ercilla culmina na total inversão do plano original. Os índios não são seres bestiais ou objetos animados, Quando estes encarnam as virtudes dos espanhóis, representam tudo aquilo que o conquistador deveria ser, mas abandonou; este modelo é identificado pelo autor como próprio da existência de um nobre que tem honra, o protótipo de um cavaleiro cristão.

Esta transformação, na visão de Ercilla, se dá após sua participação nos combates, ou seja, sua confrontação com os índios. Sua condição de soldado que participa das batalhas, o leva a conflitar com o poeta; sua própria obra expressa o conflito e a divisão de sua consciência. A crítica da conquista leva a marginalização da fórmula, o poeta não está mais em condição de aderir a um modelo de colonização americano que vai contra sua solidariedade moral, ferindo a virtude e a dignidade. Deste modo, seus relatos não foram concebidos para corresponder a veracidade dos fatos narrados, mas sim a um caminho no qual ele é a última descoberta, a auto-revelação do sentido de injustiça e exploração da guerra na Araucanía e em todo o processo de conquista. Ao final, Alonso de Ercilla confessa seu desvio

¹⁴² PASTOR, Beatriz. **Discurso narrativo de la conquista de América**. La Habana: Ediciones Casa de las Américas, 1983.

dos ideais de um cavaleiro cristão, fato que o leva a deixar de lado o canto trocando-o pelo choro:

Yo que tan sin rienda al mundo he dado
 el tiempo de mi vida más florido,
 y siempre que camino despeñado
 mis vanas esperanzas he seguido,
 visto ya el poco fruto que he sacado,
 y lo mucho que a Dios tengo ofendido,
 conociendo mi error de aquí adelante
 será razón que llore y que no cante.¹⁴³

O êxito da crítica alcançado pela obra foi analisado em trabalhos fundamentais que serviram de base para quase tudo o que foi escrito nos últimos tempos. Dentre as mais importantes está o trabalho de José Toribio Medina (1852-1930) filólogo, historiador e erudito chileno que organizou, investigou e publicou os escritos de Alonso de Ercilla, entre os anos de 1910 e 1918 (em homenagem ao centenário da independência chilena). Tratam-se de cinco volumes que contém o texto do poema segundo a edição de Madrid publicada no ano de 1597; a primeira edição completa (1590), foi publicada poucos anos antes de Ercilla falecer; a vida do autor, uma extensa biografia, dados sobre as traduções para vários idiomas, a crítica sobre a obra desde sua aparição, investigações de caráter histórico, lexicológico e bibliográfico; sem dúvida um inestimável trabalho: “hecho con amor que no enturbia su crítica y al próprio tiempo un alto ejemplo de técnica y métodos de la erudición moderna en beneficio de una obra literária valiosa”.¹⁴⁴

Em traços gerais, poderíamos dizer que os séculos XVI e XVII admiraram e viram o poema como modelo, imitando seu estilo e tema. O neoclássico e rígido século XVIII considerou como defeito a falta de um herói central, a falta de unidade e a mistura de estilos. O século XIX critica alguns defeitos, insiste na falta de unidade de ação, mas ao mesmo tempo resgata várias virtudes. Andrés Bello em seu ensaio sobre Alonso de Ercilla, no ano de 1841, destaca o estilo do poema e as riquezas de suas descrições qualificando-o como a “Eneida Chilena”.¹⁴⁵ O século XX foi caracterizado por uma profusão de estudos sobre os mais diversos aspectos, originais e documentadas investigações foram realizadas em diversos países demonstrando a importância e a relevância de *La Araucana* na história e literatura mundial.

¹⁴³ ERCILLA, 1993. op. cit. Canto37

¹⁴⁴ Id. **La Araucana**. Edición, introducción y notas de Marcos A. Morínigo e Isaías Lerner. Madrid: Castalia, 1990. p. 88

¹⁴⁵ BELLO apud ORELLANA SUÁREZ. 2000. op. cit. p. 48

Além da edição de Medina nos amparamos em duas outras edições; a primeira é a edição publicada no ano de 1979, com estudos essenciais e a introdução de Marcos A. Morínigo e Isaías Lerner; a segunda é a edição publicada no ano de 1993, com uma ótima introdução de Isaías Lerner. Com estes aportes daremos seguimento a nossa análise no próximo capítulo, descrevendo como foi o desenrolar dos combates e as táticas de resistência empregadas pelos índios contra os espanhóis no território Araucano.

CAPÍTULO 3 A RESISTÊNCIA MAPUCHE

3.1 A natureza guerreira

Provavelmente os indígenas jamais tiveram um conhecimento real de seu inimigo europeu. Não houve, por parte dos índios, uma verdadeira compreensão do volume e potencial da conquista espanhola na América, nem tampouco uma idéia clara da capacidade bélica do espanhol. Na visão dos cronistas e testemunhas que pisaram no solo americano, cada reforço que chegava para as tropas espanholas no Chile era interpretado por eles como o último esforço de que eram capazes os europeus. Diante desta ótica conduziam os combates de forma ávida, imaginando que bastaria acabar com os espanhóis presentes nos territórios chilenos e a guerra estaria ganha e seus territórios seriam restabelecidos. Um exemplo desta crença encontramos em Vivar, quando este descreve o debate que se seguiu logo após a captura de Pedro de Valdivia e o impasse sobre o que iriam fazer com o prisioneiro:

[...] Y así los indios estaban de diversos pareceres, que unos decían que lo matasen y otros que le diesen la vida, como es gente de tan ruin entendimiento, no conociendo ni entendiendo lo que hacían. A esta sazón llegó un mal índio que se decía Teopolicán,¹⁴⁶ que era señor de la parte de aquel pueblo, y dijo a los indios que qué hacían con el apo, que por qué no le mataban: “Muerto ése que manda a los españoles, fácilmente mataremos a los que quedan”[...]¹⁴⁷

As razões estratégicas que a Espanha tinha para não abandonar o território chileno não estavam ao alcance da compreensão indígena. É provável que este mesmo desconhecimento do adversário lhes proporcionasse uma posição muito mais otimista do que se tivessem idéia do que enfrentariam.

Por muito tempo, a resistência mapuche esteve presente no imaginário chileno fomentando inúmeros debates sobre a origem de sua natureza guerreira e sobre quais os principais fatores que levaram esta etnia a conseguir resistir por tanto tempo ao colonizador. Muitas destas discussões giram, exclusivamente, em torno da defesa do território, e a origem

¹⁴⁶ Jerónimo de Vivar se refere ao chefe dos mapuche como Teopolicán enquanto na obra de Alonso de Ercilla e de vários outros cronistas o chefe aparece como Caupolicán. Não encontramos nenhuma referência na obra de Vivar nem de Ercilla que explique a diferença na nomenclatura do chefe indígena, mas todos os indícios indicam que se trata da mesma pessoa.

¹⁴⁷ VIVAR, Jerônimo. **Crônica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin. 2001. p. 276

do nome mapuche está diretamente ligada a estas interpretações, mas, como vimos anteriormente, este era apenas um dos fatores.

Segundo o historiador Jose Bengoa, os relatos feitos pelos primeiros cronistas sobre os mapuche foram interpretados de maneira incorreta. Durante todo o período colonial até o século XX foi erroneamente difundida a crença de que os mapuche eram uma “verdadeira raça de guerreiros com uma grande organização militar”, inclusive que estas características foram transferidas aos seus descendentes mestiços e posteriormente aos chilenos.¹⁴⁸ Sergio Villalobos também visualiza o mesmo horizonte, alegando que apesar de serem reconhecidamente bravos e ferozes guerreiros, suas habilidades bélicas foram se desenvolvendo ao longo do tempo por necessidades momentâneas, principalmente após a dominação espanhola.¹⁴⁹

Com uma população bastante numerosa para o território que ocupavam (por volta de 1 milhão de habitantes)¹⁵⁰ e dependentes principalmente da caça e da coleta, não é difícil concluir que existiam conflitos e que, na maioria das vezes, ocorriam por causa da obtenção de bens essenciais e também pelo domínio de alguma região com maiores recursos naturais. Bengoa ressalta que, apesar de alguns conflitos, as condições de vida do povo mapuche eram bem favoráveis, mesmo tendo uma grande população, já que a região Araucana lhes proporcionava uma grande fartura de recursos para sua subsistência. Esta abundância é justamente a principal bandeira utilizada pelo historiador para confirmar esta relativa convivência pacífica, acrescentando ainda que a referida fartura poderia ser facilmente observada por dois motivos: primeiramente, pela já citada, existência de um grande contingente populacional e em segundo plano pelo aspecto físico: o porte e a robustez dos guerreiros (que causou grande admiração nos espanhóis) indicavam que o excesso populacional não provocava fome entre os indígenas.

Son de gestos robustos, desbarbados,
 Bien formados los cuerpos y crecidos.
 Espaldas grandes, pechos levantados,
 Recios miembros, de niervos bien fornidos;
 Ágiles, desenvueltos, alentados,
 Animosos, valientes, atrevidos,
 Duros en el trabajo, y sufridores

¹⁴⁸ BENGOA, **História del Pueblo Mapuche: Siglo XIX y XX**. Santiago: Ediciones Sur, Colección Estudios Históricos, 1985. p. 22

¹⁴⁹ VILLALOBOS., R. Sergio. **Vida Fronteriza en la Araucania. El mito de la Guerra de Arauco**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1995. p. 45

¹⁵⁰ GALDAMES, Osvaldo S. Hombres fuertes y liderazgo en las sociedades segmentarias: un estudio de casos. **Cuadernos de História**. Santiago, v. 15 p. 49-63

De fríos mortales, hambres y calores.¹⁵¹

Como já nos referimos, a numerosa população estava concentrada nas áreas que mais possuíam recursos alimentícios, de fácil coleta, pesca ou caça. Na região da Araucanía, nas localidades de Angol, Purén, Concepción e no extremo sul, na região de Imperial, eram os lugares com maior densidade demográfica. Nestas regiões havia fartura de frutos, raízes e principalmente o pinhão; grande quantidade de aves e pequenos animais. Nas cidades costeiras, o mar era o principal provedor, caçavam leões marinhos, pescavam peixes e moluscos; na agricultura plantavam milho e alguns tubérculos. Havia também uma fauna abundante de guanacos, hueques, huemul e outras espécies. A criação destes rebanhos estava bastante expandida, mas não havia um regime de produção em grande escala. Era um sistema de criação doméstica e de consumo próprio, existindo ainda algumas formas de intercâmbios entre as tribos. A região atendia inteiramente ao contexto de horticultura e coleta, muito eficiente como fonte de recursos. Não é por acaso que os conquistadores escolheram estas regiões para erguerem seus fortes, vilarejos e cidades. Seu interesse principal era a descoberta de minas de ouro e justamente nestes locais existia o que mais necessitavam: grande quantidade de mão-de-obra e alimentos de fácil obtenção.¹⁵²

Ainda segundo Bengoa, não havia disputas pela propriedade dos territórios, mesmo porque entre eles não existia o mesmo conceito de propriedade dos europeus. Não havia disputas pelo gado, já que a produção era pequena, apenas para a subsistência de cada *rehue*. O roubo de alimentos também não existia, pois o sistema em que viviam não previa a acumulação de produtos, pelo contrário, era comum a partilha e a troca de alimentos. No meio mapuche não existia a escravidão de homens, portanto algumas inimizades surgiam apenas de algum conflito relacionado à mulheres, ou ainda conflitos de ordem religiosa ou bélica. Bengoa afirma que normalmente estados permanentes de guerra são características de sociedades com um nível alto de acumulação de bens e riquezas, o que não era o caso dos mapuche.¹⁵³

Percebemos aqui uma análise equivocada de Bengoa, primeiramente no que se refere ao estado beligerante permanente, e o exemplo é a própria etnia mapuche que tinha a guerra

¹⁵¹ ERCILLA, Alonso de. **La Araucana**. Edición Del Centenário el publica José Toribio Medina. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1910. disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/p246/13560953901028051800080/index.htm> acesso 23 abril 2007.

canto 1

¹⁵² BENGUA, op. cit. p. 19

¹⁵³ Ibid. p. 23-24

ligada diretamente aos seus costumes e não estava em um estágio de acumulação de bens e riqueza como se referiu Jose Bengoa. Outro ponto que refutamos na análise do historiador é a questão territorial, com certeza ela está presente no meio mapuche. Como já nos referimos anteriormente, a terra estava ligada diretamente ao seu *admapu*. Muitos conflitos tinham origem por causa da posse da terra. Em comparação com o conceito de propriedade do europeu, realmente o conceito é diferente, já que, não faziam compra e nem venda, mas com certeza tinham o sentimento de propriedade. Algumas vezes os conflitos eram deflagrados para a manutenção da sua autonomia, como foi o caso contra os espanhóis. A conquista de seu território pelos europeus obrigou-os a redobrar os esforços bélicos e a alterar seu modo de vida.

Apesar de não se encontrarem no mesmo estágio de outros povos, com uma estrutura social complexa e estruturada, os ibéricos de língua castelhana encontraram os mapuche numa situação muito especial. Era uma sociedade que não havia sofrido uma grande revolução agrícola, portanto não estavam no estágio de comunidades produtoras e sedentárias. Continuavam possuindo a liberdade de caçadores e coletores, que não obedecem a horários ou dias de trabalho e não estavam habituados ao trabalho sistemático, próprio de culturas agrárias. O caçador era na prática um guerreiro, expunha sua vida permanentemente em busca do sustento diário. Ao mesmo tempo os mapuche não estavam no estágio dos bandos de caçadores, sem nenhuma organização ou algum assentamento, estavam no patamar de uma sociedade agrária, um assentamento estável.¹⁵⁴

Jose Bengoa caracteriza os mapuche, no momento da chegada dos espanhóis, como uma sociedade que tinha uma “certa” harmonia, tanto em suas relações com a natureza quanto em suas relações internas. Neste ponto, refuta qualquer afirmação no sentido de que o povo mapuche era a personificação do “bom selvagem”, vivendo feliz nos seus territórios. Fazemos nova observação aqui, pois novamente a opinião de Bengoa é contraditória, em toda a sua análise os mapuche aparecem vivendo tranquilos em suas terras, sem conflitos constantes e ou que afetassem seu modo de vida, com certeza é a representação do selvagem feliz. Concordamos com Bengoa somente quando este afirma que essa não era uma etnia que vivia na escassez e que mantinha um verdadeiro equilíbrio com o território que ocupava. Mas por outro lado, não concordamos com o autor quando afirma que esta não era uma etnia que apresentava características guerreiras. Acreditamos que estas opiniões de Jose Bengoa sejam posições bem polêmicas, levando-se em conta que, mesmo antes da chegada dos espanhóis, os

¹⁵⁴ Ibid. p. 25

mapuche lutavam entre si e também com outras etnias pelos mais diversos motivos. Lembremos mais uma vez a forte resistência que proporcionaram ao Império Inca pouco tempo antes da chegada do europeu, não se submetendo nem mesmo ao sistema incaico de reciprocidade, o que não ocorreu com as etnias residentes na porção norte do território. Vimos também no primeiro capítulo deste trabalho, que os mapuche tinham jogos destinados aos homens e meninos que visavam aprimorar as habilidades e agilidades guerreiras dos mesmos nos combates vindouros. Não podemos esquecer também do grande contingente de “índios amigos” que integravam os exércitos espanhóis residentes no Chile, e como sabemos que, na grande maioria das vezes, estes indígenas se aliaram aos europeus alimentados por ressentimentos e inimizades contra os mapuche, não fica difícil chegarmos à conclusão de que vários enfrentamentos ocorreram antes da chegada dos ibéricos.

O historiador e antropólogo Guillaume Boccara¹⁵⁵ caminha na direção contrária da análise bengoana, caminho este, que achamos mais produtivo em seguir. Inicialmente ele compartilha da mesma ótica no que tange ao estado permanente de guerra, ou seja, também concorda que os mapuche antes do contato com os espanhóis, não tinham conflitos longos e duradouros como foi o caso da Guerra de Arauco. Mas apesar de não existir um estado de alerta permanente, a atividade guerreira era uma função que intervinha diretamente na produção e reprodução material e simbólica do *rehue*. Segundo Boccara várias são as razões para afirmar que a guerra era um fenômeno central na produção e reprodução deste núcleo familiar. Dentre elas, primeiramente temos a questão da política interna, já que é por meio da guerra que surgiam os líderes políticos: o *toki*, líder militar, e o *machi*, líder religioso, que passava a atuar como um verdadeiro guerreiro do invisível. Em segundo lugar, durante o período de combate, a imagem do guerreiro ideal podia ser percebida em todos os setores da vida social: no espírito dos jogos, na educação dos jovens e no prestígio social dos guerreiros que se destacavam durante o combate. Existia também um grupo de guerreiros especializados na arte dos combates (*conas*) que gozavam de grande prestígio. A existência deste guerreiro ideal se refletia, simbolicamente, até mesmo nas relações de gênero. Os grandes guerreiros eram levados a altura de uma “extrema masculinidade” e quando ocorria o inverso, a derrota, eles eram irremediavelmente rebaixados ao nível das mulheres ou de rejeitados.¹⁵⁶

¹⁵⁵ BOCCARA, Guillaume. “Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os mapuche da época colonial. **Tempo**, 2007, vol. 12, n. 23, p. 56-72

¹⁵⁶ Ibid.

Ercilla relata um claro exemplo deste comportamento quando transcreve a reação de Fresia, mulher de Caupolican, ao descobrir que este havia sido preso pelos espanhóis; joga-lhe o filho aos pés exaltando seu ódio e desprezo:

¿Eres tú aquel varón que en pocos días
Hinchó la redondez de sus hazañas,
Que con sólo la voz temblar hacías
Las remotas naciones más extrañas?
¿Eres tú el capitán que prometías
De conquistar en breve las Españas,
Y someter el ártico hemisferio
Al yugo y ley del araucano imperio?

¡Ay de mí, cómo andaba yo engañada
Con mi altiveza y pensamiento ufano,
Viendo que en todo el mundo era llamada
Fresia mujer del gran Caupolicano!
Y agora, miserable y desdichada,
Todo en un punto me ha salido vano,
Viéndote prisionero en un desierto,
Pudiendo haber honradamente muerto.

¿Qué son de aquellas pruebas peligrosas
Que así costaron tanta sangre y vidas;
Las empresas difíciles dudosas
Por ti con tanto esfuerzo acometidas?
¿Qué es de aquellas Victorias gloriosas
De esos atados brazos adquiridas?
¿Todo, al fin, ha parado y se ha resuelto
En ir con esa gente infame envuelto?

Dime: ¿faltote esfuerzo, faltó espada
Para triunfar de la mudable diosa?
¿No sabes que una breve muerte honrada
Hace inmortal la vida y gloriosa?
Miraras a esta prenda desdichada,
Pues que de ti no queda ya otra cosa,
Que yo, apenas la nueva me viniera,
Cuando muriendo alegre te siguiera.

Toma, toma tu hijo, que era el ñudo
Con que el lícito amor me había ligado;
Que el sensible dolor y golpe agudo
Estos fértiles pechos han secado:
Cría, críale tú, que ese membrudo
Cuerpo, en sexo de hembra se ha trocado:
Que yo no quiero título de madre
Del hijo infame del infame padre.

Diciendo esto, colérica y rabiosa
El tierno niño le arrojó delante,
Y con ira frenética y furiosa
Se fue por otra parte en el instante:
En fin, por abreviar, ninguna cosa
(De ruegos ni amenazas) fue bastante
A que la madre ya cruel volviese,

Y el inocente hijo recibiese.¹⁵⁷

Encontramos também em Jerónimo de Vivar referência ao mesmo acontecimento:

E viniendo por el camino acertó a encontrar una india que era mujer del Teopolicán e traía un niño de un año. Y como Ella no pensaba que venía preso el Teopolicán e le vio, comenzó a decir: “¿Cómo? ¿Tú eres Teopolicán, el valiente que decías que no te había de parar cristiano que no le habías de matar, y a ti alzaron por general de la tierra, que así te dejaste prender de los españoles? ¿Y parécete cual vas atado e que tenga yo hijo de un hombre tan cobarde como tu?” E lo arrojó de una cuesta abajo, e murió el niño.¹⁵⁸

Em uma sociedade tão heterogênea como a sociedade mapuche, as disputas, agravos ou ofensas eventualmente sofridas (dentro do universo em que se desenvolvia o seu sistema de crenças) geravam sempre a possibilidade de conflitos, porém muitos deles eram resolvidos sem combates, pois haviam desenvolvido alguns mecanismos para tentar atenuar as diferenças (através de presentes ou favores). A paz não era uma realidade permanente, pelo contrário, por vezes as relações entre os *rehues* eram conturbadas; também entre os *aillarehues* ocorriam inúmeras discórdias, sem falar dos desentendimentos com outras etnias. Esta situação, em parte, era provocada pela falta de uma autoridade reconhecida por todos. Não havia quem exercesse a justiça ou tivesse força para impô-la a todos. Somente os conselhos (quando convocados) poderiam tomar algum tipo de decisão. Algumas tribos tomavam as decisões de praticar a vingança por alguma ofensa sofrida, gerando mais sentimentos de rancor e ódio. Muitas vezes, quando uma *ruca* era ofendida e não tinha forças suficientes para atingir a quem lhe ofendeu, esta se unia a outra família ou tribo para atingir seus objetivos vingativos. Assim, surgiam condições propícias para a formação de alianças entre as linhagens, que por sua vez davam origem a outras agrupações. As tribos mais fracas podiam contar com o apoio das mais fortes e numerosas para satisfazer seus intentos de vingança. Neste ponto se dava as circunstâncias que permitiam o surgimento de líderes, aglutinando em torno de uma pessoa várias linhagens, que o reconheciam como autoridade única.

Antes da chegada do homem branco, a guerra era encarada pelos mapuche como um instrumento de fundamental importância para as relações entre os *aillarehues e rehues*. A busca constante por vitórias mantinha as tribos em um estreito contato. A luta para a captura de troféus guerreiros colocava em movimento uma verdadeira dinâmica de trocas de “gentilezas”. Por vezes um *rehue* capturava um inimigo e enviava-o, vivo ou morto, a outro *rehue*, com o fim de criar, neste que recebe, a obrigação de devolver-lhe o favor. A figura

¹⁵⁷ ERCILLA, op. cit. canto 23

¹⁵⁸ VIVAR, op. cit. p. 326

central que a guerra representava nesta sociedade vai além da produção do espaço social e político tanto internamente quanto externamente. Exerce um papel fundamental na elaboração da própria identidade, na produção do seu caráter. A guerra era um verdadeiro processo de construção de “si- mesmo”.¹⁵⁹

Neste ponto fica claro o antagonismo nas interpretações de Bengoa e Boccara. O primeiro se refere aos mapuche como uma etnia, vivendo tranqüila em seu território e que somente após o contato passou a ter um maior dinamismo nas suas atividades guerreiras e conseqüentemente nas suas apropriações, por outro lado, Boccara insiste na existência de uma atividade guerreira constante antes mesmo do contato. Acreditamos que as interpretações do segundo autor estão mais condizentes com o universo mapuche que permeou nossa análise. A guerra estava presente no meio mapuche desde a infância, o aprendizado dos costumes estava sempre voltado diretamente para a formação do adulto guerreiro, do defensor dos costumes. Sua religiosidade estava voltada para obtenção de proteção contra seus inimigos. A guerra fazia parte de suas representações sociais a várias gerações e só foram se alterar após intenso contato com a cultura europeia. Bengoa parece deixar de lado todos estes fatos em seu olhar sobre esta etnia.

3.2 Os ritos de guerra

Os mapuche tinham um grande número de cerimônias e rituais, praticamente existia um para cada situação do seu dia-a-dia. Dentro de nosso foco de análise, destacamos dois rituais ligados a guerra que estão entre os mais importantes: Primeiramente, a convocação e realização do conselho para decidir sobre o fazer ou não a guerra. Em segunda escala, temos a celebração da vitória de uma batalha ou do final de uma campanha. Dentro dos costumes mapuche a luta contra o inimigo implicava algumas “práticas mágicas” que, em geral, para eles tinha tanta importância quanto suas armas. Diante da grande quantidade de relatos nota-se que estas práticas não passaram despercebidas pelos cronistas da época. As cerimônias e oferendas realizadas antes dos combates, assim como sacrifícios de prisioneiros, não deixam dúvidas da importância destes ritos no universo mapuche. É parte integrante do seu “corpus” e sua defesa é inevitável e imprescindível. Todo o sistema de organização social do povo

¹⁵⁹ BOCCARA, op. cit. pp. 56-72

mapuche dá origem ao sistema de recrutamento e de constituição do seu exército. As armas, os ritos e outros fatores são importantes na formação da resistência mapuche, assim como as estações do ano, a comida, o relevo, as táticas de espionagem, e vários outros.

As vitórias e a sua eficácia na condução da guerra estão relacionadas com a profunda consciência e identidade deste povo. Ao sentimento de preservação do seu *wallmapu* (território) que por sua vez fazia parte do seu *admapu*. O respeito à diversidade, o regionalismo cultural, a negociação e o consenso como método de tomada de decisões, enfim o bem comum da *ruca*. Todos estes fatores tiveram um papel importante que permitiu a existência das tribos e que, com a chegada do invasor, permitiu sua coesão. Para administrar toda a situação também era de extrema importância a inteligência e destreza dos *lonkos* e também a figura do *toki*, o chefe escolhido para o comando do exército.

Quando, por algum motivo, um chefe queria declarar a guerra, seja contra os espanhóis ou, antes deste, contra alguma tribo com a qual tinha pendências, convocava o “Conselho Geral”, também chamado “Grande Conselho Mapuche”. Isto se fazia com o maior sigilo, por meio de um mensageiro, cuja credencial era uma flecha ensangüentada. Quando o caso era um levantamento contra os espanhóis, o mensageiro também levava um troféu capturado de algum espanhol abatido em combate, podia ser um dedo, algum pedaço de armadura ou qualquer outro (preferencialmente levava parte do corpo). O mensageiro era especificamente treinado para o trabalho, era astuto e de memória privilegiada, informava a cada *lonko* a data da assembléia, o lugar e o objetivo da mesma.¹⁶⁰

De consejo y acuerdo una manera
Tienen de tiempo antiguo acostumbrada;
Que es hacer un convite y borrachera
Cuando sucede cosa señalada:
Y así cualquier señor que la primera
Nueva del tal suceso le es llegada,
Despacha con presteza embajadores
A todos los caciques y señores;¹⁶¹

[...]hicieron llamamiento general y ordenaron sus gentes e hicieron grandes banquetes y borracheras, porque así lo tienen, por uso. Y en ella hacen sus acuerdos y dan orden a la guerra que juntos allí en aquella junta acordaron, aunque sin acuerdo, rebelarse todos los señores con sus gentes. Hicieronse en una unión y conformidad, que dieron orden en como matarían a todos los cristianos que había en la tierra, diciendo que eran pocos. Y para efectuarlo concertaron que se ayuntasen por provincias y que se diesen avisos a los que convenía darse.¹⁶²

¹⁶⁰ LATCHAM, Ricardo. **La organización social y las creencias religiosas de los antiguos araucanos**. Santiago: Imprenta Cervantes, 1924. p. 456

¹⁶¹ ERCILLA, op. cit. canto 1

¹⁶² VIVAR, op. cit. p. 110

Antes de se dirigirem para o conselho, cada *rehue* se reunia e discutia o que poderiam propor durante a realização do mesmo. Geralmente, o chefe era o porta-voz, mas às vezes, se houvesse algum outro que tivesse uma maior eloquência, ficava a cargo deste falar pela sua tribo. Independentemente de haver um interlocutor, todos tinham o direito de expor suas idéias ou de pronunciar-se a favor ou contra as opiniões discutidas no decorrer da assembléia.

Juntos, pues, los caciques del senado
 Propóneles el caso nuevamente;
 El cual por ellos visto y ponderado,
 Se trata del remedio conveniente;
 Y resueltos en uno, y decretado,
 Si alguno de opinión es diferente,
 No puede en cuanto al débito eximirse,
 Que allí la mayor voz ha de seguirse.¹⁶³

Os conselhos geralmente iniciavam-se na primavera e poderiam ocorrer até o final do verão. Estes períodos são evidentemente influenciados pelas condições climáticas na região araucana, no outono e inverno o clima era muito severo: frio intenso, chuvas, tempestades de neve, interdição dos caminhos, cheia dos rios, entre outras dificuldades. Mas ocasionalmente, dependendo dos motivos, poderiam ocorrer nestas épocas de clima mais rigoroso. Chegada a ocasião da reunião, colocavam um cordão de sentinelas para impedir a chegada de qualquer pessoa estranha ao conselho ou evitar algum ataque surpresa. A guarda era formada pelos guerreiros mais jovens, cuja opinião tinha pouca importância nas tomadas de decisões. O acesso ao lugar do conselho era absolutamente proibido a todos aqueles que não fossem convocados, ou aos não iniciados (mulheres e crianças), os intrusos eram castigados severamente com a morte.

Antes de se iniciarem as discussões, celebravam os ritos cerimoniais onde pediam ajuda e proteção a *pillán* e aos totens bebendo uma grande quantidade de *chicha*. O sacrifício era obrigatório em semelhante ocasião, podia ser de um prisioneiro de guerra ou na falta deste, sacrificavam uma lhama. Terminados os ritos religiosos, o líder da assembléia chamava o responsável pela convocação para expor suas razões. Depois de longas discussões, o representante de cada *rehue* expunha seu parecer e o presidente apresentava, uma por uma, as propostas (quem iriam atacar, quando começariam os combates, quantidade de guerreiros que utilizariam, etc.), as quais eram aprovadas ou recusadas por aclamação. Após aprovadas, as propostas tornavam-se acordos, que eram selados por um juramento comungado entre todos

¹⁶³ Ibid. p. 110

bebendo o sangue do coração da vítima sacrificada (ou do animal). Raras vezes esse juramento era quebrado.

Os mapuche não iniciavam nenhuma empreitada sem antes consultar os líderes espirituais e verificar se haveria bons presságios para a empresa. Neste momento, a figura do *machi* torna-se de grande importância. Ele é quem conduz todos os rituais da assembléia e, ao final, questiona os espíritos se deveriam dar início imediato aos combates ou desistir e esperar um novo momento onde a ocasião fosse mais propícia. “Hablaban con el pillán, haciéndole una serie de preguntas sobre los sucesos de la campaña, y por medio de sueños o éxtasis recibían las respuestas”.¹⁶⁴ Em alguns casos, conforme o resultado das consultas, poderiam antes de optar pelo emprego das armas, enviarem um interlocutor para tentar parlamentar uma solução para o conflito.¹⁶⁵

Somente o “Grande Conselho” poderia declarar “*el malon*” (a guerra) e suas decisões contavam com o respaldo irrestrito de todas as tribos participantes. Uma vez acordada a declaração da guerra e os espíritos sendo favoráveis, partiam para a eleição do *toki*:

Los cargos de la guerra y preeminencia
No son por flacos medios proveídos,
Ni van por calidad, ni por herencia,
Ni por hacienda y ser mejor nacidos;
Mas la virtud del brazo y la excelencia,
Ésta hace los hombres preferidos;
Ésta ilustra, habilita, perficiona
Y quilata el valor de la persona.¹⁶⁶

Quando havia vários pretendentes ao posto, cada um deles discursava tentando convencer aos seus pares de que era a melhor opção, sempre apoiado pelos seus partidários. Entre os requisitos que os candidatos deveriam ter, estavam: o conhecimento dos costumes, inteligência e coragem. Sua classe e posição hierárquica no *ayllarehue* não eram garantias de eleição. Somente aquele que reunisse as qualidades necessárias, próprias de um chefe que está no comando, seria escolhido para conduzir a guerra, especialmente um que estivesse aberto para desenvolver e introduzir novas idéias, táticas e estratégias. A eleição e todos os acordos realizados entre os mapuche eram feitos por aclamação, uma vez havendo consenso na eleição de um candidato os adversários, sem restrições, aceitavam a derrota e se colocavam sob seu

¹⁶⁴ LATCHAM, 1924, op. cit. p. 458

¹⁶⁵ ROSALES, Diego de. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo 1. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaiso: Imprenta Del Mercurio, 1877. p. 123

¹⁶⁶ ERCILLA, op. cit. canto 1

comando. No caso de algum empate entre dois ou mais pretendentes, havia uma competição física que incluía natação, longas caminhadas e corridas carregando uma carga pesada.

Na obra de Alonso de Ercilla encontramos a descrição da eleição do legendário Caupolicán. Durante a assembléia convocada para a eleição do *toki* que guiaria os mapuche contra os espanhóis, vários caciques se levantam reivindicando o cargo. Diante do impasse um velho *lonko*¹⁶⁷ propõe uma prova de força para a resolução do problema. Os candidatos teriam que carregar pelo máximo de tempo que fosse possível um pesado tronco de madeira:

En la virtud de vuestro brazo espero
Que puede en breve tiempo remediarse,
Mas ha de haber un capitán primero
Que todos por él quieran gobernarse:
Éste será quien más un gran madero
Sustentare en el hombro sin pararse;
Y pues que sois iguales en la suerte,
Procure cada cual de ser más fuerte.¹⁶⁸

Em Vivar também aparece o mesmo relato:

Y mandó traer un trozo de palo grande y pesado, que bien tenía un indio que levantarlo del suelo. E díjoles que allí quería el ver las fuerzas de cada uno e no en los desafíos, y que el que más tiempo aquel trozo en los hombros trujese fueses general y de todos obedecido.
E todos lo señores e índios dijeron que era buen parecer y así lo otorgaron que estarían por ello.[...]¹⁶⁹

Escolhido o *toki*, novamente eram enviados os mensageiros, em uma operação relâmpago, que se chamava *pulchetun* (corrida de flecha), estes tinham a missão de informar as tribos a decisão tomada e os primeiros passos que deveriam ser seguidos imediatamente. Também colocavam em prática um sistema de comunicação, que operava dia e noite (chamado de *adkintuwe*), que consistia em sinais feitos com galhos de árvores, assobios e silvos, alguns imitando o canto de pássaros ou rugidos de animais que eram entendidos somente entre eles. Neste momento, emerge outra importante característica da guerra para a etnia mapuche: a partir do momento que escolhem um líder único, acordado entre todos, eles passam a ter um poder centralizado. Mesmo que seja temporário, é um poder concentrado nas mãos de uma única pessoa. Esta situação altera (parcialmente), durante o período do conflito, sua estrutura social.

¹⁶⁷ Na obra *La Araucana*, Ercilla identifica este chefe como sendo Colocolo, mas na *Crónica de Vivar* aparece a indicação de que o referido *lonko* foi Millarapue, e que Colocolo seria um dos pretendentes ao cargo de *toki* e participante da prova.

¹⁶⁸ ERCILLA, op. cit. canto 2

¹⁶⁹ VIVAR, op. cit. p. 280

As mudanças que usufruíam as forças mapuche com a eleição de um novo *toki*, cujo mandato era concluído com o término da guerra, eram superficiais. Este tinha a liberdade de eleger seus subalternos, exigindo deles total disciplina e lealdade. Um segundo índio era nomeado como se fosse um “vice” e naturalmente passava a ser o braço direito do chefe. Por sua vez, os subalternos do *toki*, também escolhiam os seus comandados, surgindo assim uma estrutura nos moldes militar, tornando quase impossível para os espanhóis desmontá-la. Em caso de morte ou captura do chefe, este era automaticamente substituído por um sistema hierárquico nas forças mapuche previamente decidido. Cada chefe de *rehue* mantinha sob suas ordens seus guerreiros, e este chefe obedecia ao chefe maior. Terminada a batalha ou a guerra cessavam os atributos do *toki* e este voltava à sua condição anterior.

Depois da chegada dos espanhóis, sem dúvida, as reuniões mais importantes que os mapuche realizavam eram relacionadas à guerra que empreendiam contra esse invasor. Justamente sobre estas reuniões existe uma grande quantidade de documentação, pois devido à sua importância, tanto para os espanhóis quanto para os indígenas, os cronistas dedicaram mais tempo à sua produção.

A celebração das vitórias seguia quase os mesmos passos do conselho para a implantação do estado beligerante, mas com algumas diferenças: as mulheres e crianças podiam participar; o mensageiro que fazia a convocação não levava a flecha; obrigatoriamente deveria existir um ou mais prisioneiros de guerra para o sacrifício. Para que esta condição fosse garantida, cada *aillarehue* que fosse participar da batalha escolhia, antecipadamente, um grupo de guerreiros que teriam a incumbência de capturar inimigos vivos garantindo a celebração da vitória. O *lonko* que havia convocado o conselho de guerra era o responsável pela celebração da vitória e caso seu grupo não tivesse capturado nenhum inimigo para a cerimônia, deveria providenciá-lo. Era possível conseguir uma vítima utilizando suas relações de amizade com outros chefes; também poderia convidar, como hóspede, outro índio que tivesse em sua posse um “espécime”; em último caso poderia comprá-lo em outro grupo que se dispusesse a vender.¹⁷⁰ Se a campanha tivesse sido desfavorável e o número de índios mortos fosse alto, antes de matar os prisioneiros praticavam sua vingança: torturavam-no longamente, retalhavam-no vagarosamente, assavam seus pedaços e comiam na frente da vítima ainda viva. O trabalho de torturar e retalhar, muitas vezes ficavam a cargo das mulheres e segundo Rosales, nesta tarefa, elas eram ainda

¹⁷⁰ ROSALES, Diego de. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo I. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaíso: Imprenta Del Mercurio, 1877. p. 224

mais cruéis do que os homens. Somente após o “deguste” lhe arrancavam o coração ainda palpitante para também devorá-lo.¹⁷¹

O trabalho ritual realizado sobre o prisioneiro apresenta a ansiedade que os índios tinham para digerir o outro, embora nem todos os prisioneiros fossem devorados. Na grande maioria somente os grandes guerreiros, que lutavam com honra e coragem, eram devorados nos rituais de antropofagia. Rosales descreve com detalhes o ritual realizado pelos indígenas para decidir o que fazer com Pedro de Valdivia. Vários outros cronistas também discorrem sobre o sacrifício de Valdivia, inclusive Vivar e Ercilla, mas somente em Diego de Rosales é possível encontrar uma descrição mais detalhada. Este ritual, em geral, representa como eram realizadas todas as cerimônias e sacrifícios dos prisioneiros de guerra.

[...] Algunos an querido dezir que, como los Parthos quitaron la vida a Marco Craso echándole oro derretido en la voca, que assi dieron la muerte a Valdivia, dándole a beber oro para que se hartasse su codicia, fundándolo en el aborrecimiento que estos indios cobraron a Valdivia y a los españoles por el trabajo en que los oprimian de sacar oro, costándoles a muchos palos y azotes las faltas que en el trabaxo o en la tarea hazian. Mas, lo cierto es, segun refirieron los caciques antiguos, que le mataron a su usanza, que fué poniéndole en medio atadas las mano atras y estándole hablando los caciques y valdonándole por averse querido enseñorear de ellos y de sus tierras, quando hizieron señas a un capitan que estaba apercebido con una maza, sin que lo viesse le dió por detras un fiero golpe en la cerviz, de que cayó de espaldas aturrido, y levantando todos lo del cerco la voceria y las lanzas, las tendieron sobre el cuerpo muerto, vatiendo con los pies la tierra y haciéndola estremezer, para dar a entender que la tierra tiembla de su valentia. En esto llegó uno y rompiéndole desde la garganta al pecho con un cuchillo, le metió la mano en él y le sacó el corazon arrancándosele, y assi palpitando como estaba y chorreando sangre, se le mostró a todos, y untando con la sangre del corazon los toquis y las flechas le hizo pedacitos muy menudos, que comieron todos los caciques, y los demas se relamian en su sangre, y todas las parcialidades que tocan parte del muerto quedan juramentadas a unir las armas y tener un corazon contra los españoles. Cortáronle luego la cabeza y hizieron flautas de sus canillas, y puesta sobre una pica cantaron con ella victoria, y gastaron mucho tiempo en celebrarla con grandes brindis, fiestas y regoeixos, por ver ya libertada la patria. Y como estandarte y pendon de victoria, dejando el cuerpo arrojado para que le comiessen las aves y las fieras, llebaron la cabeza y la clavaron a la puerta de la casa del gran Caupolican, principal autor deste trofeo[...]¹⁷²

Em alguns casos, as partes do corpo eram repartidas entre os mapuche e algumas delas eram utilizadas nas cerimônias. Todos estes “procedimentos” estavam relacionados com o propósito dos índios em utilizar a magia ao seu favor e, simbolicamente, assimilar o “valor” dos espanhóis. Havia em seu mundo uma diversidade de “práticas mágicas” que os mapuche sempre utilizavam, principalmente para fins bélicos.

¹⁷¹ LATCHAM, 1924, op. cit. p. 476

¹⁷² ROSALES, 1887, t. 1, op. cit. p. 500

Pineda y Bascuñan também faz um relato bem parecido com o ritual da morte de Valdivia, mas neste caso relata o sacrifício de um jovem soldado espanhol capturado em um dos combates.¹⁷³ Sobre estes rituais, Diego de Rosales deixa transparecer sua revolta “Donde se manifiesta más la crueldad y ferocidad de estos indios, es en el modo tan bárbaro y cruel que tienen de matar a sangre fría a los cautivos que cogen en la guerra[...]”¹⁷⁴ ao mesmo tempo ele expressa sua admiração com a rapidez com que os indígenas fabricavam flautas com os ossos do sacrificado, principalmente com os ossos dos braços e das canelas. Também fabricavam lanças e pontas de flechas. A cabeça da vítima era de grande importância no ritual. Uma vez cortada, eles a faziam girar, enquanto rodeavam o corpo batendo com o pé fortemente no chão, entoavam cantos gritando que fariam o mesmo com todos os inimigos. No instante que a cabeça parava de girar, se os olhos estivessem voltados para o corpo do inimigo, seria o sinal de que iriam alcançar a vitória mais uma vez, era um sinal de bom agouro, mas caso os olhos parassem voltados para os indígenas eles interpretavam como um mau sinal.¹⁷⁵ Rosales agrega ainda um dado interessante sobre os “índios amigos”, integrantes dos exércitos espanhóis. Estes conservaram suas práticas mágicas e rituais (algumas delas parecidas com as práticas mapuche) até a segunda metade do século XVII. Estas práticas eram toleradas pelos espanhóis, que assim acreditavam “colaborar” para a manutenção do espírito guerreiro dos seus ajudantes.¹⁷⁶

Assim como em outras etnias americanas, as práticas e representações da guerra mapuche visavam à assimilação das qualidades do inimigo. Sua bravura e sua coragem eram características existentes antes da presença do colonizador europeu, e após o choque tornou-se ainda mais presente, já que os combates passaram a ser constantes. Por isso os guerreiros, durante as batalhas, se esforçavam em capturar um objeto que simbolizava o inimigo. Muitas vezes ao voltarem dos confrontos os guerreiros se vestiam como o oponente vencido, usando suas armas. No caso dos espanhóis usavam suas armaduras, espadas, capacetes, e tudo que fosse possível saquear como despojo de combate, o chamado *botín*. Mas, eram principalmente os rituais que mais simbolizavam esta apropriação do outro.

3.3 As armas mapuche

¹⁷³ PINEDA Y BASCUÑAN, op. cit. p. 40

¹⁷⁴ ROSALES, 1877, t. 1, op. cit. p. 123

¹⁷⁵ Ibid. p. 125-127

¹⁷⁶ Ibid. p. 129

Do ponto de vista psicológico, o impacto produzido pela aparição dos soldados espanhóis foi muito grande, com certeza não menos do que o produzido no restante da América. Num primeiro momento a quantidade de soldados, cavalos, espadas e armas do exército espanhol eram bem reduzidas, mas apesar de um exército pequeno, consistia em um aparato bélico de primeira linha, pois carregavam além de suas armas, anos de história de guerras e batalhas e a herança gloriosa da, não muito longínqua, libertação da Península Ibérica das mãos dos mouros. Podemos perceber este fato nas vitórias, de Pedro de Valdívia, que, com um contingente reduzido, conseguiu, inicialmente, dominar grande parte do território chileno. Para os indígenas conseguirem atingir o mesmo nível de combate, apesar de sua superioridade numérica, demandou algum tempo. Por outro lado, os espanhóis que também não deixavam de recorrer ao seu mundo espiritual, tinham muito mais razões do que os índios para confiar em seus armamentos e em seu poder ofensivo.

A guerra dos mapuche não foi só contra o exército espanhol, devemos-nos lembrar mais uma vez do grande contingente de *yanakonas* (era assim que os mapuche chamavam os índios amigos que faziam parte do exército espanhol); graças a eles a presença espanhola num primeiro momento conseguiu avançar por todo o território, se estabilizar e explorar integralmente várias regiões, principalmente no norte. Ressaltamos anteriormente, a condição privada do exército espanhol durante todo o século XVI, mantido e integrado pelos *encomenderos*, contando com alguns poucos membros de cavalaria. Foi somente a partir de 1600, depois de serem expulsos do território mapuche, que transformaram suas forças num exército organizado e permanente.

No caso das forças mapuche, as mudanças começaram a ocorrer no instante em que entraram em contato com os europeus. Suas mobilizações para as grandes batalhas, que antes eram esporádicas, passaram a ser permanentes até meados do século XVII. O aprendizado que passaram a ter a partir do contato com os espanhóis alterou substancialmente suas atividades guerreiras, muito mais do que os combates com outras etnias, pois enfrentavam um adversário completamente diferente. No decorrer da segunda metade do século XVI, os mapuche desenvolveram uma admirável adaptação e um melhoramento de suas técnicas guerreiras, colocando em cheque a dominação espanhola no Chile. O contato com os espanhóis também provocou profundas mudanças no meio social mapuche. Apesar da resistência, tanto física, quanto psicológica, muitas outras “novidades” são incorporadas, o cavalo, o gado bovino e ovino, o trigo e vários outros alimentos. As bebidas como a água ardente e o vinho provocaram imensos estragos entre eles, pois eram bebidas muito mais fortes do que a *chicha*

que estavam acostumados a beber. Mas nada foi tão devastador quanto as pestes trazidas pelo homem branco (tifo, varíola, sífilis, gripe, etc.) dizimaram grande parte da população mapuche num curto espaço de tempo.

Dentre essas “aquisições” também estavam várias técnicas e armas utilizadas pelos espanhóis nos combates; os mapuche aprenderam e se apropriaram de muitas delas, ajudando-os a resistir com mais eficácia ao domínio e por muito mais tempo. Mesmo com inúmeras mudanças, vários costumes não se modificaram e muitas das suas instituições ancestrais permaneceram. Permanece o costume de construir a *ruca* separada uma das outras sem formar agrupamentos, assim como, a falta de uma organização política centralizada e o direito de cada família tomar suas próprias decisões. Apesar das mudanças econômicas a “democracia” das decisões coletivas foi mantida e também o sistema de decisões sobre conflitos e alianças. Apesar de mudanças profundas ocorrerem nos séculos seguintes, o povo mapuche conservou os principais elementos da sua cultura até finais do século XIX.

Mesmo tendo uma grande contingente, e certa organização nas decisões sobre as questões da guerra, no campo de batalha as forças mapuche tinham algumas características próprias. A duração de muitas batalhas estava diretamente ligada à quantidade de comida que levavam. Cada índio levava apenas uma pequena bolsa com seu alimento, preferencialmente um tipo de farinha tostada. “[...]catorce días, que es harto para estos indios, que son impacientes y no llevan comida para sustentar un cerco mucho tiempo, porque todos sus víveres son una taleguilla de harina de cebada que lleva cada uno y em acabándose, se acabó el cerco”[...].¹⁷⁷ Dependendo da região onde ocorriam os combates poderia se abastecer de frutos ou ocasionalmente conseguir alguma caça, mas somente quando os intervalos das lutas permitiam. Na verdade, a alimentação não era uma grande preocupação do mapuche nestes períodos conflituosos, pelo contrário, a partir do instante que decidiam pelo início da guerra, diminuía a quantidade de comida e iniciavam alguns exercícios acreditando que ficariam mais rápidos e fortes. Estes exercícios eram divididos em várias provas com a duração de oito dias e neste período comiam pouco ou até mesmo se privavam de comer. Proclamavam que somente poderiam se destacar nas batalhas se abstendo de comida e emagrecendo o que haviam engordado nos tempos de paz.¹⁷⁸

Não podemos deixar de observar que esta característica de manter uma “batalha temporária”, reduzia muito sua capacidade ofensiva. Além da comida, outro fator que regia e

¹⁷⁷ Id. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo 2. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaíso: Imprenta Del Mercurio, 1878. p. 306

¹⁷⁸ Id., 1877, t. 1, op. cit. p. 114-115

limitava sua capacidade guerreira eram suas superstições, nem mesmo a cobiça pelo saque ao inimigo era maior do que o medo de um acontecimento, ao qual eles tinham grande temor como um terremoto, um trovão, uma tempestade ou a fúria de um vulcão. No canto IX do poema *La Araucana*, Ercilla transcreve a reação dos mapuche quando estavam perto da cidade de Imperial, e esta, sem guarnição à mercê dos índios, havendo apenas um pequeno contingente para defendê-la. No instante que estavam prontos para invadi-la desaba sobre eles uma grande tempestade com trovões e uma chuva intensa, pouco tempo depois a tormenta vai embora e abre um lindo dia de sol. Os indígenas interpretam estes acontecimentos como um mau sinal e decidem desistir da invasão da cidade, mesmo sabendo que iriam dominá-la facilmente.¹⁷⁹

Primeiramente, seus ataques não tinham muita organização, era feito em grupos pequenos, e uma vez em desordem, somada com a superioridade do cavalo, eram facilmente mortos pelos europeus. Sem sombra de dúvida, os cavalos compensavam aos espanhóis sua grande inferioridade numérica. Ao longo das batalhas, aprenderam a formar grupos mais coesos, idênticos aos batalhões dos soldados espanhóis. Seguiam em grupos, normalmente de cinquenta ou cem guerreiros, bem unidos, empunhando suas armas, atacando em conjunto. Em alguns casos juntavam dois ou mais grupos formando uma verdadeira barreira para os espanhóis.¹⁸⁰ Adotavam a tática de ataques sucessivos, um grupo atacava e quando este estava enfraquecido outro tomava seu lugar, depois outro, assim sucessivamente, [...]i sucédense las hileras del escuadron unas a otras, como olas del mar[...].¹⁸¹

Hacen su campo, y muéstranse en formados
Escuadrones distintos muy enteros,
Cada hila de más de cien soldados,
Entre una pica y otra los flecheros,
Que de lejos ofenden desmandados
Bajo la protección de los piqueros,
Que van hombro con hombro, como digo,
Hasta medir a pica al enemigo.

Si el escuadrón primero que acomete
Por fuerza viene a ser desbaratado,
Tan presto a socorrerle otro se mete,
Que casi no da tiempo a ser notado;
Si aquél se desbarata, otro arremete,
Y estando ya el primero reformado,
Moverse de su término no puede
Hasta ver lo que al otro le sucede.¹⁸²

¹⁷⁹ ERCILLA, op. cit. canto 9

¹⁸⁰ MARIÑO DE LOVERA, Pedro. **Crônica del Reino de Chile**. Santiago. Edit. Universitária, 1970. p. 44

¹⁸¹ ROSALES, 1877, t. 1, op. cit. p. 119

¹⁸² ERCILLA, op. cit. canto 1

As artimanhas que desenvolveram nos combates contra os invasores foram numerosas. Promoviam emboscadas nos caminhos por onde estes passavam e quando queriam tirar os espanhóis da proteção de algum abrigo ou forte que estes se encontravam, atacavam e posteriormente simulavam uma fuga levando os espanhóis a persegui-los até um determinado ponto, onde estava a espera um grande número de indígenas prontos para atacá-los de surpresa.¹⁸³ Muitas vezes atraíam a cavalaria espanhola para a montanha, pântanos e terrenos muito encharcados onde os cavalos ficavam sem mobilidade perdendo sua eficácia, isto obrigava os europeus a lutar no chão, e como os mapuche sempre estavam em maior número levavam ampla vantagem neste tipo de enfrentamento. A organização que tinham para atacar o inimigo desaparecia completamente no instante que iam se apropriar do *botín*, ao final de cada batalha. Apenas os chefes tinham o direito de escolher primeiro, depois o saque estava liberado e nesta hora era cada um por si, levando o que quisesse ou quisesse carregar. Terminado o saque voltavam para suas *rucas* sem nenhuma formação ou organização.

Poderíamos dizer que o armamento mapuche em comparação com as armas espanholas era extremamente rústico. Estavam dividido em duas categorias: ofensivas e defensivas e cabia ao próprio guerreiro produzir suas armas. As ofensivas consistiam de arco e flechas com ponta de pedra ou osso; lanças e porretes feitos de madeira; facas e punhais (*cuchillo*) feitos de ossos, pedra ou conchas. Antes do contato com o homem branco, o costume de utilizar metais nas suas armas não era muito difundido entre eles, apenas alguns poucos utilizavam o cobre vindo do Peru para forrar seus porretes.

Las armas dellos más ejercitadas
 Son picas, alabardas y lanzones,
 Con otras puntas largas enastadas
 De la fación y forma de punzones:
 Hachas, martillos, mazas barreadas,
 Dardos, sargentas, flechas y bastones,
 Lazos de fuertes mimbres y bejucos,
 Tiros arrojados y trabucos.¹⁸⁴

Como armas defensivas utilizavam coletes, capacetes e escudos, feitos de couro de animais ou de madeira para se protegerem (todos pintados em cores vivas). Comparativamente, seus recursos técnicos eram muitos inferiores aos do invasor:

¹⁸³ MEDINA, op. cit. p. 126

¹⁸⁴ ERCILLA, op. cit. canto 1

Tienen fuertes y dobles coseletes,
 Arma común a todos los soldados,
 Y otros a la manera de sayetes,
 Que son, aunque modernos, más usados;
 Grebas, brazales, golas, capacetes
 De diversas hechuras encajados,
 Hechos de piel curtida y duro cuero,
 Que no basta ofenderle el fino acero.

Cada soldado una arma solamente
 Ha de aprender y en ella ejercitarse,
 Y es aquella a que más naturalmente
 En la niñez mostrare aficionarse:
 Desta sola procura diestramente
 Saberse aprovechar, y no empacharse
 En jugar de la pica el que es flechero,
 Ni de la maza y flechas el piquero.¹⁸⁵

[...] Esta armadura les llega a la rodilla. Hácendolas de pescuezos de ovejas o carneros cosidos unos con otros y son tan gruesos como cuero de vaca y de[...] Hacen de lobos marinos que también son muy gruesos. Es tan recia esta armadura que no la pasa una lanza, aunque, tenga buena fuerza el caballero. Y estas capas van aforradas con cueros de corderos pintados de colores prieto y colorado y azul e de todas colores.¹⁸⁶

Como importante complemento do seu sistema de defesa, eles construía fortificações com troncos de madeira, galhos e folhas; trincheiras protegidas em volta por plantas com espinhos; cavavam fossos e armadilhas camufladas colocando no fundo lanças pontiagudas que causavam grandes danos naquele que tivesse o azar de cair ali:

Hacen fuerzas o fuertes cuando entienden
 Ser el lugar y sitio en su provecho,
 O si ocupar un término pretenden,
 O por algún aprieto y grande estrecho,
 De do más a su salvo se defienden,
 Y salen de rebato a caso hecho,
 Recogiéndose a tiempo al sitio fuerte,
 Que su forma y hechura es desta suerte.¹⁸⁷

Inicialmente, as lanças que utilizavam tinham 3 ou 4 metros de comprimento aproximadamente, mas logo após os primeiros combates com a cavalaria espanhola, perceberam que era necessário um aperfeiçoamento. Aumentaram seu tamanho, que passaram a ter de 6 a 8 metros de comprimento, assim podiam atingir o cavaleiro a uma distância maior, longe do alcance da sua espada. Empunhavam suas lanças e formavam fileiras sucessivas

¹⁸⁵ ERCILLA, op. cit. canto 1

¹⁸⁶ VIVAR, op. cit. p. 250-251

¹⁸⁷ ERCILLA, op. cit. canto 1

ombro a ombro, dificultando a passagem dos cavalos entre eles. As pontas de suas lanças também sofreram modificações, os mapuche começaram a fixar na sua extremidade os punhais e facas que saqueavam dos espanhóis. As espadas adquiridas como espólio dos combates eram quebradas em vários pedaços, amoladas e fixadas nas pontas, obtendo assim um número maior de lanças mortais. "[...]nombrándose a cada golpe i a cada uno que derriban con grandes vocês i brincos; por hierros, pedazos de espadas españolas con amoladas puntas, y muchas hojas enteras, muy limpias y resplandecientes con que aumentaban su longura[...]".¹⁸⁸

Junto com o aperfeiçoamento de suas lanças, criaram outras armas muito eficientes no combate à cavalaria espanhola. Fabricavam um tipo de porrete, feito de madeira maciça, mais ou menos do tamanho de um braço, que lançavam contra a cabeça do cavalo para que este ficasse tonto, desorientado ou caísse, ao mesmo tempo atacavam o soldado em sua sela. Posteriormente aperfeiçoaram esta arma; aumentaram seu tamanho e acrescentaram na ponta um laço grande feito de fibras vegetais. Um homem armado com este instrumento ficava protegido atrás de cinco ou seis guerreiros e quando o inimigo chegava perto, saía detrás dos companheiros, lançava-o e o puxava fortemente para que caísse ao chão enquanto os outros guerreiros tratavam de acertá-lo com seus porretes.¹⁸⁹

Os mapuche também faziam ataques psicológicos aos seus inimigos, começando pela sua aparência. Quando iam para o combate, cortavam os cabelos bem curtos, evitando assim que seu oponente pudesse puxá-los. Pintavam com cores vivas rostos, braços e como já nos referimos, também pintavam suas armas e colocavam adereços coloridos. Utilizavam cocares com penas de aves de cores fortes, acreditando que iriam ficar tão velozes quanto as aves das quais obtiveram as penas. Alguns deles, em vez dos penachos na cabeça, costumavam usar (como se fossem capacetes) as cabeças dos animais que sacrificavam, como as lhamas, ou dos animais que caçavam, como raposas e pumas. Posteriormente substituíram as cabeças de animais pelos crânios dos espanhóis e de seus cavalos. Quando tinham o conhecimento de um caminho que os europeus iriam utilizar, fincavam as lanças com as cabeças dos soldados mortos, para que aqueles que por ali passassem tomassem conhecimento do que lhes esperava. Juntamente com sua aparência, durante a batalha, mantinham uma intensa gritaria, além de tocar suas flautas e trombetas feitas de ossos humanos. [...]así se van sucediendo los unos a los otros con tanta algazara i vocerío que causa terror a la jente cobarde, diciendo a grandes

¹⁸⁸ GONZÁLEZ NÁJERA, Alonso. **Desengaño y reparo de la guerra de Chile**. Santiago: Edit. Universitária, 1970. p. 95

¹⁸⁹ VIVAR, op. cit. p. 252

voces: *lape, lape, mueran, mueran*".¹⁹⁰ Às vezes quando saqueavam alguma cidade, levando roupas e pertences dos moradores, utilizavam-nas no próximo ataque para impressionar os espanhóis. Rosales discorre sobre um episódio onde os índios após saquearem as cidades de Imperial, Valdivia e Vila Rica, rumam para atacar o forte Boroa vestidos com as roupas roubadas: "[...] y muchos iban vestidos con sobrepellices, hábitos de clérigo y vestiduras sacerdotales para engañar a los españoles y que entendiesen que no eran indios o por mofar de ellos y hacer gala de los despojos."¹⁹¹

Os mapuche sempre efetuavam ataques aos fortes espanhóis, e, para tanto, se utilizavam de algumas estratégias para atingi-los. Colocavam fogo nas fortificações, e como estas na sua grande maioria eram feitas de madeira e palha, queimavam facilmente obrigando a quem estivesse dentro sair, ficando a mercê dos índios. Faziam em volta uma rede de túneis e trincheiras por onde se comunicavam, ficavam protegidos dos tiros do inimigo e ao mesmo tempo podendo atacar. Contaminavam as fontes de água que abasteciam os fortes jogando ervas venenosas ou corpos de espanhóis em decomposição. Se o forte possuísse um poço ou uma cisterna, construíam outro da mesma profundidade ou mais profundo do lado de fora, o mais próximo possível, e retiravam água até que secassem os dois poços. No cerco que fizeram à cidade de Imperial, no ano de 1599, chegaram a desviar o curso de um rio, para obrigá-los a saírem de seus abrigos à procura de água.¹⁹² Finalmente, promoviam uma intensa "chuva de flechas e de pedras" atrapalhando a circulação dentro do forte.¹⁹³ Os mapuche eram exímios fabricantes de arcos e de flechas, sua destreza na produção destas armas causavam medo e admiração nos espanhóis, suas setas, quando atiradas, alcançavam grande força e velocidade, capaz de causar feridas mortais, algumas delas tinham até mesmo a capacidade de transpassar escudos, barcos e remos.¹⁹⁴

O empenho que o povo mapuche tinha em combater e expulsar os espanhóis de seu território levava-os a recorrerem a algumas medidas curiosas. Os índios se utilizavam bastante das espionagens para conseguir informações sobre os seus inimigos, contra os espanhóis não foi diferente. Eles criaram um sistema de informação formado por emissários, espiões e pessoas infiltradas nas vilas e cidades. Começaram a usar em seu proveito a condição de escravos que muitos de seus pares tinham, e através deles ficavam sabendo tudo que ocorria nas linhas espanholas. Tudo era notícia, os detalhes de um ataque que fariam contra os índios,

¹⁹⁰ ROSALES, 1877, t. 1, loc. cit.

¹⁹¹ Id., 1878, t. 2, op. cit. p. 459

¹⁹² Ibid. p. 310

¹⁹³ MARIÑO DE LOVERA, op. cit. p. 282-284

¹⁹⁴ GONZALEZ DE NÁJERA, op. cit. p. 103

festejos, carregamento de mercadorias, novos contingentes para o exército, enfim tudo de novo que ali se passava. Uma tática bastante eficaz era vender como escravo alguns de seus parentes (preferencialmente jovens de ambos os sexos), e estes lhes mantinham sempre bem informados. Vendiam principalmente para os oficiais do exército, assim seus emissários sempre tinham informações privilegiadas. Os espanhóis muitas vezes descobriam estes métodos ardilosos dos índios, mas como nunca deixaram de lado o costume de ter um escravo para lhes servir, sempre caíam novamente nesta tática e acabavam comprando outro espião. Quando ocorria algum levantamento indígena contra os espanhóis, os primeiros a se rebelarem eram os escravos espíões, que quando possível matavam seu senhor e fugiam com suas armas. Os indígenas com estas artimanhas tinham grandes benefícios. Primeiramente porque conseguiam introduzir um espião no seio inimigo, em segundo se beneficiavam porque o pagamento por um escravo era feito em mercadorias, armas, cavalos e utensílios, e por último, quando o cativo fugia saqueava os bens do senhor levando tudo o que pudesse.¹⁹⁵ Este tipo de espionagem foi iniciado na segunda metade do século XVI e se estendeu por todo o período colonial, mas por volta da década de 1650 a situação tornou-se tão crítica para os espanhóis que em abril de 1656 o Rei da Espanha publicou uma Cédula Real, ordenando a extinção do tráfico e da compra de escravos indígenas e ainda determinou que se pusesse em liberdade todos os índios cativos, alertando a todos os súditos do grave perigo que representava este costume.¹⁹⁶

O aprendizado dos mapuche em relação às armas de fogo não foi tão produtivo se comparado com a assimilação das outras armas, mesmo não tendo faltado tentativas a este respeito. O domínio dos mapuche sobre este tipo de arma só se concretizou no século XVII, pois para tanto necessitavam de um pouco mais de conhecimento técnico. Não era suficiente aprender a usá-las, mas também havia a necessidade de adquirirem outros conhecimentos importantes, como a fabricação da munição e dos pavios que deveriam acender para fazer o disparo; o arcabuz foi a arma de fogo mais utilizada em terras americanas pelos europeus no decorrer do século XVI. Com o passar do tempo os indígenas foram se familiarizando até aprenderem, que aquele não era um instrumento estranho que lançava “a morte à distância” ou um tipo de magia dos invasores. Adquiriram o conhecimento sobre a necessidade de abastecer as mesmas com a pólvora e a importância do pavio para disparar a carga. Grande parte deste conhecimento originava-se dos índios desertores das fileiras espanholas, que se uniam aos mapuche. Outra parte destas informações vinham por meio do contato com os *yanacunas*,

¹⁹⁵ LATCHAM, 1924, op. cit. p. 469-470

¹⁹⁶ Ibid.

muitos deles, mesmo estando a serviço dos espanhóis, continuavam a se comunicar com os mapuche. Eles também eram os responsáveis pelo fornecimento da maioria das armas e munições aos mapuche, através de trocas, vendas ou quando eram saqueados por eles. Os indígenas depois de habituados com as armas de fogo - mesmo ainda sem utilizá-las - estavam em melhores condições para saber quando estas eram perigosas ou quando não poderiam atingi-los. Aprenderam a manter à distância quando os espanhóis estavam disparando ou fazendo ataques de cima de um penhasco com flechas e pedras a uma altura que os projéteis não pudessem atingi-los, mas principalmente, descobriram como evitar seu uso. Quando atacavam algum acampamento de surpresa, a primeira coisa que faziam era apagar todas as fogueiras para que os europeus não tivessem como acender o pavio das armas, ou ainda preferiam atacar debaixo de chuva, pois sabiam que as armas não iriam funcionar.¹⁹⁷ A obtenção de armas e munições ficou mais fácil após o surgimento da linha de fronteira que separou o território araucano do espanhol no final do século XVI. É claro que os saques e roubos continuaram, mas com a separação surgiu um intenso comércio entre os dois lados e dentre os inúmeros produtos comercializados estavam as armas.

Para grande parte dos índios americanos, os cavalos foram causadores de grande medo e terror, muitos deles acreditavam no mito de que cavalo e cavaleiro era uma só figura. No caso mapuche, após um espanto inicial, chama a atenção a rapidez com que esta etnia se apropriou dos animais trazidos pelos europeus e com certeza foi o elemento que mais causou mudanças. Além da enorme capacidade deste povo de adotar e adaptar a seu serviço as técnicas, instrumentos e bens trazidos pelos inimigos, os índios mapuche, já no período de Pedro de Valdívia, perderam o medo de enfrentar os espanhóis com seus cavalos. Num primeiro momento sacrificavam os animais juntamente com seus donos, mas aos poucos começaram a preservá-los e a interagir com eles, ao mesmo tempo, os cavalos passaram a ter um alto valor nos saques e a ser fruto de constantes roubos, mesmo entre os indígenas.

A incorporação do eqüino aos seus costumes foi um processo tão rápido e natural que parecia que o cavalo estava presente na sua cultura a várias gerações. Mas a maneira como o utilizavam não era apenas uma cópia da maneira espanhola, como foi o caso da arma de fogo, fizeram uma completa adaptação ao seu modo de vida, criaram uma maneira própria de utilizá-lo no seu dia-a-dia. Revolucionou sua mobilidade, alterando a capacidade de deslocamento do índio, que a pé era por volta de 50 quilômetros ao dia (e dificilmente poderiam manter este ritmo por muito tempo), com o cavalo sua capacidade foi aumentada

¹⁹⁷ GONZALEZ DE NÁJERA, loc. cit.

para 150 quilômetros e trocando de montaria, poderiam manter um ritmo constante por vários dias. Sua capacidade de transporte foi alçada a um patamar bem acima, principalmente com a introdução também de outro elemento importante, a carroça e além da incorporação ao transporte e a guerra, também passaram a consumir sua carne e seu couro. Os eqüinos se multiplicaram facilmente nas férteis pradarias da região araucana, ao ponto de, já no início do século XVII, os mapuche possuírem mais cavalos do que todo o exército espanhol presente no Chile. À medida que o tempo ia passando, tornavam-se cada vez mais experientes no seu manejo e mais interessados em aumentar suas tropas. Em pouco tempo aprenderam a incentivar sua reprodução em grande quantidade, além, é claro, de se transformarem em hábeis cavaleiros.

[...]podré con bastante fundamento encarecer con título de señalada, la ventaja que, después de la muerte del Gobernador Loyola, tienen los indios a nuestro españoles en número de caballería; pues es cierto que a cualquiera ordinaria ocasión a que se juntan, acostumbran sacar en campaña no menos que dos y tres mil caballos, y haciendo algún esfuerzo, aún los llegan a cuatro mil; y que a su respeto es muy inferior el número de los que tienen los nuestros, pues ordinariamente campeando los veranos, no juntan mas de cuatrocientos; y en caso que se reforzasen (para lo cual será necesario sacar los pocos de la guardia y guarniciones que tienen en algunos fuertes) no pasarían de seiscientos[...]¹⁹⁸

A partir do momento em que passaram a utilizar os cavalos nas batalhas, as forças mapuche se tornaram ainda mais resistentes:

Andan los enemigos después que se ven ricos de caballos, tan victoriosos, soberbios y arrogantes, que se puede creer sin duda que no trocarán su guerra por ninguna paz ni tregua, o otra suspensión de armas, aunque se les concedan todas las franquezas y libertades de que pudieran estar exentos sin nosotros, lo cual conforma con su corajosa y bárbara presunción, viendose tan soldados, bien armados y victoriosos, pues como tales usan de tan arrogantes amenazas que acostumbran a decir, que aún han de venir hasta Castilla a hacernos guerra.¹⁹⁹

Notícias apontam a utilização de uma cavalaria mapuche, conhecida como *kaweltulinko*, já no final da década de 1560.²⁰⁰ O primeiro contato que os espanhóis tiveram com os mapuche foi no ano de 1546,²⁰¹ assim, pouco mais de vinte anos após o primeiro

¹⁹⁸ Ibid. p. 107

¹⁹⁹ Ibid. p. 116

²⁰⁰ JARA, op. cit. p. 60

²⁰¹ VIVAR, op. cit. p. 169-170

encontro, já utilizavam nas suas investidas uma cavalaria organizada, “[...]los mapuches criaram la infanteria montada médio siglo antes que los ejercitos europeus[...]”.²⁰²

Após a criação de sua cavalaria, começaram a fazer as *malocas*, aqueles ataques rápidos feitos para saquear, raptar e queimar alguma localidade, empreendendo em seguida uma fuga rápida, tática, também apropriada dos espanhóis. Adaptaram os utensílios de montaria utilizando este conceito de cavalaria rápida: fizeram uma sela mais leve e simples do que a espanhola, o cabresto e a cabeçada feitos de couro e cordas, eram leves e resistentes, o freio era feito de madeira e o estribo não era nada mais do que uma argola pequena, também de madeira amarrada por uma tira de couro onde enfiavam apenas o dedão do pé, e para protegê-los cobriam apenas com uma manta de couro. Diziam que os apetrechos de montaria que os espanhóis utilizavam afligiam seus cavalos, deixando-os mais cansados e lentos; levando em conta toda a indumentária que cavalo e cavaleiro europeu usavam, com certeza essa observação era muito pertinente.

Os indígenas não se tornaram apenas bons cavaleiros e formaram uma cavalaria rápida e mortal, também inventaram um novo sistema de ataque, uma verdadeira inovação das táticas de combate no século XVI, não só para o Chile, mas para todos os domínios ibéricos no continente americano: além do cavaleiro armado com uma lança, traziam em sua garupa um hábil guerreiro munido de arco e flecha, tornando assim seus ataques muito mais mortais. Quando o índio mapuche queria reunir todo o contingente da cavalaria, utilizava um tipo de trombeta feita de ossos: “Las trompetas de que usa su caballería son unas cornetas hechas de canillas de piernas de españoles, y de indios nuestros amigos, con los cuales hacen un son tan triste y funesto, que causa enfado y pesadumbre el oirlo.”²⁰³

Como não poderia deixar de ser, além de agregar o equino ao seu mundo material, também o fizeram no mundo espiritual, incorporando-o aos seus rituais e cerimoniais, muitas vezes sacrificando-os, ingerindo seus pedaços e bebendo seu sangue. Amarravam em suas patas penas de pássaros acreditando que através delas o cavalo iria adquirir mais velocidade; faziam infusões com ervas e misturavam na água que bebiam; esfregavam nos cavalos o couro e também uma espécie de pedra que retiravam da vesícula de lhamas, guanacos e veados, julgando que deste modo a velocidade destes animais seria transferida para os equinos, além de esfregar, também diluíam uma parte da pedra na água e davam de beber; no

²⁰² ENCINA, Francisco A. **Resumen de la Historia de Chile**. Tomo 1. Segunda Edicion, Santiago de Chile: Empresa Editora Zig Zig, 1956.

²⁰³ GONZALES DE NÁJERA, op. cit. p. 114-115

momento dos combates também os pintavam com cores e formas idênticas as que usavam no próprio corpo.²⁰⁴

Mesmo havendo uma grande quantidade de informação sobre as armas e apropriações relativas à guerra do povo mapuche no século XVI, nas obras de Jerónimo de Vivar e Alonso de Ercilla não encontramos referências ao uso do cavalo e das armas de fogo, fato inteiramente compreensível já que ambos estiveram em terras chilenas antes dos mapuche começarem a utilizar o cavalo e este tipo de arma como aliados.

3.4 Lautaro

Dentre os vários personagens que se tornaram mito ao longo dos vários anos de leitura e interpretação do poema de Alonso de Ercilla, Lautaro, é com certeza a figura que recebeu maior destaque. Os cronistas, poetas e historiadores, principalmente nas campanhas pela independência chilena fizeram uma verdadeira glorificação deste personagem. Seus feitos também foram transcritos por Vivar, mas graças a Ercilla recebeu tamanha exaltação.

Alguns relatos sobre a personalidade de Pedro de Valdivia apresentam-no como um homem orgulhoso desejoso que seus feitos pudessem vir ser comparados aos heróis e príncipes do passado de sua pátria. Também ansiava auferir louros por sua generosidade, principalmente após se tornar governador do Chile. Entre seus numerosos servidores, compostos de mordomos, capelães, secretários de cartas, camareiros, cavaleiros e outros, haviam três criados favoritos, que foram denominados por Valdivia como Andrez, Agustin e Felipe, cujos nomes, segundo diziam por sua “carinhosa familiaridade” sempre pronunciava no diminutivo. Estes pajens foram capturados entre os indígenas em diferentes regiões; Andres no Vale do Copiapó, Agustin no Vale do Mapocho e o terceiro Felipe na região araucana. Valdivia dizia que havia colocado o nome de Felipe em homenagem ao filho único do Rei Carlos V. O nome indígena deste criado era Lautaro, segundo sua tradição, nome que simbolizava a agilidade.²⁰⁵ Como vimos no primeiro capítulo os mapuche tinham como costume adotar nomes de aves e outros animais e atribuí-los aos seus filhos: *luan* (guanaco) e *taro* (ave de rapina que vivia na região araucana). Era filho do *lonko* Curiñacu (Águia Negra)

²⁰⁴ ROSALES, 1877, t. 1, loc. cit.

²⁰⁵ VICUÑA MACKENNA, B. *Lautaro e sus três campañas contra Santiago, 1553-1557*. Santiago: Imprenta del Mercurio, 1876. p. 2-4

curi (negro) *ñancu* (águia). Nasceu e viveu sua infância no meio indígena, após sua captura pelos invasores, recebeu e aprendeu os costumes espanhóis, mas conseguiu manter sua memória.²⁰⁶ Viveu ao lado de Pedro de Valdivia tempo necessário para aprender seus anseios, sua personalidade e suas táticas.

Conhecendo profundamente o conquistador sabia de suas debilidades e também conhecia suas habilidades. Aprendeu que para vencer os espanhóis não poderiam apenas utilizar seus sistemas tradicionais de guerra. Quando retornou ao seio indígena, conseguiu através de seus ensinamentos e estratégias ganhar a confiança dos *tokis* e passou a ensinar os mapuche todo o aprendizado adquirido com o europeu, mas não se limitou a isto, aperfeiçoou e adaptou a seu modo algumas táticas. Lautaro foi o principal responsável pela apropriação do cavalo, ensinou-os que aquele animal estranho poderia ser domado e utilizado a seu favor e que ao derrubarem o inimigo no chão, este não tinha mais nenhuma vantagem.

Lautaro na verdade pode ser entendido como duas figuras: o homem da mitologia indígena criada pela rima de Alonso de Ercilla e ao mesmo tempo índio nobre, guerreiro, um estrategista em batalhas e cerco ao inimigo que conseguiu o respeito dos seus guerreiros e até dos próprios espanhóis.

Como já nos referimos, Ercilla foi o grande responsável pelo surgimento do mito sobre sua figura, mas imaginá-lo apenas como um personagem mítico, um simples nome de uma lenda heróica é um erro. Equívoco, muitas vezes cometidos por críticos que por muito tempo estiveram empenhados em negar o caráter e o título de poema épico a *La Araucana* por não ter justamente sua condição literária mais essencial, a presença de um herói. O poema não apresenta apenas a figura de um herói, mas de vários bravos guerreiros que resistem ferozmente ao conquistador. Lautaro é a figura que se sobressai dentre todos os demais e pode-se dizer que, dentro desta ótica, ele é o herói necessário ao reconhecimento da épica de Ercilla. Toda a primeira parte do poema gira em torno de sua figura. Dos quinze cantos que compõem esta parte, doze se ocupam de sua personalidade, seus feitos, o momento de sua deserção, sua reação durante o conselho que decidiu o destino de Pedro de Valdivia e o momento de sua morte.

Un hijo de un cacique conocido,
Que a Valdivia de paje le servía,
Acariciado dél y favorito,
En su servicio a la sazón venía;
Del amor de su patria conmovido,
Viendo que a más andar se retraía,

²⁰⁶ Ibid.

Comienza a grandes voces a animarla,
Y con tales razones a incitarla:[...] ²⁰⁷

Inicialmente a intenção tanto de Jerónimo de Vivar, quanto de Alonso de Ercilla era relatar os feitos de seus compatriotas no Novo Mundo. Ambos participaram das batalhas, mas na obra de Ercilla podemos visualizar as mudanças que ocorreram na sua ótica sobre os indígenas, o resultado final expressa o antagonismo que tomou conta do poeta-cavaleiro e Lautaro é o personagem que mais representa o olhar antagonico surgido entre os dois autores. Em *La Araucana* ele é o herói, aquele que representa a valentia indígena que resiste com todas as suas forças diante de um poderoso exército. Mesmo sendo um “bárbaro infiel” tem o seu lado humano, é inteligente, astuto e apesar de abandonar o seu benfeitor, Valdivia, não é de todo mau, este apenas atendeu ao chamado de seu sangue contra aqueles que afligiam seu povo. É exatamente o retrato da alma de Ercilla, a personificação da contradição que o poema apresenta, é um ser sem fé e nem lei, mas ao mesmo tempo é um herói guerreiro.

Em Vivar do início ao fim não existe o lado positivo, apenas a figura do “bárbaro”, que mesmo recebendo todo carinho e atenção, não foi capaz de absorver os ideais cristãos e entrega à morte seu “próprio salvador”. Jerónimo de Vivar era um defensor e admirador de Valdivia, nos seus escritos deixa transparecer todo o seu pesar contra o Lautaro.

[...] puesto que muchas veces los desbarataban y los hacían meter en los montes y viendo un mal indio, que se decía Lautaro que servía al gobernador, que los indios se aflojaban, se pasó a ellos, diciéndoles que se animasen y que volviesen sobre los españoles porque andaban cansados y los caballos no se podían menear. Acaudilló nos indios y, tomando una pica, escomenzó a caminar hacia los españoles y los indios a seguirle. ²⁰⁸

Vivar, ao contrário de Ercilla, mesmo após participar de batalhas e massacres não altera sua opinião, até o final de sua crônica mantém sua posição de que os indígenas deveriam ser dominados e cristianizados. Em momento algum deixa transparecer algum sentimento de arrependimento, acreditava em seus princípios e os manteve até o fim, ao contrário de Alonso de Ercilla que retrata em sua obra a transição que sofreu após pisar os territórios chilenos.

²⁰⁷ ERCILLA, op. cit. canto 3

²⁰⁸ VIVAR, op. cit. p. 274

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Ressaltamos mais uma vez a importância das crônicas para os estudos do período pré-hispânico e dos primeiros anos da conquista em toda a América Ibérica, que são fundamentais para conhecimento do século XVI e todo o período colonial. Estas fontes somadas com os estudos arqueológicos, genealógicos e várias outras, formam um aporte documental no mínimo produtivo. A partir das informações que nos trazem estes documentos, podemos propor questões não só do passado como também sobre momentos atuais que sejam relevantes. Como exemplo, temos a corrente de estudos criada por alguns historiadores chilenos a partir da década de 1980, denominada de “estudos fronteiriços”, voltados para a fronteira criada entre espanhóis e mapuche, com o intuito de analisar não só as relações que surgem desta situação, mas também o porquê do mito da Guerra de Arauco continuar fascinando boa parte da sociedade chilena até os dias de hoje. Dentre os vários cronistas que deram aporte ao nosso estudo, Alonso de Ercilla e Jerónimo de Vivar foram os que nos forneceram grande parte dessas informações. Não podemos esquecer as cartas de Pedro de Valdivia, as crônicas de Alonso de Ovalle, Diego de Rosales, Mariño de Lovera, Góngora Marmolejo, Pineda y Bascuñan e Gonzalez de Nájera, que contribuíram imensamente para o conteúdo deste trabalho, pois complementaram as informações que não encontramos em Vivar e Ercilla. Na leitura de todas estas obras encontramos as representações da intolerância existente no Chile, a primeira formalização da barbárie e demonização dos povos ali existentes.

Na obra de Ercilla, apesar de um viés muito mais literário do que propriamente histórico, ele cria, ao mesmo tempo, os “bárbaros infiéis” e as figuras indígenas elevadas ao nível dos heróis clássicos. Vivar, por sua vez, tem uma ótica mais negativa, eram apenas “bárbaros”, sem fé e nem lei que não queriam aceitar os benefícios da fé cristã e do domínio europeu. E é sobre esta figura de “guerreiros do demônio”, cujo grande valor no campo de batalha é utilizado para se contrapor ao seguidores de Deus, que vai se nortear sua crônica. Mesmo percorrendo caminhos diferentes, estas duas obras têm muito em comum. *La Araucana*, publicada ainda no século XVI teve uma rápida trajetória sendo conhecida em todo o mundo espanhol e é a principal fonte de criação do “mito araucano”. É ela que apresenta aos europeus, de forma poética, e com todas as novidades agregadas, o Novo Mundo. Diferentemente das cartas e crônicas que trazem apenas relatos e transcrições, o poema traz consigo a imaginação, a valentia e o heroísmo de dois mundos. A obra serviu como modelo

para diversos outros poemas épicos, foi criticada, imitada, admirada e usada como arma política, trazendo consigo uma imensa quantidade de representações e envolvimento emocional. Ercilla, no início de seu poema, deixa transparecer sua intenção em descrever as façanhas dos espanhóis no continente americano, mas com o decorrer do tempo e de sua vivência nas terras chilenas, aos poucos, sua ótica vai se transformando e acaba por alterar sua condição, de soldado que participa das batalhas, para a de um poeta que utiliza sua obra para criticar os meios empregados pelos espanhóis na conquista, colocando em xeque o modelo implantado. No final de sua obra podemos identificar o conflito de sua consciência, o modelo cristão de conquista já não é o mais justo, emerge então, uma visão crítica contra o europeu e um olhar mítico dos indígenas, a sua “demonização” praticamente desaparece. A crônica de Vivar seguiu o caminho oposto ao de *La Araucana*, não foi publicada logo após o seu término e ao longo do período colonial desapareceu, surgindo novamente somente no século XX, mas ao que parece, antes de se perder influenciou Alonso de Ercilla e, possivelmente, junto com outros relatos do mesmo período. Em *Crônicas de los Reinos de Chile* podemos encontrar a comprovação de inúmeras passagens de *La Araucana*. Vários episódios que tinham características de ficções poéticas, e que muitos críticos alegavam ter nascido da mente de Ercilla, a partir da publicação da crônica de Vivar, são cristalizadas como acontecimentos verdadeiros. Dentre estas passagens estão algumas famosas, como a que relata o instante em que Lautaro resolve ajudar os índios abandonando Pedro de Valdivia, incentivando-os até conseguirem a vitória, ou a eleição de Caupolican como *toki* que iria conduzir a guerra contra os invasores e a revolta de Fresia quando descobre a rendição de Caupolican, também relata a morte de Lautaro e várias outras. É bem provável que foi em Vivar que Alonso de Ercilla buscou uma parte de sua inspiração para transformar em poema toda a profusão de acontecimentos que se passavam nas terras chilenas nos anos iniciais da colônia, assim como o cronista espanhol também buscou nas cartas de Valdivia e nos depoimentos de testemunhas muitos dos relatos que aparecem em seus escritos. Apesar de apresentar um tom mais realístico e bem mais sisudo do que o imaginário poético descrito em *La Araucana*, a qualidade dos relatos de Vivar são inegáveis. Desde sua primeira publicação, surgiram novos pensamentos e novos rumos sobre os anos iniciais da conquista no Chile. Ela também nos permite conhecer parte da vida pré-hispânica chilena, com detalhes não encontrados em outras crônicas e de povos que não são relatados com a riqueza de detalhes que Vivar apresenta. Com certeza uma obra com destacada importância antropológica, histórica, etnológica, lingüística, literária e sociológica. Não podemos esquecer que é a primeira obra em formato de crônica e a primeira após as cartas de Pedro de Valdivia. Na história da invenção do

“bárbaro indiano”, o caráter desta obra amplia os enunciados negativistas que as cartas de Valdivia já haviam transmitido ao mundo europeu, mas ao contrário de Ercilla, Jerónimo de Vivar não altera seu discurso ao longo do texto, até o final continua acreditando em seus princípios, na glória do Império Espanhol e do mundo cristão, e assim como Pedro de Valdivia, tentando com seus relatos encorajar mais bravos espanhóis a rumarem para o Novo Mundo. O discurso cavaleiresco, que é a base do sujeito conquistador cristão, continua fundamentado e retratado na sua obra.

A Guerra de Arauco passou a ser tema de estudos desde a publicação do poema de Alonso de Ercilla no final do século XVI, desde então, inúmeras obras e observações foram produzidas sobre este conflito, mas muitas delas sempre se ativeram apenas ao heroísmo indígena e aos feitos notáveis dos espanhóis. A historiografia, principalmente do século XIX, sempre acolheu e difundiu, como verdade inquestionável, o sentido heróico resultantes dessas interpretações. Grande parte se deve à simples incorporação do heroísmo sugerido em *La Araucana*, juntamente com as crônicas e documentos oficiais. Diante destas interpretações surgiu a noção de uma guerra heróica e sangrenta que durou trezentos anos, mas uma situação tão complexa não poderia ter sido analisada de maneira tão superficial. Este tipo de análise descompromissada ajudou a criar o mito em que esta guerra se transformou e com a principal virtude: um mito que não precisa ser contestado, que não admite prova contrária e que acabou criando um sentimento ilusório que influenciou na criação do caráter nacional chileno. A guerra em vários momentos foi utilizada como símbolo e durante muito tempo o modo de vida chileno foi abastecido pelo espírito guerreiro dos anos iniciais da conquista, espírito que na realidade foi pouco a pouco se alterando, principalmente após o surgimento da linha de fronteira e o contexto que este tipo de relação fronteiriça apresenta.

Para uma melhor análise deste conflito é necessário ter em mente que ele realmente durou três séculos, mas com períodos distintos. Temos a fase inicial da conquista, que foi uma fase sangrenta de inúmeros combates, também de constantes trocas de informações e apropriações, principalmente pelo lado indígena. Este período tem aproximadamente um século, iniciando com a chegada dos espanhóis e indo até meados do século XVII, quando tem início outra fase, denominada por alguns historiadores chilenos de fase dos parlamentos. Fase que foi caracterizada pela sua relativa tranquilidade, sem dúvida houve combates, mas se comparados com a fase anterior, ocorreram em proporções bem reduzidas. Ela começa a partir da década de 1660 e dura até o início do século XIX onde surgiu um novo período de combates programados ou induzidos. A guerra já praticamente não existia, o que imperava eram as relações de fronteira que desde o início foram minando as forças mapuche, mas com

o início da campanha pela independência, muitos ataques foram induzidos para que a “galhardia” mapuche pudesse ser resgatada e servir aos ideais revolucionários. Cada um destes períodos, apesar de estarem dentro do mesmo contexto da guerra araucana, deve ser estudado com cuidado, mas por outro lado, apesar de terem suas próprias características, também não é possível serem desvinculados, pois cada parte influenciou diretamente a outra, ou seja, uma fase não seria passível de entendimento sem um olhar sobre a fase anterior. Concentramos nosso trabalho na primeira parte desta guerra, onde justamente os contatos iniciais, as relações e as apropriações se tornaram o alicerce para a formação da colônia chilena.

Verificamos, no decorrer deste trabalho, que os mapuche tinham alguns fatores que lhes favoreciam: sua numerosa população, por si só, já era um grande fator de resistência. A falta de um poder centralizado, somada com a característica de se unirem nos momentos de crise para combater um inimigo em comum, sem dúvida, foram condicionantes inteiramente favoráveis. O fato de residirem em uma região que lhes fornecia uma farta alimentação garantiu plenamente sua sobrevivência. A convivência que eles estabeleceram com a natureza foi adequada, souberam aproveitar perfeitamente sua região, tanto para se defenderem dos intrusos, quanto para se esconderem de ataques. Não podemos deixar de lado suas características guerreiras e as transformações que sofreram durante todo o conflito, sem dúvida foram esses uns dos principais fatores, que somados aos outros acima descritos, resultaram nesta longa guerra.

Sabemos que não só os mapuche, mas todas as etnias presentes nos territórios chilenos no momento do contato, cada qual á sua maneira, tentaram resistir ao domínio europeu. A resistência não foi efetiva como a da região araucana, principalmente porque tinham uma população bem reduzida se comparada com a população mapuche, e não tinham a mesma facilidade na obtenção de alimentos, além disso, sofreram intensamente com a catástrofe demográfica nas regiões de maior contato com os europeus e pouco antes da chegada destes apresentavam um estágio diferente de organização de trabalho e social que acabou por aproximá-los dos invasores.

As substanciais transformações pelas quais o sistema de guerra mapuche passou, acabaram trazendo graves conseqüências para o sistema colonial implantado por *criollos* e espanhóis. A colônia chilena ficou inteiramente a beira da ruína no início do século XVII, o que levou a uma total transformação do modelo até então implantado. Nos anos iniciais o poderio espanhol era incontestável, mas à medida que o tempo foi passando, as táticas indígenas foram se aperfeiçoando até chegarem a um verdadeiro equilíbrio de forças, com

altos e baixos para ambos os lados, que acabou resultando na grande rebelião no ano de 1598 e o surgimento da fronteira araucana. Sob um olhar inicial, esta divisão foi uma vitória indígena, pois realmente conseguiram um feito inédito que não se repetiu na história colonial ibero-americana, uma etnia indígena expulsar os espanhóis de suas terras. Mas por outro lado, justamente este feito, com o passar do tempo, tornou-se favorável para a determinação da derrota dos índios. Durante os anos seguintes à sua expulsão do território mapuche, os espanhóis chegaram à beira do abismo tomados pelo espanto de tamanho poderio alcançado pelos índios. Como estavam impregnados pela idéia de que os indígenas eram pessoas de menor inteligência ao se depararem com estes utilizando suas próprias armas, adaptando-as para um uso ainda melhor, montando nos equinos como se conhecessem esta arte há séculos, sofreram um impacto tão grande no campo psicológico quanto o foi no campo de batalha. Mas as transformações na maneira de guerrear dos mapuche não são as únicas causas para explicar a equiparação dos dois lados.

A constituição do exército espanhol com suas deficiências e contradições também pode ser encarado como importante fator que influenciou o prolongamento do conflito. Qualquer explicação dos feitos indígenas sem um olhar sobre o lado espanhol, com certeza resultará numa análise falha. Os europeus, desde o início da conquista, sempre tropeçaram nas dificuldades naturais da geografia chilena (que diminuía sua superioridade). A falência das *encomiendas* e a reduzida quantidade de minas de ouro não trouxeram a prosperidade econômica que os colonizadores esperavam, dificultando também a vinda de novos contingentes e um rápido aumento populacional. Sua cavalaria não tinha muita utilidade na montanha, na selva ou nos pântanos. Dentro dos bosques, a lança, arma favorita do cavaleiro, se tornava um inconveniente e não uma vantagem. O uso das armas de fogo foi ainda mais prejudicado, os canhões ficavam quase sempre restritos aos fortes, eram pesados e os caminhos não favoreciam seu transporte. A pólvora era sempre escassa e se deteriorava com a umidade; os pavios apagavam ou nem sequer acendiam por causa das chuvas e até mesmo falta de fogo. Quando iam atravessar um rio, tomavam cuidado redobrado para evitar que o equipamento molhasse, mas nem sempre conseguiam. As forças indígenas sem sombra de dúvida no decorrer dos anos foram se aperfeiçoando, mas mesmo com todas as suas apropriações ainda não poderiam ser equiparados a um exército tão poderoso como era o espanhol. Somente a soma desses percalços, aliados à resistência indígena, puderam alterar o rumo da colonização que os espanhóis patrocinavam nas terras chilenas.

Nossa pretensão com este trabalho foi trazer mais um tema para o estudo da América Colonial, tema praticamente ainda não explorado pela historiografia brasileira. O Chile pré-

hispânico e colonial é fruto de raros estudos no Brasil, apesar de ser um campo de trabalho muito rico e frutífero. Esperamos que estas reflexões possam ser o ponto de partida para várias outras, ampliando efetivamente este panorama.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Fontes

ERCILLA, Alonso de. **La Araucana**. Edición de Isaías Lerner. Madrid: Editorial Cátedra, 1993.

_____. **La Araucana**. Edición, introducción y notas de Marcos A. Morínigo e Isaías Lerner. Madrid: Castalia, 1990.

_____. **La Araucana**. Edición Del Centenario el publica José Toribio Medina. Santiago: Imprenta Elzeviriana, 1910. disponível em: <http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/p246/13560953901028051800080/index.htm> acesso 23 abril 2007.

VALDIVIA, Pedro de. **Cartas de Relación de la conquista de Chile**. Edición crítica de Mario Ferreccio Podestá. Santiago. Editorial universitária, 1970 [1550]

VIVAR, Jerônimo. **Crônica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin. 2001.

_____. **Crónica y relación copiosa y verdadera de los Reinos de Chile (1558)**. Edición de Leopoldo Sáez-Godoy. Berlín: Colloquium Verlag., 1979.

_____. **Crónica e relación copiosa y verdadera de los reinos de Chile (1558)**. Edición Irving A. Leonard. Santiago de Chile: Fondo histórico e bibliográfico José Toribio Medina, 1966.

Livros e Periódicos

AQUILA, August, **Alonso de Ercilla y Zuñiga en A Basic Bibliography**. Londres: Grant na Cutler, 1975.

ATTALI, Jacques. **1492**. Lisboa: Teorema, 1991.

BAKTIN, Mikhail. **A cultura popular na Idade Médio e no Renascimento: o contexto de François Rabelais**. 2 ed. São Paulo-Brasília: Edunb/Hucitec, 1993.

BARRAL GOMEZ, Ángel. Introducción In: VIVAR, Jerónimo. **Crónica de los reinos de Chile**. Edición de Angel Barral Gómez. Madrid: Dastin, 2001.

BARROS ARANA, Diego. **Los antiguos cronistas de Chile**. Obras completas. Tomo VIII. Santiago de Chile. 1910.

BENGOA, José. **História de um conflito: El estado y los mapuches en el siglo XX**. Buenos Aires: Planeta, 2000.

_____. **História del Pueblo Mapuche: Siglo XIX y XX**. Santiago: Ediciones Sur, Colección Estudios Históricos, 1985.

BERNAND, Carmen (org) **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años**. México: FCE, 1994.

BLOCH, Marc. **Apologia da História ou O Ofício de Historiador**. tradução André Telles. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BOCCARA, Guillaume. Poder colonial e etnicidade no Chile: territorialização e reestruturação entre os Mapuche da época colonial. **Tempo**, 2007, vol.12, n.23, p.56-72.

BRUIT, Héctor H. Apresentação Geral das Crônicas. **Idéias**, Campinas, v. 11 n. 1 p. 15-19, 2004.

BURKE, Peter. **A escrita da História: novas perspectivas**. Trad. Magda Lopes. São Paulo: Edunesp, 1992.

_____. **Variedades de História Cultural**. Rio de Janeiro: Civ. Brás, 2000.

_____. **O que é História Cultural?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2004.

_____. **A Revolução Francesa da historiografia: a Escola dos Annales, 1929-1989**. São Paulo: Edunesp, 1991.

CARDOSO, Ciro Flamarion e VAINFAS, Ronaldo (orgs). **Domínios da História: ensaios de teoria e metodologia**. Rio de Janeiro: Campus, 1997.

CAPDEQUI, J.M. **El estado español en las Índias**. México: El Colégio de México, 1941.

CERTEAU, Michel de. **A escrita da história**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1982.

CÉSPEDES DEL CASTILLO, Guillermo. **Ensayos sobre los reinos castellanos de Indias**. Madrid: RAH, 1999.

_____. **América Hispánica (1492-1898)**. Barcelona. Editorial Labor, 1983. (História de Espanha, VI).

CHARTIER, Roger. **A História Cultural. Entre práticas e representações**. Lisboa: Difel 1988.

_____. **Cultura escrita, literatura e história**. Porto Alegre: Artmed, 2001.

CRUZ, Guillermo F. **Las encomiendas según tasas y ordenanzas**. Buenos Aires: Talleres, 1941.

DAVIE, Maurice R. La guerre dans les sociétés primitives. Son Role et son évolution. Paris. 1931 In: JARA, Álvaro. **Guerra y Sociedad en Chile**. Santiago de Chile: Editorial Universitária. 1972.

ELLIOTT, J. H. **El viejo mundo y el nuevo 1492-1650**. Madrid: Alianza Editorial, 1997.

_____. **Espana y su mundo; 1500-1700**. Madrid: Alianza Editorial, 1990

ENCINA, Francisco A. **Resumen de la Historia de Chile**. Tomo I. Segunda Edicion, Santiago de Chile: Empresa Editora Zig Zig, 1956.

ESTEVE BARBA, Francisco. Descubrimiento y conquista de Chile In: BALLESTEROS Y BERETTA, Antonio (orgs) **História de América y de los pueblos americanos**. Barcelona: Salvat Editores, 1946. Tomo XI.

EYZAGUIRRE, Jaime. Reseña a la obra: Jerónimo de Vivar, Crónica y relación verdadera de los Reinos de Chile, **História**, 6. Instituto de História Universidade Católica de Chile, 1967. pp. 376-378.

FIGUEROA, Andrea Ruiz-Esquide. **Los indios amigos en la frontera araucana**. Santiago de Chile: Direccion de Bibliotecas Archivos y Museos - Centro de Investigaciones Diego Barros de Arana, 1993.

FOERSTER G., Rolf. **Jesuítas y Mapuches: 1593-1767**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1996.

_____. **Introducción a la religiosidad mapuche**. Santiago de Chile: Editorial Universitária, 1995.

GALDAMES, Osvaldo S. **Breve História Contemporânea de Chile**. México D.F.: Fondo de Cultura Económica, 1995.

_____. Hombres fuertes y liderazgo en las sociedades segmentarias: un estudio de casos. **Cuadernos de História**. Santiago, v. 15 p. 49-63

GALEANO, Eduardo. **As veias abertas da América Latina**. 48ª edição. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2008.

GEERTZ, Clifford. **A interpretação das culturas**. Rio de Janeiro: Guanabara Koogan, 1989.

GINZBURG, Carlo. **Mitos, Emblemas e Sinais**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.

_____. **A Micro-História e Outros Ensaio**s. Rio de Janeiro: Difel, 1989.

_____. **História Noturna. Decifrando o Sabá**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

GÓNGORA, Mario. **Encomenderos y Estancieros**. Estudios acerca de la constitución social aristocrática de Chile después de la conquista 1580-1660. Santiago: Universidad de Chile, 1970.

GÓNGORA MARMOLEJO, Alonso de. **História de Chile. Desde su descubrimiento hasta el año de 1575**. Tomo II. Santiago: Imprenta del Ferrocarril, 1862.

GONZALEZ, Eusebio G. **La Encomienda**. disponível em <http://www.monografias.com/trabajos56/la-encomienda/la-encomienda.shtml> acesso em 25 junho 2008.

GONZALEZ DE NÁJERA, Alonso. **Desengaño y reparo de la guerra de Chile**. Santiago: Edit. Universitária, 1970.

GRUZINSKI, Serge. Las repercusiones de la conquista: la experiência novohispana In: BERNAND, Carmen (org) **Descubrimiento, conquista y colonización de América a quinientos años**. México: FCE, 1994.

_____. **La colonización de lo imaginário. Sociedades indígenas y occidentalización en el México español siglos XVI-XVIII**, México: FCE, 1991.

GUERRA, François-Xavier. Identidades e independência: la excepción americana” In: **Cuadernos Ahila** [Versão On-Line], n. 02, 1994. Disponível em: <http://ahila.nl/publicaciones/cuadernos.html>. Acesso em 02 fev. 2008

GUEVARA, Tomas. **Costumbres judiciales i enseñanza de los araucanos**. Santiago: Imprenta Cervantes, 1904.

HARTOG, François. **O espelho de Heródoto. Ensaio sobre a representação do outro**. Belo Horizonte: UFMG, 1999.

HERRERA LARA, Ricardo H. La construcción histórica de la araucanía: de la historiografía oficial a las imágenes culturales y dominación política. **Rev. Austral Cienc. Soc.** Valdivia, no.7, p.29-40, 2003. Disponível em: http://mingaonline.uach.cl/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0718-17952003000100004&lng=es&nrm=iso>. Acesso em 13 maio 2008.

HINKELAMMERT, Franz. **Sacrificios humanos y sociedad occidental**. San José: DEI, 1991.

HUNT, Lynn (org.). **A nova História Cultural**. São Paulo: Martins Fontes, 1992.

JARA, Álvaro. **Guerra y Sociedad en Chile**. Santiago de Chile: Editorial Universitária. 1972.

KARNAL, Leandro. As crônicas ao sul do Equador. **Idéias**, Campinas, v. 13 n. 2 p. 11-23, 2006.

LADERO QUESADA, Miguel Angel. **La España de los Reyes Católicos**. Madrid: Alianza Editorial, 1999.

LATCHAM, Ricardo. **La organización social y las creencias religiosas de los antiguos araucanos**. Santiago: Imprenta Cervantes, 1924.

_____. **La Prehistoria Chilena**. Santiago: Sociedad, Imprenta y Litografía Universo, 1928.

LAVIANA CUETOS, Maria Luisa. **La América española , 1492-1898**; de las Índias a nuestra América. Madrid: História 16, 1996.

LEÓN PINELO, Antonio de. **Epítome de la Bibliotheca Oriental y Occidental. Náutica y Geográfica (1629)**. Edición y estudio introductorio H. Capel, vols. I y II. Barcelona: Universidade de Barcelona, 1982.

LOPRESTTI, Mitzi Virgínia Segovia. **A política Indigenista da Unidade Popular (1970-1973): o problema mapuche, um problema de todos os chilenos**. 1996. 188 f. Dissertação (Mestrado). Universidade Federal de Goiás, Goiânia, 1996.

LUTZ, Guillermo Cortés. Los cronistas del siglo XVI em Chile: Elementos para el estudio de Atacama. **Clio**, Copiapó. n. 33 pp 1-32, 2007. Disponível em: <http://clio.rediris.es/n33/n33/cronistaschile.pdf> . Acesso em 21 fev. 2008.

MANQUILEF, Manuel. **Comentarios del Pueblo Araucano**. La gimnasia nacional. Santiago: Imprenta Barcelona, 1914.

MARIÑO DE LOVERA, Pedro. **Crônica del Reino de Chile**. Santiago. Edit. Universitária, 1970.

MEDINA, José Toribio. **Los Aborijenes de Chile**. Santiago: Imprenta Gutemberg, 1882.

_____. **Las mujeres en La Araucana de Ercilla**. In: Revista Hispaniall, 1928.

_____. **Colección de Documentos inéditos para la história de Chile. Desde el viaje de Magallanes has la batalla de Maipo, 1518-1818**. Tomo XXII. Santiago de Chile, 1900.

_____. **Diccionario Biográfico colonial de Chile**. Santiago. Ed. Elzeviriana, 1906.

MORÍNIGO, Marcos. LERNER, Isafas. **Introdução en La Araucana**. Madrid: Castali, 1977.

NERUDA, Pablo. **Para nacer he nacido**. Barcelona, Editorial Seix Barral, 1978.

OLIVA, Coll Josefina. **A resistência Indígena**. Do México à Patagônia, a história da luta dos índios contra os conquistadores. São Paulo: L & PM Editores, 1986.

ORELLANA SUÁREZ, Leonides del C. **La Araucana: Génesis de una identidad nacional**. 2000. 102 f. Dissertação (Mestrado em literatura espanhola). Universidade de São Paulo, São Paulo, 2000.

OVALLE, Alonso de. **Histórica Relación del Reino de Chile**. Santiago, Instituto de Literatura Chilena. 1969 [1646]

PASTOR, Beatriz. **Discurso narrativo de la conquista de América**, La Habana: Ediciones Casa de las Américas, 1983.

PINEDA Y BASCUÑAN, Francisco Nuñez de. **Cautiverio Feliz**. Santiago. Editorial Universitária, 1973 [1673]

PINTO, Jorge. **Misioneros y mapuches, el proyecto del Padre Luis de Valdivia y el Indigenismo de los Jesuitas en Chile**. Santiago: Série Nuevo Mundo. Cinco Siglos (Encuentro de Etnohistoriadores) n. 01, 1988.

PINTO, Jorge. SALINAS, Maximiliano e FOESTER, Rolf, **Misticismo y violència en la temprana evangelización de Chile**. Temuco: Departamentode Humanidades. Facultad de Educación y Humanidades Universidad de La Frontera, 1991.

PORTUGAL, Ana Raquel M. da C. M. A inquisição espanhola e a bruxaria andina: evangelização e resistência. **Revista de História Regional**. Ponta Grossa. Vol. 4, nº. 2, pp. 9-34, 1999. Disponível em: <http://www.revistas.uepg.br/index.php?journal=rhr&page=article&op=view&path%5B%5D=136&path%5B%5D=72> acesso em: 22 ago. 2008.

QUIROGA, Jerônimo de. **Memórias de los sucesos de la Guerra de Chile**. Santiago: Editorial Andrés Bello, 1979 [1640]

RAMOS, Demetrio. Notícias del manuscrito inédito de la 'Chronica del Reyno de Chile' de Hieronymus de Bivar, **Revista de Índias**, año XII, enero-marzo, n. 47, Madrid, 1952. pp. 101-109.

REIS, Anderson R. dos. FERNANDES, Luiz Estevam O. A crônica colonial como gênero de documento histórico. **Idéias**, Campinas, v. 13 n.2 p. 25-41, 2006.

ROJAS, Waldo. **La Araucana de Alonso de Ercilla y la fundación legendaria de Chile**. Alicante: Biblioteca Virtual Miguel de Cervantes, 2007. disponível em: http://www.cervantesvirtual.com/servlet/SirveObras/01048074096706248568813/p0000001.htm#_0_. acesso em 18 nov. 2007

ROMANO, Ruggiero. **Os conquistadores da América**. Lisboa: Publicações Dom Quixote, 1972.

_____. **Os Mecanismos da conquista colonial**. São Paulo: Perspectiva, 1995.

ROSALES, Diego de. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo I. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaíso: Imprenta Del Mercurio, 1877.

_____. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo II. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaíso: Imprenta Del Mercurio, 1878.

_____. Diego de. **Historia General de el Reyno de Chile y Flandes Indiano**. Tomo III. Edición de Benjamin Vicuña Mackenna. Valparaíso: Imprenta Del Mercurio, 1878.

SARMIENTO, Domingo F. **Conflictos y armonías de las razas en América**. Buenos Aires: Imprenta de D. Tuñez, 1883.

SCHWARTZ, B. Stuart. LOCKHART, James. **A América Latina na época colonial**. Trad. Maria Beatriz de Medina. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002.

SILVERBLATT, Irene. Doses y diablos: idolatrías y evangelización. **Revista del Instituto de Pastoral Andina**. Cusco, N. 19, 1982.

SOLANO, Francisco et al. **Proceso histórico al conquistador**. Madrid: Alianza Editorial, 1988.

THAYER T.; LARRAÍN, J. **Valdivia y sus compañeros**. Santiago, 1950.

THEODORO, Janice. **América Barroca. Tema e Variações**. São Paulo, Ed. Nova Fronteira/Edusp, 1992.

TODOROV, Tzvetan. **A conquista da América**. A questão do outro. São Paulo: Martins Fontes, 1983.

VALLET GOYTISOLO, Juan. et al. **Estampas de Chile (de la población hispánica a la experiencia allendista)**. Madrid: Editorial Speira, 1974.

VICUÑA MACKENNA, B. **Lautaro e sus três campañas contra Santiago, 1553-1557**. Santiago: Imprenta del Mercurio, 1876.

VILLALOBOS R. Sergio. **Vida Fronteriza en la Araucanía. El mito de la Guerra de Arauco**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1995.

_____. **Relaciones fronterizas en la Arucanía**. Santiago. Chile: Ediciones Universidad Católica de Chile, 1982

_____. **La vida fronteriza en Chile**. Madrid: Editorial Mapfre, 1992

_____. **Para una meditación de la conquista**. Santiago: Editorial Universitaria, 9ª edición, 1992.

ZAPATER, Horácio. **La búsqueda de la paz em la Guerra de Arauco: Padre Luis de Valdivia**. Santiago de Chile: Editorial Andrés Bello, 1992.

ZAVALA. Silvio. **Las instituciones jurídicas en la conquista de América**. Madrid, 1935.

Livros Grátis

(<http://www.livrosgratis.com.br>)

Milhares de Livros para Download:

[Baixar livros de Administração](#)

[Baixar livros de Agronomia](#)

[Baixar livros de Arquitetura](#)

[Baixar livros de Artes](#)

[Baixar livros de Astronomia](#)

[Baixar livros de Biologia Geral](#)

[Baixar livros de Ciência da Computação](#)

[Baixar livros de Ciência da Informação](#)

[Baixar livros de Ciência Política](#)

[Baixar livros de Ciências da Saúde](#)

[Baixar livros de Comunicação](#)

[Baixar livros do Conselho Nacional de Educação - CNE](#)

[Baixar livros de Defesa civil](#)

[Baixar livros de Direito](#)

[Baixar livros de Direitos humanos](#)

[Baixar livros de Economia](#)

[Baixar livros de Economia Doméstica](#)

[Baixar livros de Educação](#)

[Baixar livros de Educação - Trânsito](#)

[Baixar livros de Educação Física](#)

[Baixar livros de Engenharia Aeroespacial](#)

[Baixar livros de Farmácia](#)

[Baixar livros de Filosofia](#)

[Baixar livros de Física](#)

[Baixar livros de Geociências](#)

[Baixar livros de Geografia](#)

[Baixar livros de História](#)

[Baixar livros de Línguas](#)

[Baixar livros de Literatura](#)
[Baixar livros de Literatura de Cordel](#)
[Baixar livros de Literatura Infantil](#)
[Baixar livros de Matemática](#)
[Baixar livros de Medicina](#)
[Baixar livros de Medicina Veterinária](#)
[Baixar livros de Meio Ambiente](#)
[Baixar livros de Meteorologia](#)
[Baixar Monografias e TCC](#)
[Baixar livros Multidisciplinar](#)
[Baixar livros de Música](#)
[Baixar livros de Psicologia](#)
[Baixar livros de Química](#)
[Baixar livros de Saúde Coletiva](#)
[Baixar livros de Serviço Social](#)
[Baixar livros de Sociologia](#)
[Baixar livros de Teologia](#)
[Baixar livros de Trabalho](#)
[Baixar livros de Turismo](#)